

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

DE GAULLE E ADENAUER AVISTARAM-SE EM BADEN-BADEN PARA DISCUTIR A UNIFICAÇÃO EUROPEIA

BADEN-BADEN (Alemanha Ocidental), 15 — O general de Gaulle, presidente da República francesa, e Konrad Adenauer, chefe do Governo da Alemanha Ocidental, avistaram-se hoje nesta cidade.

Proveniente de Paris, de Gaulle chegou esta manhã, de avião, ao aeródromo militar francês de Lahr, a uns 30 km de Baden-Baden, para onde seguiu de automóvel, escoltado por motociclistas da Polícia alemã.

ma. Era acompanhado por Couve de Murville, ministro francês dos Negócios Estrangeiros. Adenauer, chegou de comboio a Baden-Baden, tendo partido de madrugada de Bonn.

O encontro dos dois estadistas teve lugar na «Villa Brénner». De Gaulle era assistido por Couve de Murville e Charles Lucet, chefe da secção de Negócios Políticos do Quai d'Orsay, e Adenauer por Ger-

hard Schroeder, ministro dos Negócios Estrangeiros, Herbert Blaukenhorn, embaixador em França, e outros funcionários.

Em Baden-Baden, foram tomadas rigorosas medidas de segurança por causa do encontro.

NÃO COINCIDEM AS OPINIÕES DOS DOIS ESTADISTAS

Fontes geralmente fidedignas dizem que foi o dr. Adenauer quem tomou a iniciativa desta reunião, assustado pelas recentes declarações do general de Gaulle de que a França não aprova inteiramente uma integração política europeia.

Afirmam os observadores que de Gaulle e Adenauer tentam chegar a um acordo completo sobre o futuro político da Europa.

No que respeita ao estreitamento dos laços entre os países membros do Mercado Comum, as opiniões dos dois estadistas não coincidem, pois Adenauer pretende uma federação de Estados europeus e de Gaulle apenas aceitar uma confederação de Estados inteiramente soberanos.

Quanto às forças armadas, o presidente pretende para a França uma força atómica independente, ao passo que a Alemanha tem as suas tropas inteiramente integradas na N. A. T. O.

O ano passado, os dois estadistas tiveram três encontros semelhantes, durante os quais verificaram estar de acordo, sobretudo, no que diz respeito à firmeza ocidental em Berlim. — (A. N. I., F. P. e R.).

DE GAULLE TENCIONARIA PROPOR A ADENAUER FORNECER-LHE BOMBAS ATÓMICAS

HAIA, 15 — A Rádio Mundial Holandesa (Rádio Nederland Wereldomroep) anunciou hoje que de Gaulle tencionaria propor a Adenauer fornecer-lhe bombas atómicas francesas. Esta oferta, segundo aquela emissora, destinava-se a obter o apoio da Alemanha Ocidental para os planos franceses de união política europeia. — (F. P.).



Rafael Trujillo Junior

A EXTRADIÇÃO de Trujillo Junior pedida à França pelo Governo dominicano

S. DOMINGOS, 15. — Um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros dominicano revela que o Governo pediu à França a prisão e a extradição de Rafael Trujillo Junior e dos ex-coroneis Luis Estevez e Gilberto Rubirosa.

Trujillo Junior, filho do antigo ditador, fugiu para Paris, em Novembro passado, depois de uma questão com o presidente Balaguer. Os dois outros foram demitidos das Forças Aéreas nos primeiros dias de Dezembro. — (R.).

Ibn Saud chegou a Madrid e conferenciará com Franco

MADRID, 15 — Depois de uma escala pelo aeroporto das Lajes, nos Açores, chegou hoje ao aeroporto de Barajas, em Madrid, procedente de Washington, no seu avião especial a jacto, o rei Ibn Saud da Arábia, que vem passar umas férias em Espanha e conferenciar com o generalíssimo Franco.

Esta noite, Franco oferece um banquete de gala ao rei saudita, que parte amanhã para Málaga, onde passa oito a dez dias de férias. Durante a sua permanência em Espanha, Ibn Saud deve relatar ao generalíssimo as conversações que teve com Kennedy, em Washington, e estudar com Franco a situação no Médio Oriente. — (A. N. I.).



Um verdadeiro mar de gente (falou-se em meio milhão) tomou parte no funeral das vítimas das manifestações do passado dia 8, em Paris, contra a actividade da O. A. S. Em cima vê-se o antigo primeiro-ministro, Pierre Mendès-France, que tomou a dianteira do impressionante cortejo de silêncio e dignidade.

FALECEU a imperatriz da Etiópia

ROMA, 15 — Faleceu na madrugada de hoje em Addis Abeba, a imperatriz Menen, da Etiópia.

A imperatriz tinha 70 anos e casara-se com Hailé Selassié em 1911, tendo-lhe dado seis filhos.

Menen, que foi coroada rainha em 1928 e imperatriz em 1930 com o título de «Itegue Menen», reinou sem coroa desde o fim da guerra. Colocara-a, então, no templo de Jerusalém em cumprimento de uma promessa que fizera, pedindo a libertação da Etiópia do domínio italiano. — (A. N. I. e R.).

VISADO PELA CENSURA



DEVEM TERMINAR HOJE OU AMANHÃ as conversações secretas entre franceses e argelinos

PARIS, 15 — As conversações secretas franco-argelinas, que estão a realizar-se desde domingo algures na França, próximo da fronteira com a Suíça, devem terminar esta noite ou amanhã de manhã, segundo indicaram círculos ligados ao Governo francês.

Está previsto que Louis Joxe, ministro para os Assuntos Argelinos, se aviste amanhã com o presidente de Gaulle para o informar sobre as negociações.

Os delegados dos rebeldes argelinos, Belkacem Krim, Saad Dahlab, Mohammed Yazid e Lakhdar Ben Tobal, devem regressar também amanhã a Tunes para exporem a marcha das conversações numa reunião plenária do «Governo provisório» argelino.

Funcionários franceses mostram

relativa confiança nos resultados das conversações para a paz, embora não excluam a possibilidade de um malogro de última hora.

Os sinais mais encorajadores das

(Continua na 16.ª página)

FOI ADIADO PELA NONA VEZ o lançamento do astronauta americano

CAPE CANAVERAL, 15. — A colocação em órbita do astronauta americano John Glenn foi adiada, às primeiras horas de hoje, pela nona vez.

O lançamento deve ter lugar amanhã. Quanto ao adiamento, não causou surpresa.

Um informador da N. A. S. A. (o organismo que tem a seu cargo o lançamento dos astronautas) explicou haver trovoadas e temporais no Atlântico, das Bermudas às Canárias, área em que deverá descer o astronauta. Os responsáveis pelo lançamento, receando pôr a vida de John Glenn em perigo, viram-se forçados a adiar a colocação em órbita.

Dado o estado do tempo, outro adiamento não surpreenderia os entendidos. — (F. P. e R.).

HOJE 24
PÁGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA»

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Dizem os leitores...

Os acessos às estações marítimas

Publicamos, há dias, uma local sobre a nova determinação da A. G. P. L., no que respeita ao regulamento das entradas nos cais e estações marítimas. Sobre o assunto escreve-nos um leitor, que, narrando um caso que se passou consigo, apresenta sugestões sobre o melhor processo de organizar as entradas e saídas nessas estações. Porque a questão interessa a milhares de pessoas, aqui se transcreve a sua carta, deixando as conclusões ao critério de quem de direito:

«Li há dias no excelente e simpático «Diário de Lisboa» que a Administração-Geral do Porto de Lisboa resolvera, por motivos que justificou, impedir a entrada nos cais a quem, para despedir-se de parentes e amigos, ali ocorre nas horas de partida dos navios mercantes que largam do nosso porto. Não discuto a justiça dessa decisão, ainda que convenciado de que em outros grandes portos se tenha conseguido normalizar as operações de embarque sem recorrer a medida tão radical.

O que sucede é que fui agora despedido-me de amigos que embarcavam para Luanda no «Infante D. Henrique». Havia, naturalmente, umas largas centenas de pessoas a despedirem-se de passageiros e tripulantes, às quais estava vedado o acesso ao cais. É de esclarecer que a A. G. P. L. não proibiu a entrada no edifício da estação marítima, até talvez porque a cobrança dos 50 centavos por cabeça é recetiva que uma boa gerência tem de considerar.

Porém, o que me chocou, se bem que não me surpreendesse, foi a ausência total de organização no que se refere ao acesso dessas pessoas: cá fora, no terrapleno fronteiro, os táxis que conduziam passageiros e bagagens rompiam com muita dificuldade por entre pessoas e volumes estacionados. Mas o espectáculo «maravilhoso» era o da entrada e saída do edifício, onde, de três portas, duas foram adaptadas a bilheteiras; pela única porta utilizável, ainda reduzida pelo funcionamento que, a mãos cheias, agarrava os bilhetinhos de \$50 (mais exactamente, metade dos bilheteiros), passavam, nos dois sentidos simultaneamente, centenas de pessoas, que, sem qualquer orientação ou limitação, além do seu próprio instinto, se acotovavam, comprimiam, espremiavam, barafustavam e... conseguiam entrar ou sair por entre as ombeiras dessa porta singular.

Talvez fosse de sugerir a proibição pura e simples de despedidas nos cais aos passageiros que embarquem em paquetes nacionais. Seria criada uma taxa de \$50 por passageiro, calculada à média de 3 visitantes por passageiro, que revertiria a favor da A. G. P. L., para a compensar da supressão da actual receita.

Todos ficaríamos aliviados dum pesadelo, sem que pudesse haver melindres ou susceptibilidades feridas...

Como se está a proceder é que não parece estar certo».

Os transportes colectivos

No sentido de apresentar sugestões que possam beneficiar o público que se serve dos transportes colectivos urbanos, e até porque se trata de pessoas que os utilizam todos os dias, escrevem-nos leitores apresentando casos vividos e sentidos, que podem aplicar-se e interessar todos os outros. Um destes depois de, em carta anterior, se ter referido aos transportes em comboios e autocarros, aborda hoje o caso das paragens dos eléctricos da linha entre Algés e Belém, e ainda o dos transportes fluviais entre as duas margens. Diz ele:

«Já há alguns anos, as paragens dos eléctricos, entre Algés e Belém foram alteradas, segundo um critério que não se compreende. Tais alterações devem sempre ser uma consequência de interesses dos utentes, mas, no caso presente, ninguém aproveitou com aquelas modificações, antes pelo contrário: só trouxe prejuízos para todos.

As paragens, que serviam os moradores da Vila Corra e as alunas do Convento do Bom Sucesso, foram afastadas para muito longe, o mesmo tendo acontecido com as que se encontravam na Rua Direita de Pedrouços. Os moradores e empregados nas fábricas existentes na Rua da Praia de Pedrouços e na Travessa do Forte da Areia têm que andar muito para chegarem àquelas paragens. Nos dias de chuva, o caso é muito sério e a

situação dos utentes dos eléctricos é verdadeiramente lastimosa.

Por todas estas razões, parece-me que seria de toda a justiça que se restabelessem as paragens nos locais anteriores, o que em nada prejudicaria os moradores do Bairro do Restelo.

— Um outro assunto que me parece de muito interesse público é o dos transportes entre as duas margens.

A Sociedade M. de Transportes (Parceria) é a única concessionária das ligações entre o Cais do Sodré e a Trafaria.

Acontece que, antigamente era efectuada diariamente, durante os meses de Verão, a carreira Cais do Sodré-Trafaria.

Actualmente a mesma carreira só se efectua aos domingos.

Por que razão não se efectua diariamente?

Por falta de navios? Não é com certeza, pois esta Sociedade tem navios suficientes para manter esta carreira.

Um outro problema:

Durante os meses de Verão, poderiam efectuar-se carreiras entre a doca de Pedrouços e a Trafaria, pois sendo o trajecto mais curto, isto não falando nos dias de nevoeiro, os passageiros ficariam mais seguros no seu transporte, pois, além de ser mais rápido, fazia-se com maior segurança.

Quanto a transportes para a doca de Pedrouços, temos duas estações de comboios, autocarros e eléctricos, que partem de diversos pontos da cidade, não contando com os comboios que vêm da linha de Cascais e dos autocarros que vêm da Amadora».

Curso Internacional Intensivo de Arte Bizantina

De 1 a 13 de Abril de 1962, efectua-se, em Ravena (Itália) e de 14 a 23 de Abril em Bolonha, Roma e na Sicília, o curso de cultura sobre a arte «Ravennate» e Bizantina.

O curso, que se integrará com uma série de interessantes excursões, é confiado aos mais autorizados peritos de arte bizantina: prof. Bank, do Museu do Hermitério de Leningrado; Ljubinkovic, do «Archeolosi Institut», de Belgrado; Deichmann, catedrático da Universidade de Bonn; Gerke, de Mainz; Frolov, do Centro Nacional de Investigações Científicas de Paris; Lipinsky, Darsy, reitor do «Pontificio Instituto d'Archeologia Cristiana»; De Angelis d'Ossat; Bottari; Bovini; Calderini; Laurenzi; Mazzotti, e muitos outros professores das universidades italianas. Os participantes estão ocupados desde as 9 às 18 horas.

O Instituto Italiano de Cultura em Portugal fornece mais informações na Rua do Salitre, 146 (telefone 684172).

UMA EXPOSIÇÃO de reprodutores ovinos

ÉVORA, 15. — Organizada pela Associação Portuguesa dos Criadores de Ovinos, vai haver, nesta cidade, nos dias 18, 19 e 20 do corrente, na antiga manufatura de cortiças da Rua dos Penedos, a 2.ª Feira de Reprodutores, em que serão expostos exemplares das raças Merina Precoce, Ile de France, Southdown, Suffolk, Oxford Down, Romney Marsh e Lincoln.

As culturas EM 3 LINHAS foram muito prejudicadas pelas cheias de Janeiro

O Serviço de Estatística Agrícola do Instituto Nacional de Estatística, no seu boletim mensal, recordando que, durante as duas primeiras décadas de Janeiro, o tempo se manteve chuvoso, tal como sucedera durante os últimos dias do mês anterior, e que as quedas registadas chegaram a atingir grande intensidade, diz que os cursos de água, transbordando e alagando os terrenos marginais, «originaram prejuízos importante nas culturas, bem como o arrastamento de árvores de fruto», e acentua que «em muitos locais, as cheias deste mês foram consideradas as maiores desde há muitos anos».

A partir da última década, o tempo melhorou e a temperatura desceu, aproximando-se da média de igual mês de outros anos. As geadas formadas durante as últimas noites do mês, embora prejudicassem as hortas e as pastagens, tiveram uma acção benéfica sobre as culturas dos cereais de praga, que, de um modo geral, apresentam desenvolvimento excessivo para a época, originado pelas temperaturas amenas que se fizeram sentir durante a maior parte do tempo. Notam-se, também, muitas searas com zonas amareladas, em resultado da demasiada humidade contida no solo. As ervas infestantes acusam grande desenvolvimento, pelo que já houve necessidade de iniciar os trabalhos da monda.

A área ocupada pelas culturas cerealíferas deverá ultrapassar sensivelmente a do ano passado, em virtude das condições de clima de então não terem permitido proceder à sementeira de áreas apreciáveis normalmente destinadas a estas culturas.

De um modo geral, tanto as pastagens como as culturas forrageiras apresentam regular desenvolvimento, não se tendo notado grandes dificuldades na alimentação dos gados.

Tendo sido relativamente abundante a produção de bolota e lande, a montanha decorreu normalmente, mas o agricultor tem encontrado dificuldade em colocar os porcos engordados durante a campanha.

As feiras e mercados decorreram com movimento variável de região para região, dentro do normal nesta época do ano. Manteve-se a baixa cotação de alguns produtos, designadamente vinho, batata e milho. No Sul, onde se mantém a proibição de entrada de gado suíno nas feiras, como medida sanitária, registou-se uma certa tendência para o abaixamento do seu preço. As poucas transacções efectuadas não são consideradas compensadoras pelo agricultor.

Durante o período de chuvas houve certa paragem nos trabalhos de campo, mas com a melhoria do tempo estes foram intensificados, notando-se, então, geralmente, falta de trabalhadores para realizar todas as tarefas exigidas. Sómente em alguns pontos do Sul se notou um pequeno excesso de mão-de-obra, em relação às necessidades de momento.

Na primeira estimativa da produção de azeite, prevê-se um total de 1 061 000 hectolitros.

Em 27 de Dezembro de 1961, a proporção das reservas do Banco de Portugal (12 868 829 contos) para as responsabilidades-escudadas à vista (23 285 701 contos), era de 55,26 por cento.

Foram criadas, nas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique delegações da Comissão de Coordenação de Telecomunicações, do Departamento da Defesa Nacional.

O capitão-tenente Pedro Pinto Basto de Sá de Azevedo Coutinho foi nomeado comandante do navio de guerra «Madeira».

Vão ser expropriados, na ilha de Santa Maria, vários imóveis necessários à obra de construção da estrada de acesso à estação Loran, da Defesa Nacional.

Foi publicada a lista de antiguidades do pessoal do quadro do Instituto Nacional de Estatística.

Uma portaria do ministro do Ultramar estabelece a distribuição de actividades lectivas correspondente à habilitação complementar para exame de admissão às escolas do magistério primário das alunas admitidas ao curso de formação feminina.

Vida religiosa

Reunião dos capelães da Força Aérea

Sob a presidência do capelão-chefe, major padre João Ferreira, prosseguiram hoje os trabalhos da reunião dos capelães das várias unidades da Força Aérea, que está a realizar-se no grupo de Detecção, Alerta e Conduta de Intercepção n.º 1, em Monsanto.

Durante a sessão de hoje — a terceira — procedeu-se à leitura dos relatórios referentes à B. A. 4 e Escola de Recrutamento de 1961, assim como aos relatos do Natal nas bases n.º 1 e 5.

Amanhã serão apresentados cumprimentos aos srs. cardeal-patriarca de Lisboa, secretário de Estado da Aeronáutica e chefe do Estado-Maior da Força Aérea.

Bodas de ouro sacerdotais
No próximo domingo, na Sé Patriarcal de Lisboa, comemora-se o 50.º aniversário da ordenação sacerdotal do rev.º cônego Manuel Luís, que há vinte e dois anos preside aos destinos espirituais da paróquia da Sé.

Pelas 11 e 30 haverá missa solene, efectuando-se a seguir um cortejo religioso, daquele templo para a igreja de S. João da Praça, onde será descerrada uma lápida comemorativa. As 21 e 30 haverá uma sessão solene no salão de festas do S. N. I.

Homenagem ao cônego Manuel Luís

TURQUEL (Alcobaga), 15.—Efectuou-se na freguesia de Turquel, deste concelho, uma festa de homenagem ao cônego Manuel Luís, daqui natural, e que presta serviço na Sé Patriarcal de Lisboa, pelas bodas de ouro sacerdotais e pelo seu aniversário natalício.

A referida festa associou-se todo o povo desta freguesia, e todo o prelado das freguesias limítrofes e aqueles de há muitos anos nela prestaram serviços.

Aquele sacerdote foi esperado no limite da freguesia, e o percurso foi coberto de verdura, estando as janelas ornamentadas com colgaduras.

Em seguida houve uma sessão solene, onde falaram os srs. dr. Joaquim Guerra e capitão Silva Mendes. No fim, o homenageado agradeceu, muito comovido, as palavras que lhe foram dirigidas.

Acordo comercial luso-norueguês

Continuaram hoje, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, os trabalhos das Missões de Portugal e da Noruega encarregadas de negociar a renovação do acordo comercial entre os dois países.

As negociações visam o reajustamento técnico dentro do quadro já existente, derivado da colaboração portuguesa à E. F. T. A.

Leite-Creme d'A Mariazinha

minina do ensino técnico profissional, fixada nos n.ºs 1.º e 2.º da Portaria n.º 16 991.

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de chefe do gabinete do ministro da Justiça, o dr. Joaquim de Seabra Lopes.

Foi nomeado comandante provincial da defesa civil e do corpo de voluntários de Moçambique o tenente-coronel de artilharia Ilídio Marinho Aires Trindade.

PROFERIDA a segunda lição do curso Filosofia do Direito

O sr. prof. dr. Miguel Reale, da Universidade de S. Paulo, que veio a Lisboa para realizar, na Faculdade de Direito, um curso de Filosofia sobre leis, proferiu ali, hoje de manhã, a segunda lição das dez que o mesmo curso comporta.

Perante numerosos professores e alunos, verdadeiramente interessados no prosseguimento da iniciativa, o sr. dr. Miguel Reale referiu-se, inicialmente, ao culturalismo jurídico alemão e à tentativa de superamento da antítese kantiana entre natureza e valor. Focou, depois, o trialismo de E. Lask e G. Radbruch e o problema respeitante ao relativismo e antinomias.

Mencionou a volta a Hegel como viabilidade para uma ciência jurídica concreta — e analisou, ainda, as doutrinas de Pinder e Larenz.

A terceira lição será proferida segunda-feira, pelas 12 horas.

O ministro da Justiça visita Évora

ÉVORA, 15.—Para tratar de assuntos relacionados com a organização dos serviços funcionais do Palácio de Justiça, vem no próximo sábado a esta cidade o prof. Antunes Varela, ministro da Justiça, que aqui presidirá a uma reunião com os magistrados do círculo judicial e da comarca, notários e conservadores do Registo Predial e do Registo Civil.

A PARTIR DE HOJE

A'S 18.30, NO

IMPÉRIO

E TODAS AS

2.ª - 3.ª - 5.ª e 6.ª FEIRAS, A'S 18.30 e DOMINGOS, A'S 11.30

TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO

(Subsidiado pelo Fundo de Teatro)

representa a famosa peça de

AUGUST STRINDBERG

Tradução do Dr. Júlio Gesta

CREDORES

com

JOÃO GUEDES — DALILA ROCHA — MARIO JACQUES FERNANDA GONÇALVES — NITA MERCEDES e JOSE' BRAS

Encenação de João Guedes

Espectáculos para adultos

A ACTUAÇÃO DO T. E. P. LIMITAR-SE-Á A UM NÚMERO MUITO REDUZIDO DE DIAS

Os «Amigos do Teatro Moderno de Lisboa» beneficiam das mesmas regalias para estes espectáculos

BILHETES A VENDA

RÁDIO e T. V.

PREÇOS SENSACIONAIS!...

Descontos? Não!... Mais barato? Sim

visite a SODARTE

R. Rodrigues Sampaio, 91

Allô Porto:

ESTÓU AJ NO DIA 27
NO TEATRO
AGUIA D'OURO!

JOSÉ VASCONCELOS

Para maiores 12 anos

ÚLTIMAS

DO MAIS EXTRAORDINÁRIO ESPECTÁCULO DO
MOMENTO
DUAS HORAS DE GARGALHADA



REPRESENTAÇÕES

DO FABULOSO, DO ÚNICO
DO FANTÁSTICO ARTISTA **JOSÉ**

VASCONCELOS

A B C

HOJE
AS 21.45 HORAS
* * *
DOMINGO
A TARDE, AS 16
HORAS

LOTACÕES
ESGOTADAS

NA PRÓXIMA SEMANA, JOSÉ MIGUEL apresenta UMA NOVA REVISTA
para estreia da vedeta **HELGA LINÉ** à frente de um grande elenco (17 anos)

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ

A's 15.15, 18.15
(p. red.) e 21.30
(M. 12 anos)

Telefone 327172

D. CAMILO, Monsenhor
com Fernandel, Gino Cervi

SÃO JORGE

A's 15.15, 18.15
e 21.30
(M. 12 anos)

BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

O PASSADO NÃO PERDOA
com Burt Lancaster e Audrey Hepburn
Um filme de John Huston
Vistavision — Technicolor

ODEON

15.15, 18.15
(p. red.) e 21.30
GRANDE ÊXITO!
UM FILME
APLAUDIDO
PELO PÚBLICO!

Telefone 326283

MILAGRES DE PELUSA

com a famosa
MARUJITA DIAZ
Um espectáculo de rara sedução!
Eastmancolor (m. 12 anos)

AVIS

A's 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)

Telefone 47163

ROMANOFF E JULIETA

com Peter Ustinov — Sandra Dee
— John Gavin

ALVALADE

A's 15.15 (p. red.)
e 21.45
(M. 12 anos)

Um grande filme
que ao mesmo tempo é uma grande
comédia

D. CAMILO, Monsenhor

com Fernandel e Gino Cervi

FIVOLI

A's 3 e 6.15 da tarde
(p. red.) e 9.30
da noite
(M. 17 anos)

Telefone 50595

O IMPREVISTO
com Anouk Aimee, Tomas Milian
e Jeanne Valerie

EDEN

A's 15.30, 18.30
e 21.45
(M. 17 anos)

Telefone 320768

ESPLendor NA RELVA

Em Technicolor
com Natalie Wood e Warren Beatty
Um estudo profundo sobre os amores
da juventude americana

CONDES

A's 15.15, 18.15
(p. red.) e 21.30
(M. 17 anos)

Telefone 322523

O CASTIGADOR
na história espantosa do maior «aldrabão»
de todos os tempos

c/ Anna Maria Ferrero e Dorian Gray

ROMA

A's 15.30 e 21.45
(M. 17 anos)

2ª SEMANA

AS SUECAS
c/ Franco Fabrizi — Anne Charlotte
Sundell — Christina Granberg

A's 18.30 — **A POUSADA DA FELICIDADE**
(M. 12 anos)

LIÉ

A's 21 horas
(M. 17 anos)

Telefone 48560

O SEGREDO DO CAVALheiro D'EON

NOITE DE GALA EM HAMBURGO

IMPERIO

A's 15.15 e 21.30
(Adultos)

Telefones 555134/5

BONECA DE LUXO

com Audrey Hépburn

POLITEAMA

HOJE, às 21.30
EM 2ª SEMANA

Telefone 326305

TRES VIDAS ERRANTES

com Deborah Kerr, Robert Mitchum,
Glynis Johns e Dina Merrill

HOJE, A'S 18.15: **A VIDA APAIXONADA DE VAN GOGH**, com Kirk
Douglas (M. 12 anos)

MONUMENTAL

15.15 e 21.30
(M. 17 anos)

Telefone 55131

AS DUAS MULHERES

Um filme que tocará profundamente
a sua sensibilidade.

Com Sophia Loren

Realização de Vittorio de Sica

CAPITULO

A's 15.30 — 18 e
21.30
(M. 12 anos)

Telefone 327493

IVANHOE

Um dos melhores filmes da época
medieval, onde existe, amor e aventura.
Com Roberto Taylor — Elizabeth Taylor
— Joan Fontaine e George Sanders

RESTELO

A's 21.15
(M. 17 anos)

CINEMA IDEAL

A's 21 horas
(M. 17 anos)

Telefone 324194

OS TROCA-TINTAS

O DIAMANTE MALDITO

ROYAL

A's 15 e 21 h.
(M. 12 anos)

Telefone 465037

A VACA E O PRISIONEIRO

OS GIGANTES DOMINAM

CASINO ESTORIL

A's 21.30
(M. 17 anos)

AVOZ DO OPERARIO

A's 21 horas
(M. 12 anos)

Sábado —

SOB DEZ BANDEIRAS
(M. 17 anos)

GERASSO

A's 21
(M. 17 anos)

Telefone 320917

O ESPIAO SORGE

CONVERSA DE TRAVESEIRO

IMPERIO

HOJE
às 18.30
(Adultos)

ESTREIA!

A famosa peça de A. Strindberg

CREDORES

pelo

Teatro Experimental do Porto

Seja optimista!

COCKBURN
AGUARDENTE VELHA

VINALDA, L.ª
RUA SOUSA MARTINS, 9-B - LISBOA
TELEF. 54997

AMARGO, BELO E VERDADEIRO
O MAIS SEVERO DOCUMENTO DE KAZAN
SOBRE OS ANGUSTIANTES PROBLEMAS
DA JUVENTUDE DO NOSSO SÉCULO!

2ª SEMANA NO EDEN
DO ÊXITO DE UMA OBRA-PRIMA

O filme que Lisboa inteira discute,
pois revela verdades que estavam inconfessadas!

Exclusivo
ASTORIA FILMES

ADULTOS

Technicolor

ESPLendor NA RELVA

HOJE
MAXIME
BAILE DE MASCARAS
DANIELLA
EM PLENO ÊXITO
«PONEY TARZAN»
COMO EM PARIS, O MAXIME OFERECE AO PÚBLICO
DE LISBOA UMA INÉDITA ATRACÇÃO INTERNACIONAL
MAIORES 21 ANOS — TEL. 35366/7

COLISEU
Emp. Ricardo Covões, Herds.
Telef. 31997
HOJE, às 21 e 30
(Maiores de 12 anos)
ÚLTIMA COMPANHIA DE CIRCO DA TEMPORADA
AS MAIORES ATRACÇÕES
SABADO, A TARDE, entrada gratuita às crianças até 10 anos.
A NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos

Como emagrecer... e ficar magro
Um programa de bom senso para eliminar o excesso de peso sem sacrifício e para sempre, sem a contagem de calorias, sem eliminar refeições ou recorrer aos regimes em moda, é revelado nas **Seleções** por um homem que realizou esse feito. Um curioso artigo publicado no número de Janeiro das **Seleções**, que insere ainda vinte e dois artigos de interesse actual e palpitante. Uma distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

CASINO

APRESENTA
o conjunto que triunfou
no Festival
HISPANO - PORTUGUÊS
da CANÇÃO DO DOURO

Los Llaneros

nas suas distinguidas criações

PATRICIA
em sentidas baladas
de amor e saudade
e vindos dos Estudios
de Hollywood

Margo e Julio Torres
com **MANOLO VASQUEZ**

em castiços quadros
do mais puro flamêgo
★
(Maiores de 17 anos)

ESTORIL

STUDIO 4

UM HOMEM
PODERÁ GOSTAR
IGUALMENTE
DE
3 MULHERES
AO MESMO TEMPO ?

AGUARDE QUE

IGREJAS CAEIRO

LHE EXPLIQUE EM

O Sedutor

A CÉLEBRE COMÉDIA
DE DIEGO FABBRI

ESTA SEMANA ESTREIA
NO

MONUMENTAL

(Adultos m/ 17 anos)

MAIS UM ESPECTÁCULO
DE VASCO MORGADO

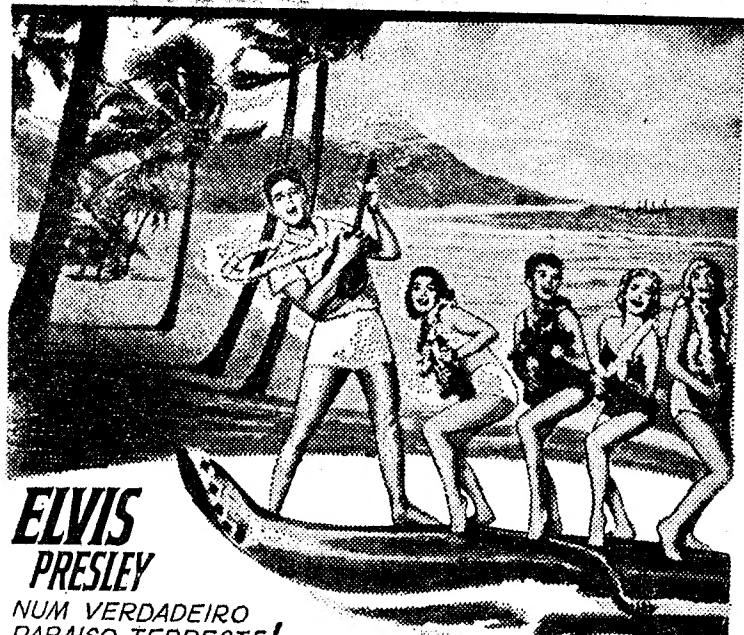
TRINDADE

Telef. 32 00 00 (M. 12 anos)
As 21.45

O PÚBLICO EXIGE

O PRÍNCIPE DE HOMBURGO

OBRA-PRIMA DE KLEIST
Representada por um extraordinário
elenco



**ELVIS
PRESLEY**
NUM VERDADEIRO
PARAISO TERRESTE!

HAWAII AZUL

PRODUÇÃO DE
HAL WALLIS **TECHNICOLOR®**
PANAVISION®

É UM FILME
PARAMOUNT

REALIZAÇÃO DE
NORMAN TAUROG

com
JOAN BLACKMAN ANGELA LANSBURY - NANCY WALTERS

Apresentando alguns
dos mais belos locais
do mundo e as mais
melodiosas canções!

AMANHÃ estreia no CONDES

ADULTOS
M/ 17 ANOS

V.A.R.F. V.A.R.F.



PATRON
HER MAJESTY QUEEN ELIZABETH
THE QUEEN MOTHER

WE THE UNDERSIGNED
TENDER OUR SINCERE CONGRATULATIONS TO

Ballet Trianas

ON BEING ONE OF THE REPRESENTATIVE ARTISTES
SELECTED TO APPEAR BEFORE
HER MAJESTY QUEEN ELIZABETH THE QUEEN MOTHER
ON THE OCCASION OF THE
ROYAL VARIETY PERFORMANCE
HELD AT THE
PRINCE OF WALES THEATRE
LONDON
on Monday, November 6th, 1961

THE PERFORMANCE BEING IN AID OF THE
VARIETY ARTISTES' BENEFICENT FUND AND INSTITUTION

Rosa Dália *Rosa Dália* *Rosa Dália*

São habitualmente desta categoria as atracções que a Tágide vem apresentando há doze anos, ao público português. Los Trianas actuam, pela segunda vez, na Tágide após as suas actuações de êxito clamoroso perante a corte inglesa





H. MADEIRA B. LORAN R. SOLNADO

As 20.45
e 23 h.
Maiores
17 anos

MARIA VITÓRIA

TEL. 3 17 40

A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!

BATE O PÉ!

AMANHÃ

COMEMORANDO
A TRIUNFAL
ENTRADA NO

5.º MÊS

SENSACIONAL ESTREIA

DE NÚMEROS NOVOS

POR HUMBERTO MADEIRA, RAUL SOLNADO, BERTA LORAN,
CARLOS COELHO E FLORBELA QUEIROZ
E, AINDA,

3 GRANDES ATRACÇÕES

TRIO NONIS
FAMOSA ATRACÇÃO ACROBÁTICA
DO «LIDO», DE PARIS

BALLET ROANI
AS ESCULTURAIS BAILARINAS
DO «NOUVELLE EVE», DE PARIS

MARIA HELENA
EM NOVOS ÉXITOS DO BRASIL

TEATROS E CINEMAS

A Companhia de Rafael de Oliveira, no Avenida

Quem tenha assistido ao espectáculo de ontem à noite, no Avenida, deve certamente ter-se apercebido de que alguma coisa se passou na sala, durante aquelas três horas. Algo que transcendia a peça em cena e tocava, igualmente, público e actores.

Não era só a presença saudosa de Ramada Curto, recordado com sentidas, dignas e oportunas palavras, por Luís de Oliveira Guimarães, nem a saudade da estreia de «Recompensa», ocorrida há cerca de um quarto de século. Era, principalmente, uma descoberta, um conhecimento e a reparação de uma profunda injustiça.

Lisboa, praticamente o único centro do País onde há teatro, descobria uma companhia que existe há 47 anos: a companhia de Rafael de Oliveira! Uma companhia itinerante, modesta mas heróica, ganhando o pão quotidiano em contacto com o povo das aldeias, vilas e cidades, mantendo viva a chama pelo teatro no público anónimo da província ignorada.

No seu egoísmo de cidade civilizada, Lisboa apercebeu-se, nesta noite, que a semente continuou a ser lançada por esta companhia de profissionais dedicados, os quais, impelidos pelo mesmo sonho dos cómicos e saltimbancos, aperfeiçoaram e modernizaram os seus meios e processos de contacto com o povo e fizeram o milagre de pôr de pé um repertório de 40 peças onde há Camilo, Georges Sand e Dumas Filho, mas também Ramada Curto, Luís Francisco Rebelo, Priestley, Calvo Sotelo e Joracy Camargo.

E, assim, fizeram uma obra sólida e inestimável, obra que prossegue e surgiu pela fusão de duas famílias — Frias e Oliveira — numa única família inteiramente votada ao teatro e ao povo. Foi isso que ontem o público do Avenida soube e entendeu. E isto não pode deixar de emocionar quem se apercebe de como é difícil uma vasta obra educativa, pelo teatro ou por qualquer outra forma.

«O oiro», pelo Grupo de Teatro do Belém Clube

Nos fins do século passado existia na Calçada do Galvão um simpático teatrinho, onde as elegantes da zona se reuniam para ver teatro e conversar. Chamava-se «Luís de Camões» e as vicissitudes do tempo, abatendo-se sobre ele, reduziram-no a uma sala de bailes na qual o sortilégio da palavra se perdia para sempre.

A actual direcção do Belém Clube, porventura seduzida, e muito bem, pelo exemplo do T. E. P., resolveu arranjar uma mensagem e lançar-se à conquista da glória. E, na verdade, um sonho de grandeza que a muitos pode parecer nada realista. Quanto a nós, os dirigentes terão de fazer com que a sua obra não comece de cima para baixo, queremos dizer, das «entidades» para o povo da zona. Essas entidades só os olharão quando conseguirem apresentar-se como uma poderosa força popular e essa força só lhes poderá vir da homogeneidade do grupo e da sua capacidade para arrastar atrás de si os sócios da colectividade. E bom não acreditar nos iluminados a grande prazo e muito menos nos que têm sempre solução para todos os problemas.

A peça que o novo e esperançoso grupo de teatro do Belém Clube escolheu para nos apresentar foi justamente «O Oiro», de Alfredo Cortês, que exige dos intérpretes, os quais estão continuamente em cena, um trabalho árduo. Este ponto é uma demonstração eloquente do verdadeiro amor com que os cinco jovens intérpretes se lançaram à sua tarefa aprendendo perfeitamente os seus papéis. Dos cinco, é sem dúvida Elizabeth Silva, no papel de «Maria Teresa», a que mais qualidades demonstra para o palco. As frases saem-lhe com natural facilidade, fluentes, servidas por uma bonita voz, que a presença gentil, a desafectação e a naturalidade do representar tornam simpática. O jovem Alexandre Rodrigues demonstrou uma vontade férrea, mas não está ainda preparado para papéis tão extensos. Fez um notável esforço para envelhecer, transformando os seus vinte anos em quarenta e daí a irritante tensão de porte e estatismo que usou durante toda a peça. Maria Duarte esteve certa no papel de «Mónica», representando com naturalidade. João Silva encarregou-se da personagem difícil do louco e isso talvez

ma. E a companhia de Rafael de Oliveira fez já uma obra grande e profunda neste sentido, modestamente, anonimamente.

A barraca deu lugar ao teatro desmontável, com subsídio pelo Fundo de Teatro. Ontem foi o reconhecimento público, com palavras de compreensão e de justiça e com palmas vibrantes, que foram a merecida (e tardia) consagração.

A companhia, apenas pelos seus meios, encena as peças, constrói os cenários, confecciona o guarda-roupa. Representa com acerto, entusiasmo e devoção. Muitas vezes com talento assinalável.

Há, sem dúvida, um certo estilo ingenuo, se quiserem um tanto ultrapassado. Mas mesmo aí, isso levanta alguns problemas sobre os quais valeria a pena debruçarmos. Não será indispensável um certo tom pedagógico, reforçando a representação, para tocar mais facilmente e mais eficientemente o público «virgem»? Representar para o povo autêntico das aldeias será o mesmo que actuar ante o público culto ou, pelo menos, «sabido» da capital?

De qualquer modo, a companhia de Rafael de Oliveira deu-nos ontem a «Recompensa», de Ramada Curto com a vibração e o sentido social que o povo atinge e sente, tendo Lisete Frias, Ema de Oliveira, Fernando Frias, Fernando de Oliveira e António Vilela, nos principais papéis, arrancado aplausos sinceros e entusiásticos do público lisboeta que enchia o teatro. Rafael de Oliveira surgiu num papel secundário, modestamente, ao lado dos restantes elementos da companhia.

Em resumo, noite de confraternização entre o público lisboeta e uma companhia de que não há exemplo entre nós, a qual o teatro e a sobrevivência do amor pelo teatro muito devem. Noite de festa, de homenagem à memória de Ramada Curto e de consagração à companhia de Rafael de Oliveira.

Noite de significado e sentido especiais, noite de justiça feita. — M. de A.

gressar na companhia que vai interpretar a próxima revista que ali subirá à cena.

Esta semana será gravada a música de fundo do filme «D. Roberto» por uma orquestra portuguesa, sob a direcção do autor, o jovem compositor Armando Santiago.

Chegou ontem o Ballet Ruani, constituído por seis esculturais bailarinas, uma das atracções da nova fase da revista «Bate o pé», em cena no Teatro Maria Vitória.

O cançonetista António Calvário vai a Madrid participar no programa «Grande Parada», apresentado semanalmente pela TV espanhola.

No Monumental

A reaparição de Igrejas Caeiro

Igrejas Caeiro vai reaparecer nos nossos palcos, na comédia «O Sedutor», de Diego Fabbri.

Trata-se de uma divertida comédia, que leva o espectador a pensar, e trata dos problemas de um sedutor em verdadeiras peripécias com três mulheres. Catarina, a esposa, bonita, perfeita e inteligente, e boa dona de casa; Alice, jovem, impetuosa, bela e inteligente também; Vanda é a mulher estranha, diferente, com toda a sedução de um modelo profissional; e ele, Gabriel Eduardo Filipe Constant, em situação difícil, para, em vinte e quatro horas que tem o dia, poder viver com elas três. Toda esta história é vista e observada com graça e espírito, e Diego Fabbri, autor nosso conhecido, através de «O processo de Jesus», sabe realmente conduzir toda a história com interesse para o público. «O Sedutor» vai ser o espectáculo do momento, numa sumptuosa montagem, sob a direcção de Octávio Clérigo, com maquetas executadas por Mário Garcia e Teodoro. A versão em português é de Jerónimo Bragança.

A convite de VASCO MORGADO

T. 322773 12 ANOS

Avenida

— As 21,45 h. —

EM PLENO EXITO
SÓ ATÉ DOMINGO

A FAMOSA PEÇA
DE RAMADA CURTO

RECOMPENSA

PELA

COMPANHIA
RAFAEL DE OLIVEIRA

2.ª feira: O Marquês de Villemor
de George Sand

Sábado às 16h Domingo às 18,30h

TEATRO INFANTIL

a fantasia musical

O SAPATINHO DE VIDRO

— Maiores de 4 anos —

Atrás do reposteiro

Camilo de Oliveira vai fazer, na TV, um programa regular com texto do escritor teatral Amadeu do Vale.

O actor Nicolau Breyner, que presentemente faz parte do elenco do Teatro Moderno de Lisboa, foi convidado pela empresa do Maria Vitória para in-

17 ANOS



VA ESTA NOITE, AS 21.45 HORAS, AO
VARIEDADES

Telef. 326037

RIR!

COM A MAIS
ALEGRE DAS
COMPANHIAS NA MAIS IRRESISTÍVEL
DAS COMÉDIAS

A LINHA DA SORTE



Eunice Munhoz e Henrique Santana na
«Noiva e o Bruxo»

No Trindade

Espectáculos para sócios de sindicatos com «O príncipe de Homburgo»

A Companhia Nacional de Teatro concede aos sócios dos vários sindicatos, para os espectáculos de hoje e amanhã, uma tabela de preços especiais, desde 3\$50 a 30\$00, a fim de poderem assistir à representação de «O príncipe de Homburgo».

Fácil será vaticinar o grande êxito deste espectáculo que são dos últimos que se realizarão com a imortal obra do talentoso dramaturgo alemão, Von Kleist.

Entretanto, é cada vez maior a expectativa criada em redor da próxima estreia da Companhia Nacional de Teatro. Sabe-se já que o espectáculo, constituído pela divertida peça de Jules Supervielle «A primeira família» e «Tirésias», do surrealista Apollinaire, estará em cena apenas uma curta temporada, durante o Carnaval.

Ao lado de actores consagrados, elementos jovens de grande talento serão chamados a desempenhar papéis de responsabilidade.

Beatriz Costa

regressa brevemente a Portugal

RIO DE JANEIRO, 15 — Beatriz Costa, que se encontra na Baía, em gozo de férias, regressará brevemente a Portugal. — (L.).

Documentários

no S. N. I.

Hoje às 21 e 30, no salão de cinema do Palácio Foz, por iniciativa do S. N. I., serão exibidos vários documentários.

IMPERIO

«Credores», de Strindberg, pelo T. E. P.

O Teatro Experimental do Porto volta a Lisboa, para pôr em cena, no Império, a peça «Credores», de Strindberg, um grande dramaturgo sueco ainda pouco divulgado entre nós.

Durante dez dias, a partir de hoje, pelas 18 e 30, o T. E. P. apresentará, assim, uma peça que, a semelhança do que aconteceu no Porto, despertará o maior interesse no público.

«No país da alegria» («LI'L ABNER»)

Os personagens caricaturais do mundo alegre e satírico da ilusão criada pela fantasia do genial artista Al Capp adquirem vida e cor na espectacular comédia musicada da Paramount «Li'l Abner» («No país da alegria»), realizada em VistaVision e Technicolor por Norman Panama e Melvin Frank.

O filme, baseado na peça de teatro do mesmo título, que obteve um êxito sensacional em Nova York, apresenta todos aqueles rústicos irresistíveis personagens rodeando a simpática figura de Li'l Abner, que é um rapagão cuja ingenuidade faz crer que será boa presa para as maquinações de qualquer espertalhão que dele se aproxime.

«Li'l Abner» («No país da alegria»), um filme de sátira fulgurante e mordaz, apresenta-nos um conjunto de belas raparigas, cujos encantos naturais são realçados pela sugestiva indumentária que as torna ainda mais atraentes, especialmente nos artísticos e excêntricos números cantados e dançados, que têm um dos seus pontos mais altos no bailado do «Dia dos solteiros», em que as raparigas solteiras perseguem em louca correria os solteiros para reclamarem como esposo o que se deixou apanhar, a bem ou a mal.

Para papéis tão especializados e personagens tão característicos como são os desta história, adoptou-se a melhor solução e fez-se o filme com os artistas que se revelaram tão bons na peça teatral em exibição em Nova York há mais de dois anos.

Os seus nomes, que decerto depressa serão fixados pelo público, são Peter Palmer, no papel de Li'l Abner; Leslie Parrish, no papel de Daisy Mae, e a apaixonada; e, ainda, as esculturais Julie Newmar, Stella Stevens e Carmen Al-

blico lisboeta apreciador do bom teatro.

João Guedes, que já deu provas das suas qualidades como encenador, ao realizar para o T. E. P. «O tio Vania», «Hedda Gabler», «Oiro» e «A mordaga», volta a dar, em «Credores», excelente medida das suas possibilidades.

Dalila Rocha, figura consagrada dos palcos portugueses, Mário Jacques, um jovem actor que, em cada novo papel, afirma e reafirma qualidades que acabaram por o conduzir a plano de grande evidência, e o próprio João Guedes, para quem não são necessárias quaisquer adjectivações, são os intérpretes desta magnífica peça.

EDEN

«Esplendor na relva», em 2.ª semana de exibição

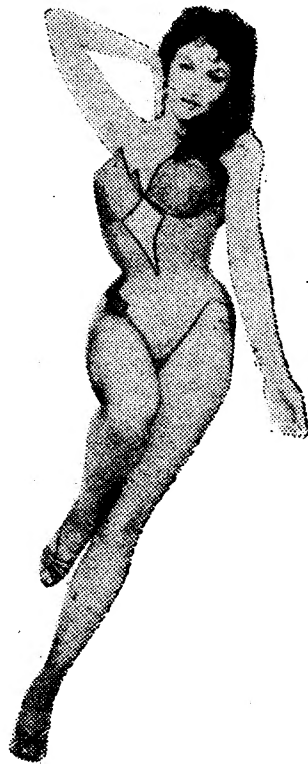
O filme extraordinário que Elia Kazan dirigiu sobre o notável romance de William Inge, é um dos mais impressionantes documentos deste nosso século.

Através de uma narrativa flamejante, com sequências primorosas como a camara cinematográfica nunca se atrevera a revelar, pela



sua ousadia de processos e pelo realismo das suas situações, Kazan foi directo na paisagem que ergueu. Aí se debatem valores humanos em que a lama e o ouro, o instinto e a pureza, se revolvem juntos mas sem jamais se poderem confundir. O mal e o bem situam-se cada qual no seu extremo, e, se se tocam, logo se repelem.

Warren Beatty e Natalie Wood são os intérpretes magistrais desta impressionante realização de Elia Kazan, que alinha com os seus mais altos momentos de cinema.



varez e os irresistíveis Stubby Kaye, Howard St. John, Bern Hoffman, Billie Hayes e Joe Marks.

Fez a Paramount um filme capaz de maravilhar os olhos mais exigentes, inteiramente passado num ambiente de alegria saltitante, colorido fantástico e música alucinante. «Li'l Abner» («No país da alegria») é um filme cujo conteúdo se resume em três palavras: música, raparigas e alegria.

Os eléctricos

deixarão de circular pela Praça Duque Saldanha

Por determinação superior e com o fim de facilitar as condições de trânsito, os eléctricos para o Arco do Cego, Praça do Chile, Largo Martin Moniz e Caminhos de Ferro, deixaram, a partir de hoje, de contornar a Praça Duque de Saldanha, e passaram a fazer a travessia da Avenida da Republica, no cruzamento com a Duque de Ávila, como o faziam anteriormente á construção do metropolitano.

Ronda oficial

pelo Bairro de Alfama

Os srs. ministro das Obras Publicas, presidente da Camara Municipal do Porto e director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, acompanhados pelos srs. presidente e vice-presidente do Município de Lisboa e membros da Comissão do Bairro de Alfama, visitaram as obras que a Camara está a efectuar naquele bairro, confrontando fotografias que mostravam o aspecto de determinados locais antes e depois dos trabalhos, tendo aquele membro do Governo mostrado satisfação com os resultados alcançados.

Pelos hospitais

DOENÇAS SÚBITAS E MORTAIS — Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José o sr. Luis da Silva Ligeiro, de 65 anos, que adoeceu subitamente em casa, Rua Manuel Arriaga, 10, em Loures. Faleceu pouco depois e o seu cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

— A sr.^a Teodora do Carmo, de 60 anos, foi acometida de doença súbita na sua residência, Bairro do Alvíto, 44, 1.^a, esquerdo. Transportada á sala de observações do Hospital de Santa Maria chegou ali já morta, pelo que o seu cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

CRIANÇA ATROPELADA — Foi internado no Hospital de São José o pequeno Jorge Manuel Salvado Faustino, de 3 anos, filho de António Ribeiro Faustino e de Maria Armanda Jesus Salvado, domiciliados em Regueiras de Tires (Cascais) que, em Caparide, localidade do mesmo concelho, foi atropelado por uma camioneta, ficando contuso na cabeça.

ATINGIDO PELA EXPLOSAO DE UM MOTOR — Quando trabalhava numas obras de construção civil, na Avenida Casal Ribeiro, foi atingido pela explosão de um motor o pedreiro Agostinho de Oliveira Moreira, de 27 anos, residente numa barraca, junto daquelas obras, a cargo da Sopol. Recolheu á sala de observações do Hospital de São José, gravemente ferido pelo corpo.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um relógio de pulso para homem; três pneus, sendo dois de auto ligeiro; uma nota do Banco de Portugal; uma mala de viagem com diversas roupas; um aro para roda de automóvel; dois lenços para a cabeça; um par de óculos graduados; diversas argolas com chaves e um porta-chaves em cabedal.



Uma das barracas que agora foram construídas

A reconstrução de barracas que o mar destroçou na Cova do Vapor

Ainda a propósito das reportagens publicadas pelos jornais diários acerca da colaboração prestada por um grupo de estudantes, a entidade que está a promover a reconstrução das barracas que o mar destroçou na Cova do Vapor, recebemos hoje uma carta, assinada por catorze operários, na qual eles se mostram descontentes pelo facto de, nas referidas reportagens, não se fazer referência ao seu trabalho, que classificam de denodado. Diz a carta:

«Pois somos nós, unicamente nós, que, em obediência ás ordens da Junta Central das Casas dos Pescadores, estamos a trabalhar denodadamente, á vista daqueles a quem se destinam as casas e que, com total desprezo pelo nosso trabalho, não contribuem com qualquer espécie de ajuda voluntária, á excepção do sr. Manuel Augusto que, apesar das suas pequenas possibilidades como operário, se juntou a nós, o que lhe valeu ter já a sua casa destinada, á qual continua a devotar o seu maior esforço ajudando a construí-la. Cumprindo as ordens dadas pela Junta Central das Casas dos Pescadores, lançamo-nos todos, com a maior força de vontade que

de um ser humano se pode exigir, num trabalho que, pelas circunstâncias da época, é árduo, pois estamos a trabalhar á chuva, ao frio e á nortada que sopra constantemente, desde as 8 horas da manhã até ao anoitecer. Nos dois últimos domingos trabalhamos todo o dia num total desprezo pelo nosso dia de descanso, em convívio com as nossas mulheres e filhos. Todos nós moramos longe e, para nos deslocarmos á Cova do Vapor, utilizamos o transporte que temos ao nosso alcance (bicicletas) e aqueles que nem uma bicicleta têm utilizam o transporte colectivo até á Trafaria e daí até á Cova do Vapor vão a pé quase 4 quilómetros, o que quer dizer que andam 8 quilómetros a pé por dia. O nosso almoço é feito por nós no próprio local da obra.

Assim fica registada a tarefa árdua dos operários que trabalham na Cova do Vapor.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1962

Mobiliário Metálico Tipo Hospitalar
Conc. Públ. n.º 58

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 17, excepto aos Sábados (das 9 ás 12.30), na Secretaria de Abastecimentos.

A abertura das propostas terá lugar nos dias e horas indicadas nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1962.

O CHEFE DOS SERVIÇOS ECONÓMICOS

Manuel Brioso Pina de Jesus

O «Diário de Lisboa» vende-se em Mosca e na Agência D. Laura Massano, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, lote 5.

DIÁRIO escolar

Horas verdadeiramente extraordinárias

O pessoal docente do ensino técnico, excluindo os mestres, foi autorizado a leccionar mais seis horas semanais de serviço. Não se sabe bem porque não se estendeu tal medida ao pessoal docente liceal continental (o do Ultramar está autorizado).

Depois de conferida a possibilidade de aumento das horas semanais, para resolver gravíssimos problemas de recrutamento de pessoal docente (e que são igualmente graves para o ensino liceal) adoptou-se o critério de pagar as referidas horas consoante o grau a que pertenciam (ou ao ciclo ou ao ensino de formação).

Seguidamente discutiu-se se as ditas horas extraordinárias deviam ser pagas em relação ao ano lectivo ou ao ano escolar termo de exames.

Depois de distribuídas as referidas horas ordena-se a suspensão do pagamento das que se referem ás férias do Natal. Isto é, depois de incluídas nos horários desde o primeiro dia de aulas altera-se um

compromisso com os professores e não se tolera que o pessoal docente as possam abandonar.

A suspensão do pagamento das horas referentes ás férias diz-se que está sujeita a revisão superior. Simplesmente o que não está certo é alterar as condições de um compromisso de forma tão desalegante. Esclarecia-se primeiro e depois agia-se. A forma utilizada não se pode considerar verdadeiramente docente.

IGNORÂNCIA QUE SE PAGA

Segundo o que está estatuído nenhum aluno pode matricular-se num estabelecimento de ensino sem pagar as propinas e emolumentos que sejam devidos.

Será mesmo anulada a matrícula dos alunos que, nos prazos prescritos, não paguem alguma prestação das propinas, e a esses alunos será desde logo proibida a frequência.

Ao determinar estas condições o Estado não pensou no que inevitavelmente viria a acontecer nos tempos que decorrem: alunos que aguardam ainda neste momento a construção de pavilhões para começarem a receber lições. São centenas, passam de milhares.

Ora a esses alunos que pagaram as suas matrículas, que não tiveram ainda qualquer aula ou parte delas, exige-se o pagamento de propinas referentes a um período que não aproveitaram. Seria humano que se reconhecesse não ser exigível o pagamento de propinas sobre frequência escolar que não existiu, acalmando-se um pouco a inquietação natural de tantos pais.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1962

Assistência Técnica aos Grupos de Emergência da Central Eléctrica
Conc. Públ. n.º 57

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 17, excepto aos Sábados (das 9 ás 12.30), na Secretaria de Abastecimentos.

A abertura das propostas terá lugar nos dias e horas indicadas nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1962.

O CHEFE DOS SERVIÇOS ECONÓMICOS

Manuel Brioso Pina de Jesus

BOVRIL
alimenta e fortalece

AGENTE EM PORTUGAL:
J. CÂNDIDO DA SILVA
PORTO — Rua de S. Luís, 12-18 - Telef. 22602 - 27202 - 34585 - 34656
LISBOA — Avenida Almirante Reis, 238 - Telefone, 727643

Modelos e bordados
Vida feminina

COMEMORA 50 ANOS AO SERVIÇO DA MULHER

A REVISTA PORTUGUESA MAIS COMPLETA

AO PREÇO DE 2\$50

A VENDA EM TODO O PAIS

Vão ser explorados na bacia do Zambeze titânio e outros minérios

LOURENÇO MARQUES, 15 — Um grande plano de hidrotécnica portuguesa, abrangendo 200 mil quilómetros quadrados da bacia do Zambeze, prevê a exploração de vários minérios, entre os quais titânio, magnetitas e fluorita.

O projecto que vai ser apresentado no próximo ano ao Governo, divide-se em várias fases, sendo a primeira avaliada em quatro milhões de contos, de que dois milhões se destinam a trabalhos no rio e à construção de um porto na foz do Cuama, para navios de doze metros de calado. Prevê-se, também, a produção de seis milhões de quilovátios-hora anuais, em Cahora Bassa, com uma barragem que custará 300 mil contos.

A EXPLORAÇÃO DE MINÉRIO DEVE PERMITIR QUE A PRODUÇÃO SE ELEVE A VÁRIOS MILHÕES DE TONELADAS

Calcula-se que a exploração de

O CONTRA-SENSO MANTÉM-SE

Depois que foi proibido o estacionamento de veículos na parte da Travessa dos Inglesinhos compreendida entre a Rua Luz Soriano e a Calçada dos Caetanos, os automóveis passaram a estacionar nesta última artéria, cuja largura não permite que se faça o trânsito em dois sentidos, desde que metade da rua esteja ocupada por carros. Desde modo, em vez de se resolver, agravou-se o problema, pois deixaram de se arrumar carros onde eles não causavam o menor prejuízo para o trânsito e passaram a arrumar-se onde causam os maiores inconvenientes. A Direcção-Geral dos Transportes e os competentes serviços municipais podem verificar facilmente aquilo que afirmamos e rever o problema de acordo com o interesse geral e não apenas com o de algum particular que esteja em causa.

UM PARECER

sobre segundas avaliações

O conselho consultivo da Procuradoria-Geral da República votou e o ministro das Corporações e Previdência Social homologou um parecer com a seguinte conclusão: «Quando o senhorio e o inquilino não se conformem com o resultado das avaliações previstas na Lei n.º 2088 e ambos requeiram segunda avaliação, pode cada um deles nomear um perito, visto tornarem-se aplicáveis a essa diligência, por força do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 30 473 e preceitos correlativos, os princípios que informam a prova por arbitramento no Código de Processo Civil».

RIBET DESJARDINS
TRANSISTORES

AVENIDA DUQUE AVILA, 169-D

minério produza quatro milhões de toneladas de titânio e magnetitas, dois milhões de carvão, um milhão de ferro, e quantidades indeterminadas de fluorita, cobre, grafita, níquel, crómio e amianto.

A fim de aumentar o valor bruto da produção anual em um milhão e trezentos mil contos, o projecto prevê também 30 000 hectares de sequeiro e 90 000 de regadio.

Outra fase do projecto visa a produção de um milhão e trezentas mil toneladas de coque, dois milhões de gusa e cinquenta mil de celulose.

Apesar do elevado custo do esquema, salienta-se que só a exportação de gusa, renderá, anualmente, mais de dois milhões de contos. — (A. N. I.).

A RÚSSIA TAMBÉM POSSUI OS SEUS «MÔNSTROS DE LOCH NESS»

LONDRES, 15 — A União Soviética afirmou hoje possuir não um mas dois «monstros de Loch Ness».

Rádio Moscovo informou que o primeiro «monstro» fora visto por geólogos soviéticos num lago num planalto árido situado a uma altitude de mil metros, no Leste da Sibéria. Ulgraram a princípio tratar-se de um redemoinho de água, mas observaram depois espuma ser expelida pelo vulto e quando se aproximaram viram que se tratava de um «monstro» com uma cabeça com cerca de 2 metros de comprimento, olhos enormes e com um corpo, com 10 metros de extensão e algo semelhante a barbatanas. O monstro tinha uma cor cinzento-escura. Aproximava-se aos arrancos, submergindo após cada investida. Perto da margem, parou, expelindo grande volume de espuma e, depois, mergulhou, não voltando a ser visto. Um pescador de uma aldeia próxima afirmou ter sido perseguido pelo monstro, que possuía uma «boca enorme».

Poucos detalhes foram fornecidos acerca do segundo monstro, que se afirma ter sido visto por um grupo de geógrafos num lago nas montanhas de Tien Shan, na fronteira da Ásia central soviética com a China comunista. — (R.).

O FUTURO DE ANGOLA ESTÁ NAS MÃOS DOS INDÍGENAS

LONDRES, 15 (Pelo tenente-coronel Ronald Waring) — Recentes reformas legislativas alteraram o estatuto dos indígenas em Angola e admite-se que estas reformas eram há muito necessárias. Muito já se tem feito, mas há ainda muito por fazer. O futuro de Angola está nas mãos dos indígenas, caso eles queiram construir uma comunidade luso-africana, mas a tarefa dos portugueses é convencê-los de que esse futuro será melhor do que as promessas feitas em nome da «independência» e do «nacionalismo». Para se conseguir isto é necessário mais do que simples palavras, a instrução deverá aumentar consideravelmente, as oportunidades oferecidas aos negros na vida económica e social terão de ser também muito maiores e nenhuns interesses políticos ou económicos, por mais poderosos que sejam, deverão travar a realização destes objectivos.



Nada menos de 60 rapazes e raparigas começaram a disputar o Campeonato Mundial de Twist. Mas ao fim de algumas horas desistiram uns; e vinte horas passadas, ficaram apenas dois rapazes em campo. Kevin O'Brien, à esquerda, ficou campeão mundial de twist depois de mais de 32 horas a dançar. O outro que o acompanha é Leslie Lane, eliminado após se lhe ter medido a tensão. Isto passou-se há dias em Harlow New Town, no Essex, Inglaterra.

Na Academia das Ciências

o dr. Julio Gonçalves falou de Ruy Faleiro

Sob a presidência do prof. Moses Bensabat Amzalak reuniu-se esta tarde a classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa.

O académico dr. Julio Gonçalves fez uma comunicação sobre Ruy Faleiro, o piloto e cosmógrafo cujo nome tem andado associado ao de Fernão de Magalhães na viagem de circum-navegação. Disse o dr. Julio Gonçalves que achara, nos Arquivos do Estado de Munich o original da «Arte de Navegar», de Pedro de Medina, contemporâneo em Sevilha dos irmãos Faleiro.

Disse depois que Ruy Faleiro era um astrólogo pouco sábio de cosmografia que nunca navegara. O seu valor como astrónomo e navegador era nulo, segundo o testemunho de Castanheda.

Tratou depois o dr. Julio Gonçalves do caso de um tratado de longitudes. Foi com fé nas afirmativas dos apontamentos de Faleiro que a viagem de Fernão de Magalhães foi autorizada, mas em vista do seu «erro enorme» não foram alcançadas as ilhas de Castanheda.

O CHEFE do Estado-Maior da Força Aérea visita a Guiné

BISSAU, 15 — Procedente de Lisboa, chegou ao aeroporto desta cidade o general Mira Delgado, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, acompanhado pelo tenente-coronel Bastos e pelo alferes Cabedo.

No aeroporto, o general Mira Delgado teve calorosa recepção, sendo cumprimentado pelo chefe de gabinete do governador da província e por altas individualidades militares.

O chefe do Estado-Maior da Força Aérea vem em visita às unidades da F. A. P. — (L.).

UMA AMEAÇA para a indústria têxtil portuguesa

WASHINGTON, 15. — A indústria têxtil portuguesa será seriamente prejudicada se a Comissão de Tarifas aprovar a imposição, pedida pelo Governo norte-americano, da sobretaxa de 8,5 centimos por libra-peso à importação de têxteis de algodão — declarou, ontem, o advogado Myron Solter.

Solter preparava-se para intervir em defesa dos interesses portugueses, como representante dos importadores norte-americanos de têxteis de Portugal. Acrescentou que as exportações portuguesas de fio de algodão para os Estados Unidos atingem, anualmente, cerca de 10 milhões de dólares (290 mil contos).

Nalguns círculos da Secretaria de Estado julga-se que as já difíceis relações entre Portugal e os Estados Unidos agravar-se-ão se os têxteis portugueses forem atingidos pela sobretaxa proposta, tanto mais que, a agravá-las, surgiu, agora, novamente, a projectada visita da esposa do presidente Kennedy à União Indiana, adiada quando da invasão de Goa, e que a Casa Branca deve anunciar oficialmente dentro em breve. — (A. N. I.).

TRÊS PESCA ENFRENTARAM AO LARGO DE sob desabrido

OLHAO, 15 — O forte vento sueste, temor dos pescadores algarvios e que tanta embarcação tem perdido nas ondas, voltou a soprar,

O Chefe do Estado recebe amanhã

o diploma que o nomeia almirante da Armada espanhola

O sr. almirante Américo Thomaz recebe amanhã, às 16 e 45, em audiência, no Palácio de Belém, o sr. embaixador de Espanha, que vai fazer-lhe entrega do diploma que nomeia o Chefe do Estado português almirante da Armada do país vizinho — distinção que lhe foi conferida por ocasião da sua visita oficial a Espanha.

O sr. embaixador Ibañez-Martín far-se-á acompanhar dos adidos militar, naval e aeronáutico, respectivamente, srs. coronel Fernandez Vallespin, comandante Ramos Izquierdo e coronel Lopez-Saes Rodrigo.

das as Molucas e Magalhães foi morrer às Filipinas.

Houve um conflito entre as duas cortes de Portugal e Espanha. Não se sabe se o erro de Ruy Faleiro foi involuntário ou propositado. Morreu num manicómio, em Sevilha.

A exposição erudita do dr. Julio Gonçalves foi muito aplaudida.

Presidentes

de Municípios e jornalistas de Trás-os-Montes visitam o Brasil

RIO DE JANEIRO, 15. — Procedente de Lisboa, chegou, em visita ao Brasil, a delegação dos presidentes das Camaras Municipais e jornalistas de Trás-os-Montes, a convite do «Voo da Amizade».

No discurso de boas-vindas, o deputado Levy Neves exaltou os laços de amizade que prendem portugueses e brasileiros «que, unidos pela tradição, se conservam hoje organizados numa frente comum contra a ameaça do comunismo internacional».

A delegação lusitana visitou ontem o Centro de Turismo e a Embaixada de Portugal. Hoje visita Corcovado e o Pão de Açúcar. Amanhã apresenta cumprimentos à Assembleia Legislativa, ao governador do Estado de Guanabara, Carlos Lacerda, e, à noite, assiste ao banquete de homenagem na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro. No sábado, visita Petrópolis e no domingo irá a Brasília.

A delegação portuguesa regressa a Lisboa na próxima segunda-feira. — (A. N. I. e F. P.).

OS RESTAURANTES DO
HOTEL EDUARDO VII e TÁGIDE
INCLUIRÃO NAS SUAS EMENTAS UM PRATO TÍPICO DAS PROVÍNCIAS DE FRANÇA NO PERÍODO DE 1 A 15 DE FEVEREIRO

AIR FRANCE

PREDIOS VENDEM-SE

EM CAMPOLIDE; 1.500 CONTOS:

Composto de 6 inq., isento por 6 anos, boas div. por hab. Rende 90.000\$00.

EM CAMPO DE OURIQUE; 1.800 CONTOS:

Muito bem servido de transportes, esmerada construção e acabamentos, c/ 6 inq., 4 e 5 casas soalhadas amplas por hab. Elevador e todas as comodidades. Rende 108.000\$00.

A GRAÇA; 2.750 CONTOS:

De grande volume, c/ 11 inq., 2 elevadores, 5 div. e hall. Rende 160.260\$00. Isento 6 anos.

NA MADRE DEUS; 3.800 CONTOS:

C/ 3 inq. por piso, isento de contribuição por 6 anos, c/ 18 inq., 2 elevadores, 5 div. desp. e hall. Rende 255.000\$00 aprox.

NOTA: — Todos estes preços estão sujeitos a oferta.

A CONFIDENTE

A. MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
FUNDADA HÁ 28 ANOS

LISBOA: — Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6

PORTO: — R. Passos Manuel, 14-1.º

PESCADORES TARAM A MORTE RGO DE OLHÃO desabrido temporal

forte vento
escadotes al-
barcação tem
tou a soprar,
tado
amanhã
meia almi-
espanhola
rico Thomaz
e 45, em au-
Belém, o s-
dha, que vai
diploma que
Estado portu-
Estado do país
e lhe foi con-
sua visita offi-

quase originando mais um drama. Saira a barra, ontem à tarde, o pequeno barco «Santa Efigênia», da pesca do trespalha, do mestre João dos Santos Pereira, que consi- go levava dois filhos, Luciano e o João, respectivamente de 33 e 43 anos. Sob o temporal, entendeu o mestre, cerca da meia-noite, reco- lher as redes e tomar novamente o rumo da barra, assim se pondo a salvo.

Próximo do farol de Santa Maria, contudo, um dos remos partiu-se — e logo o barco, que não possuía vela, ficou à deriva, batido pelo vento e pela água.

Transidos, os tripulantes acende- ram um a um os fósforos que con- sigo traziam, na vã esperança de que alguém de outros barcos, sai- dos também para a pesca, os avis- tasse. Mas não desanimaram. O mestre ficou na popa, o Luciano es- gotava continuamente a água e o João agarrou-se ao leme.

Seis horas da manhã, esgotados por uma luta titânica, foram vistos pela tripulação do barco a motor «Odete Maria», do velho lobo do mar João Francisco, que os trouxe para terra. Foram indescritíveis o alarido e a alegria do mulheiro, ao ver chegar os três pescadores, ge- lados e semi-inconscientes, mas salvos.

ncias
galves
aleiro
agalhões foi

O ORÇAMENTO MILITAR de Andorra

é de 150 escudos

ANDORRA, 15 — O Conse- lho Geral dos Vales de An- dorra fixou em 300 pesetas (cerca de 150 escudos) o or- çamento do armamento, isto é, menos 60 (30 escudos) pe- setas que o de 1961.

Pensam os conselheiros que aquela verba será suficiente para comprar as munições ne- cessárias para as salvas de honra. Não é outro, com efei- to, o destino destes créditos. — (F. P.).

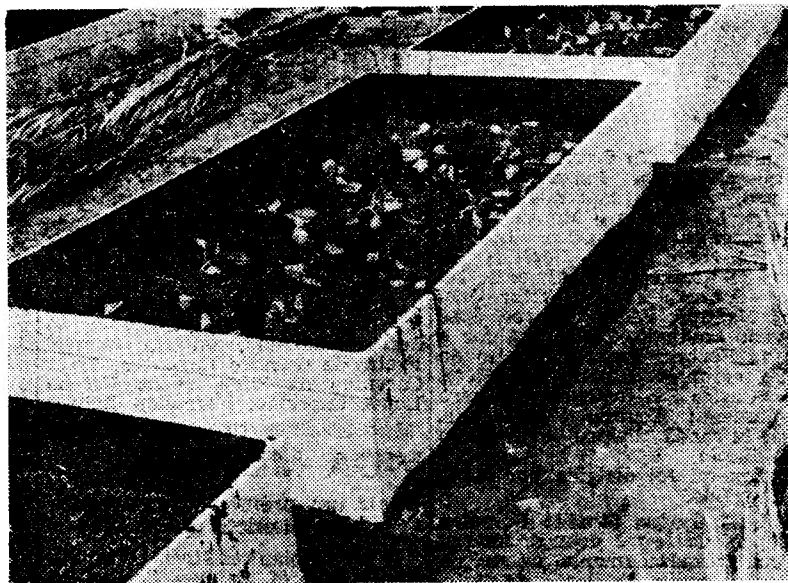
tes
pios
as
-Montes
Brasil

15. — Proce-
pou, em visita
dos presi-
Municipais e
Montes, a con-
dade.

vindas, o de-
xaltou os la-
prendem por-
«que, unidos
servam hoje
ente comum
munismo in-

a visitou on-
ismo e a Em-
Hoje visita
Acucar. Ama-
mentos á As-
o governador
ra, Carlos La-
e ao banque-
Casa de Trás-
o. No sábado,
domingo irá

mesa regressa
segunda-feira.



As primeiras plantas criadas por botânicos portugueses pelo sistema hidropónico, cultivadas em tanques com areia e água

FAZEM-SE EM PORTUGAL as primeiras culturas hidropónicas que podem transformar a aridez de Cabo Verde numa horta de ricas promessas

Em artigo de divulgação, falámos, há duas semanas, do sistema de cultura hidropónica e das perspecti- vas que abre não só para os países com falta de terras cultiváveis, co- mo para os centros de grande con- centração populacional. A hidropo- nia encontra-se, por isso, já muito expandida em várias regiões do Globo, tendo dado óptimos resulta- dos práticos e apresentando-se co- mo um processo susceptível de en- ornos economias no que respeita ao abastecimento de produtos hor- ticolas. Tornou ainda possível a re- giões estéréis a produção de géne- ros alimentícios, em substituição de uma agricultura cara e impossível.

Uma feliz oportunidade deu-nos ensejo, durante uma visita ao Jar- dim do Ultramar de Lisboa, a sa- ber que se efectuaram, em 1961, as primeiras experiências de hidropo- nia em Portugal. Trata-se duma tentativa de largo alcance, visan- do um plano de grande amplitude eco- nómica e social. E, portanto, o pri- meiro trabalho oficial realizado por técnicos portugueses, que levaram o sistema do laboratório para o

ções marítima e aérea, e, ainda, a possibilitar-lhe um comércio de ex- portação de produtos hortícolas.

O sr. eng. José d'Orey, muito amável, acedeu, prontamente, a dar- nos todos os esclarecimentos sobre o assunto, de amplo interesse eco- nómico-social. Começou por eluci- dar:

— A hidroponia é um novo sis- tema de cultura em que se dispen- sa a terra. Teve o seu início nos Estados Unidos, saindo do laborató- rio para o campo. Dadas as possi- bilidades desse país, e não por con- ditionalismo agrícola que obrigasse a utilizar outro processo que não fosse o normal, as primeiras expe- riências realizaram-se no primeiro quartel deste século.

— Quais as vantagens do novo sistema?

— A hidroponia tem, principal- mente, vantagens, em condições es- peciais, quando alguns factores de produção agrícola são insuficientes, em zonas de terras estéréis, quan- do a mão-de-obra é excessivamente cara ou a terra de difícil amanho — enfim, em imensos casos.

Quisemos, depois, saber a razão por que se escolheu Cabo Verde para as primeiras experiências em Portugal. A resposta veio, pronta:

— No caso particular de Cabo Verde o facto condicionante é a água, que, como se sabe, é pouca devido à irregularidade das chuvas. Pela hidroponia, há uma economia notável de água, porque esta cir- cula em circuito fechado e, portan- to, dada a impermeabilidade dos tanques de cultura, nunca se infil- tra na terra. O seu gasto não vai além de um décimo em relação à cultura normal agrícola. Como as produções são muito maiores (da ordem de 2 a 20 vezes maiores, con- forme as plantas), vemos que, com a mesma água, pode cultivar-se uma área dez vezes maior. Ora, como a produção é, em média, quin- tupla, para a mesma área temos que, com igual quantidade de água, se refere aos trabalhos de vigilância zes mais.

Nada se perde na hidroponia

A cultura hidropónica é feita em tanques com água circulante, onde se deitam areia, cascalho ou escó- rias. Misturam-se-lhe, depois, pro- dutos químicos. O sr. eng. José d'Orey explica:

— A solução nutritiva é feita com os diversos compostos químicos que constituem os adubos normais. Estes são totalmente absorvidos. Uma vez que não sofrem o risco de se- rem arrastados pelas águas que se infiltram na terra, no caso da agri- cultura normal. Há, assim, uma eco- nomia total, embora no sistema hi- dropónico não possa contar-se com os alimentos próprios fornecidos pela terra.

— Mas há outros aspectos eco- nómicos.

— Claro. Como não há lavouras, sachoas ou mondas, pois a cultura faz-se em areia ou brita miúda, a economia de mão-de-obra é enor- me. A área destinada a cada traba-

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE—FABRICO
PRÓPRIO

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta. 253 — Tel. 2 4564

(Continua na 14.ª página)

OS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO expõem os seus problemas e as suas dificuldades e pedem que lhes façam justiça

Os problemas das classes laborio- sas, que vêm sendo debatidos nas colunas do «Diário de Lisboa», com larga representação pelo País a tra- duzir-se num movimento de comp- reensão e simpatia, são, como se verifica pelas exposições dos mais diversos sectores profissionais, co- muns a todos os trabalhadores em face das crescentes dificuldades re- sultantes dos seus modestos recur- sos, incompatíveis com as exigên- cias do custo de vida e a manuten- ção do agregado familiar.

Esse é o ponto fundamental das justas reivindicações das classes trabalhadoras, no comércio, na in- dustria e ao serviço do Estado, re- vestindo-se alguns casos de aspec- tos particulares relativos a cada profissão, como o caso dos funcio- nários públicos cuja situação resul- ta, nos escalões mais modestos, da própria organica e dos regulamen- tos que determinam as suas activi- dades, a admissão e o acesso às categorias imediatas. Outras clas- ses têm problemas mais vastos e complicados, não só no que respeita a necessidade da actualização de salários e ordenados, como, tam- bém, no que concerne a direitos e regalias, benefícios aos quais os tra- balhadores se julgam com direito, pois lhes são conferidos e reconhe- cidos pelas leis de protecção ao tra- balho. De um modo geral, as reivin- dicações das classes laboriosas in- cidem no mesmo ponto, ou seja a necessidade da efectivação ou re- visão dos contratos colectivos, adap- tando-os às exigências actuais e ga- rantindo reais benefícios que satis- façam as legítimas aspirações dos trabalhadores. Entre estes se in- cluem os empregados no comércio, de cujos anseios nos temos feito

eco através de objectivas e escla- recedoras exposições sobre as di- ficuldades com que se debatem. Ou- tros depoimentos nos chegam dos empregados de escritório de vários sectores das actividades produtivas. Com o mesmo objectivo que nos orienta neste largo movimento, o da contribuição construtiva, pela explanação dos problemas profissio- nais, em vista às justas soluções, se reproduzem duas cartas de emprega- dos de escritório, uma delas cons- tituindo exposição colectiva, nas quais se condensam os anseios e as- pirações da classe largamente por- menorizada nos outros depoimentos.

Pedindo justiça

Diz uma das referidas cartas, as- sinada por muitos dos interessados: «Empregados de escritório, dos mais variados ramos das activida- des comerciais e industriais, somos afectados pelos mesmos problemas das outras classes de trabalhadores e aguardamos que nos seja feita justiça, atribuindo-nos direitos e regalias cuja reivindicação se tem como legítima por parte de quem trabalha e não vê compensado o seu esforço de modo a poder acudir às necessidades dos agregados fa- miliares e garantir-lhes o futuro de- sanuado de sombrias apreensões.

«Aplaudimos o movimento do «Diário de Lisboa» para satisfação dos anseios e aspirações das classes laboriosas que lutam com toda a sorte de dificuldades, sempre cres- centes dada a subida do custo da vida, incompatível com os nossos ordenados, e damos toda a nossa solidariedade a quantos vêm pu- gnanando, com o valioso auxílio do «Diário de Lisboa», pelas indispen- sáveis melhorias económicas e a dignificação de todas as profissões.

«Já se viu como é possível me- lhorar a situação dos trabalhadores, pelas concessões aos empregados bancários, em resultado da reforma do seu contracto colectivo de tra- balho. Nós pedimos apenas que nos seja feita justiça, que sejam aten- didas as nossas justas reclamações; e parece-nos não ser exigir o im- possível pretender que os nossos sindicatos (cujas obrigações se as- massas trabalhadoras não se limi- tam, pelo espírito da sua própria organização, a cobrar-nos as quo- tas) enfrentem decididamente os problemas que nos tornam a exis- tência amargurada, de forma a se conseguir a necessária melhoria de situação pela reforma actualizada dos contratos de trabalho. Pedimos isto, confiados em que nos ouvirão os dirigentes da nossa laboriosa classe (empregados de escritório e no comércio em geral) e por ela se interessarão as entidades compe- tentes, às quais ousamos lembrar a necessidade de se evitar que a uma melhoria de ordenados não se siga um aumento do custo de vida, esta-

(Continua na 11.ª página)

O Presidente da República ofereceu um almoço ao comendador Laje

O sr. Presidente da Republica e sua esposa ofereceram hoje, no anexo residencial do palácio nacio- nal de Belém, um almoço íntimo ao presidente da Federação das Asso- ciações Portuguesas do Brasil, sr. comendador Aventino Fernandes Laje, e esposa, que se encontram entre nós em gozo de férias.

No almoço, que teve carácter par- ticular, participaram pessoas das relações do sr. almirante Américo Thomaz e do seu convidado.

O sr. comendador Laje, que re- gressa na próxima segunda-feira ao Brasil, a bordo do «Augustus», vol- ta amanhã a Belém, a fim de apre- sentar as suas despedidas ao Chefe do Estado.

Jóias Antigas e Modernas

Compramos pelo mais alto preço

GRANDE OURIVESARIA

DA MODA

RUA DA PRATA, 257

O VII e TÁGIDE
MENTAS UM PRATO TÍPICO
RANÇA NO PERÍODO DE

RANCE



PAGINA CENTRAL

QUINTA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1962

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

João César Coelho

Faleceu hoje o sr. João César Coelho, de 41 anos, industrial de tipografia, natural de Lisboa, casado com a sr. D. Fernanda Lopes Coelho, pai do sr. Vítor Augusto Lopes Coelho e irmão do sr. Julio César Coelho, industrial de tipografia. O funeral realiza-se amanhã, pelas 15 horas, da sua residência, Rua de S. Lourenço, 19, r/s., para o cemitério do Alto de S. João.

Domingos Vicente Ribeiro

Na sua residência, Rua Azedo Gneco, 64, 1.º, direito, faleceu o sr. Domingos Vicente Ribeiro, de 50 anos, chefe de secção de Kardeks da Philips Portuguesa, natural de Lisboa.

O extinto era casado com a sr. D. Maria Teresa Duarte Ribeiro, irmã das srs. D. Maria Vitória Ribeiro Serra, D. Celeste Ribeiro e dos srs. António Vicente Ribeiro e Manuel Vicente Ribeiro. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da morada acima indicada, para o cemitério da Ajuda.

Dr. Parcídio de Matos

COIMBRA, 15 — Num dos quartos particulares dos Hospitais da Universidade, faleceu ontem o sr. dr. Parcídio de Matos, que contava 70 anos, e era advogado em Fafe e conservador do Registo Civil aposentado. Figura muito conhecida.

CICLISTA

atropelado mortalmente

SEVER DO VOUGA, 15. — Quando regressava a casa, no seu automóvel, o sr. Manuel Joaquim Tavares de Carvalho, de Roca, atropelou, no lugar da Ponte do Pessegueiro, o ciclista sr. Laurindo Tavares, casado, de 55 anos. O motorista transportou o sinistrado ao hospital desta vila, onde chegou já morto.

O desastre, sem culpas para o condutor do automóvel, foi devido à falta de visibilidade numa curva apertada da estrada nacional, onde se têm dado muitos acidentes idênticos.

e estimada no Norte do País, impôs-se sempre pelas suas convicções democráticas e inteireza de carácter, desfrutando naquele círculo minhoto de grande prestígio e consideração. Deixa viúva a sr. D. Maria Emília Martins Campos de Carvalho e Matos e era pai dos srs. eng.º D. Maria Emília Campos e Ma. dr.º Alice de Campos e Matos, dr. Armando de Campos e Matos, catedrático da Universidade do Porto; e das srs.º dr.º D. Maria Miquelina Campos e Matos Semavielle, eg.º D. Maria Emília Campos e Matos e D. Maria Umbelina de Campos e Matos Teles.

O funeral sai hoje, da Sé Nova para Fafe.

FUNERAIS

Dr. José Saraiva

Da sua residência, saiu esta manhã o funeral do sr. dr. José Saraiva, para o cemitério de Donas, Fundão, terra da sua naturalidade, onde o preito funebre deve chegar ao fim da tarde.

Durante a tarde e noite de ontem, estiveram na casa onde vivia o sr. dr. José Saraiva, a apresentar condolências à família, pessoas de todas as categorias sociais, entre as quais os srs.º profs. Mário de Figueiredo, presidente da Assembleia Nacional; Manuel Lopes de Almeida e Adriano Moreira, ministros, respectivamente, da Educação e do Ultramar; dr. João Augusto Dias Rosas, secretário de Estado do Comércio; profs. Caeiro da Mata, Paulo Mereia, Hernani Cidade, Silva Godinho, Silva Cunha, José Sarmento, Pinto Barriga, José Julio Gonçalves, Luís Leite Pinto, Rodrigo de Sá Nogueira, Silva Lopes, José Pedro Moreira, Eduardo Azevedo, António Ferreira Maurício, Prado Coelho, Silva Rego e Orey; drs. Baltasar Rebelo de Sousa, Luís Suplico Pinto, Soares da Fonseca, Veiga de Macedo, Paulo Caneira de Abreu, Melo e Castro, Alves Monteiro, Manuel Colares Pereira, Franco Falcão, Tarujo de Almeida, Rui de Azevedo, Calvo Velasco, Melo Furtado, Oscar Lopes, António Paisana, Virgílio Tavares, Lopes de Oliveira, Rolão Preto, Afonso Zuquete, António Pinto Castelo Branco, Almeida Mendes, Fernando

Carneiro, Rodolfo Lavrador, Sousa Carrusca, Braga Paixão, Gomes Branco, Afonso Marchueta, Joel Ferrão, Lino Neto e Monza Rodrigues; engs. Guimarães Lobato, Amaral Neto, Matos Correia, Alberto de Freitas, Luís Almeida, Tomás da Costa França, Vítor Quadros Martins, Pedro Alvares, José Salvado Sampaio, Cunha e Serra e Cunha Ferraz; general Pereira do Vale, coronéis Ribeiro da Silva, João Carlos Sá Nogueira e Pereira Damasceno; Acursio Pereira, dr. José Miranda Pessoa e António José Barão.

O funeral foi dirigido por A. G. Magno, Lda.

Dr. Luís Carlos Simões Ferreira

Depois de breve doença, faleceu ontem, inesperadamente, na sua residência, Largo do Barão de Quintela, 3, 3.º, Dto., o dr. Luís Carlos Simões Ferreira, médico fisiólogo, de 79 anos, casado com a sr.º D. Henriqueta Simões Ferreira, pai do médico do Centro de Medicina Desportiva, dr. José António Simões Ferreira, irmão da sr.º D. Cristina Simões Ferreira Leite de Castro e tio do advogado dr. António Simões Ferreira.

O extinto, que foi capitão-médico do C. E. P., durante a guerra de 1914-18, era formado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo sido director do I. A. N. T., do Hospital da Misericórdia de Lisboa e da enfermaria «Santa Isabel», do Hospital de S. José. Foi, por várias vezes, presidente da Sociedade das Ciências Médicas e era, actualmente, médico-chefe da Companhia Portuguesa dos Tabacos.

O seu funeral efectuou-se esta manhã, no domicílio para jazigo de família no cemitério dos Prazeres, não se tendo feito participação do falecimento por sua expressa vontade.

SUFRAIOS

José Martins Contreiras

Mandada rezar pela viúva e por outras pessoas da família de José Martins Contreiras, conhecido desportista e dirigente do Clube Naval de Lisboa, é celebrada, no próximo domingo, às 11 e 30, na igreja dos Mártires, missa sufragando a sua alma.

Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra

Foram eleitos os corpos gerentes do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, para o ano escolar em curso.

A direcção ficou constituída pelos srs. Fernando da Conceição Serra Lourinho, Alvaro Manuel Freire de Gusmão Bandarra, Artur Carvalho da Silva, Maria Helena Lopes Carvalho, Fernando Rabaca

VIDA MUSICAL

Mais um prémio internacional para a pianista Maria João

A jovem pianista Maria João, discípula do prof. Campos Coelho, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian, foi recentemente galardoada com o 1.º prémio na Staatliche Hochschule de Musica, de Munich.

Esta distinção, conferida pela Escola Superior de Musica do Estado Alemão, veio confirmar, de forma altamente honrosa e mais expressivamente ainda, as excepcionais qualidades da jovem artista portuguesa.

NOVO SALVA-VIDAS

para o porto de Olhão

OLHAO, 15. — E' aguardado neste porto, com justificado contentamento, o envio do novo salva-vidas «Comandante Couceiro», que vem substituir o «Rainha D. Amélia», considerado insuficiente para a defesa das vidas dos que mourejam no mar algarvio.

Academia de Amadores de Música

Assembleia Geral

Reune no próximo dia 28, pelas 21 horas, na sede da Academia, a Assembleia Geral Ordinária para aprovação do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal, referentes a 1960/61 e eleição de Corpos Gerentes.

Correia Cordeiro, Joaquim Antero Romero Magalhães e Ana Maria Castiel Duarte Reis. Da assembleia geral fazem parte o sr. prof. dr. Paulo Quintela, Manuel Lousã Henriques e Manuel Jacinto de Azevedo Soares da Costa. O conselho fiscal é composto pelos srs. António Feliciano Pais do Amaral, António Ferreira Guedes, Maria Fernanda Sarmento Afonso Dias, António Schiappa Theriaga Mendes, Carlos Alfredo de Freitas Alves Bravo e Rafael Policarpo Neves Ferreira da Silva. Para o conselho cultural foram nomeados Ana Paula Quintela Ferreira, Duartina Maria Marina de Moraes Cabral e dr. Mário Vi-

laça.

RECITAL

de poesia francesa

O actor e declamador francês Pierre Viala, que se encontra em Portugal, pela segunda vez, a convite da «Alliance Française», dá hoje, pelas 21 e 30, na sede do Instituto Francês, na Rua de Santos-O-Velho, 11, um recital dedicado à poesia francesa contemporânea, que está sendo aguardado com o maior interesse por quantos já tiveram a oportunidade de apreciar o talento deste notável intérprete dos poetas da sua terra.

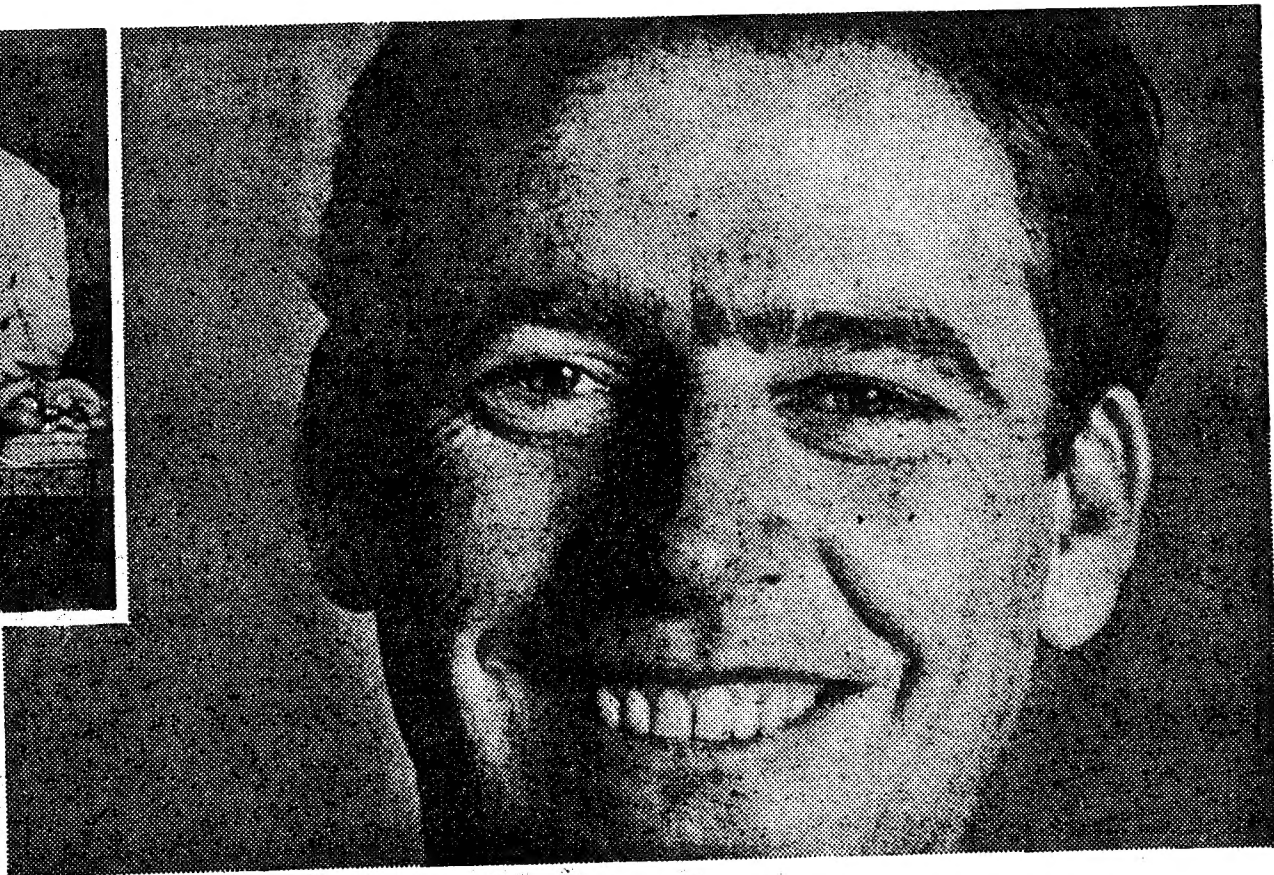
Exposição Internacional de Ornitologia

Promovida pela Associação dos Avicultores de Portugal, que tem a sua sede na Praça do Ultramar, n.º 1, r/c, dt., é inaugurada amanhã, às 18 horas, pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, no Pavilhão de Festas da Estufa Fria, no Parque Eduardo VII, a Exposição Internacional de Ornitologia que abrirá para o publico às 21 horas. Nos dias uteis, a exposição estará aberta das 15 horas à meia-noite, e aos domingos das 11 às 13 e das 15 à meia-noite.



Antes de viajar na Air France esta senhora ignorava que uma travessia aérea pudesse ser tão agradável.

Pessoal cuidadoso e atento, conforto estudado, escolhidos menus, ambiente incomparavelmente simpático.



...o sorriso a bordo da Air France

A partir do momento em que compra o bilhete na Air France o passageiro fica a receber a mais solícita e cuidada assistência do pessoal da Companhia. No aeroporto, ou a bordo do avião, terá sempre, ao seu lado e ao seu dispor, um sorriso amigo e simpático, a figura gentil da hospedeira, ou o rosto confiante do comissário, prontos a adivinharem os seus pensamentos e a tornarem mais agradável o seu passeio. Confie no sorriso e no pessoal da Air France e a sua viagem será melhor.



Recorra ao «Serviço de Boas-Vindas» (Air France Welcome Service) que a nossa Companhia criou expressamente para si. Informações preciosas, o que há de mais interessante para ver ou comprar, indicação dos melhores endereços, reserva de lugares, escolha de cicerones — tudo isso o viajante da Air France pode encontrar no Welcome Service.

AIR FRANCE

2.ª QUINZENA 1962

RUI MARTINS SILVA

foi o melhor na rampa da Foia para a Volta a Portugal em automóvel

MONCHIQUE, 15. — (Pelo telefone). — A hora prevista, 11 e 18, começaram a chegar a esta localidade os dezasseis automobilistas que disputam a 13.ª Volta a Portugal, em automóvel, competição organizada pelo Clube dos 100 a Hora e que conta para o Campeonato Nacional de Condutores.

Logo a seguir, os concorrentes efectuaram a primeira prova de classificação, na Rampa da Foia, da qual damos a seguir a classificação dos automobilistas, em fase dos tempos que realizaram:

1.º, Rui Martins Silva, 5 m. 14,6 s.; 2.º, Baptista dos Santos, 5 m. 18,4 s.; 3.º, F. Basílio dos Santos, 5 m. 18,4 s.; 4.º, Carlos Faustino, 5 m. 18,4 s.; 5.º, Luís Fernandes, 5 m. 23,4 s.; 6.º, António Peixinho, 5 m. 27 s.; 7.º, José Alerp-mal, 5 m. 29,06 s.; 8.º, Manuel Lopes Gíão, 5 m. 31,5 s.; 9.º, Sarmen-to Rebelo, 5 m. 34,4 s.; 10.º, César Torres, 6 m. 01 s.; 11.º, A. Augusto Parente, 6 m. 04,8 s.; 12.º, Alfredo Baptista Rodrigues, 6 m. 28 s.; 13.º, Cipriano Flores, 6 m. 34,3 s.; 14.º, Roberto Lima, 6 m. 35,2 s.; 15.º, Burnay Bastos, 7 m. 2,8 s.; 16.º, Canelas Lopes, 7 m. 19,4 s.; 17.º, M. Martins Teixeira, 7 m. 51 s.

Reuniões científicas

No Hospital do Ultramar

No Hospital do Ultramar, efectuou-se mais uma reunião mensal do corpo clínico, na qual foram apresentadas duas comunicações: «A propósito dos primeiros mil casos observados no Serviço de Doenças Pulmonares», pelo dr. Iglesias de Oliveira, e «Três casos de interesse operados no Serviço de Cirurgia Torácica», pelo professor Mendes Ferreira e pelo dr. Iglesias de Oliveira.

Presidiu o director, coronel-médico dr. João Pedro de Faria, que ao abrir a sessão, se referiu aos trabalhos que iam ser apresentados, falando do significado destas reuniões e de quanto elas contribuem para elevar os créditos da Medicina e, consequentemente, o hospital.

O dr. Iglesias de Oliveira relatou o movimento da Consulta Externa do Serviço de Doenças Pulmonares e fez uma revisão da estatística nosológica, focando especialmente os casos de nódulos redondos solitários do pulmão, de carcinomas broncogénicos, de fibrose e enfizema pulmonares.

Por fim, o professor Mendes Ferreira apresentou três casos de interesse, operados no Serviço de Cirurgia Torácica: corpo fibrinoide livre na cavidade pleural; quisto hidático do fígado perfurado na pleura; e sarcoma da costela.

CRIANÇA

atropelada mortalmente por uma camioneta

Cerca das 15 e 15 de hoje, uma criança do sexo feminino que aparenta 8 anos, foi atropelada por uma camioneta na Rua Vale Formoso de Cima. Conduzida ao Hospital de S. José, chegou ali já morta. A infeliz criança, cujo cadáver foi removido para a Morgue, envergava uma bata branca, das que se usam nas escolas, sobre a qual trazia um casaco vermelho.

LUANDA

vai ter pistas para aviões a jacto

LUANDA, 15 — No Governo-Geral foi hoje assinado um contrato de empreitada, em regime de auto-financiamento, no valor de 300 mil contos. A obras abrangidas neste contrato dizem respeito à construção de pistas para aviões a jacto no aeroporto de Luanda e da estrada Luso-Henrique de Carvalho, cujas adjudicações já tinham sido feitas a empresa Mota & C. — (L.).

FALECEU

O JORNALISTA Josué Aguiar

S. TOMÉ, 15 — Faleceu na sua residência, na roça Para-Sol, Josué dos Santos Aguiar, de 80 anos de idade, que foi redactor e editor do antigo jornal «A Liberdade». Deixou viúva D. Isabel Brandão Aguiar. — (A. N. I.).

O PORTO

pelo telefone

Aparecimento de um cadáver

PORTO, 15. — No passado dia 12, morreram afogados, próximo do esporão do molhe norte do porto de Leixões, dois irmãos, remadores da Alfandega, quando regressavam da pesca da faneca, a bordo de uma pequena embarcação. Eram eles Manuel e José Francisco Cadilhe, respectivamente, de 59 e 62 anos. O cadáver do primeiro foi encontrado no próprio dia do acidente. O do segundo apareceu esta madrugada, a boiar próximo do local do naufrágio. Foi recolhido por um barco de pesca, da Mujiganga, de que é arrais o sr. José Dias Can-galhas. Levado para terra, foi o corpo removido para a casa mortuária do cemitério de Sendim.

Incêndio num barracão

Esta manhã, manifestou-se incêndio num barracão pertencente ao sr. Henrique Castro e habitado por Maria Adelaide Monteiro. Ardeu totalmente. Desconhecem-se as causas que motivaram o sinistro. Os bombeiros municipais de Gaia e voluntários dos Carvalhos extinguíram as chamas com o auxílio de agulhetas.

Espectáculos de amanhã

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: a comédia «Criada para todo serviço» (17 anos).

COLÍSEU — As 21 e 30: «A escrava de Roma» (12 anos).

RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Boneca de luxo» (17 anos).

BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O sócio secreto» (12 anos).

NUNO ALVARES — As 21 e 30: «Agente em Berlim» (17 anos).

JULIO DINIS — As 21 e 30: «Uma aventura imprevista» (12 anos).

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «O Tinteiro», pela Companhia do Teatro Moderno de Lisboa (17 anos).

TRINDADE — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O milagre do Malaquias» (17 anos).

OLIMPIA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Badaroscope» (12 anos).

AGUA DE OURO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «O diabo às 4 horas» (12 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e às 21 e 15: «Gangsters falhados» e «Decisão de um coarde» (12 anos).

VALE FORMOSO — As 21 e 30: «O preço da audácia» (17 anos).

OS CRIADORES

de gado de raça, britânicos visitaram o Baixo Alentejo

BEJA, 15. — A missão britânica de criadores de gado de raça, que se encontra em Portugal, visitou hoje duas propriedades no Baixo Alentejo, a do sr. José Joaquim Fernandes, em Beja, e a do sr. João Janeiro Rogado, em Pias.

OS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

(Continuação da página central)

beleçando-se o mesmo círculo vicioso e assim se anulando alguns benefícios económicos que nos sejam concedidos.

«Esperanças e agradecidos, felicitamos calorosamente o «Diário de Lisboa», com as nossas homenagens a V., etc.».

A lenta efectivação dos contratos de trabalho

Eis o que ponderadamente expõe noutra carta um empregado de escritório:

«Hesitei, por mais de uma vez em me dirigir a V., mas, na verdade, o assunto urge vir a publico e num jornal como o «Diário de Lisboa», sempre pronto a defender os interesses dos trabalhadores e a pugnar por uma sociedade melhor organizada, onde o homem não seja a lobo do homem, havendo o devido respeito por cada um e a consciência do que vale o trabalho dos outros. Para não roubar espaço ao vosso conceituado jornal e tempo a V., entro já no motivo desta carta.

«Acompanhei, interessadamente, todo o magnífico e bem conduzido movimento suscitado pelo «Diário de Lisboa» sobre os vencimentos dos empregados bancários, os quais, com muita razão, puderam ver satisfeitas as suas pretensões. O sindicato portou-se á altura, defendendo os interesses dos seus associados. E' para isso que eles foram constituídos. Congratulemo-nos, pois, com o bom êxito dessa campanha. Infelizmente, nem todos os sindicatos procedem de igual forma, pois se assim acontecesse nem se falaria tanto no direito á greve, sistema que pessoalmente não me agrada, nem se verificaria tanta revolta interior com todos os consequentes tristes reflexos na vida exterior. «Têm sido assinados muitos contratos colectivos de trabalho, com

O TREINADOR

das equipas de futebol do Belenenses

A direcção eleita do Belenenses, que espera ser empossada durante a próxima semana, esteve reunida, ontem á noite, para apreciar algumas questões pendentes da maior urgência.

Foi decidido dar-se início, desde já, ás diligências necessárias para nomear, o mais depressa possível, o treinador para as equipas principais de futebol. Entretanto, em virtude da vida profissional de José do Carmo não lhe permitir muito tempo disponível e necessário, o Departamento de futebol resolveu agregar a si o sócio, antigo atleta do clube, Bernardo Soares.

reais benefícios para os trabalhadores, mas há outros que se impõe assinar, quanto antes, e um deles é o do pessoal dos escritórios e serviços técnicos das empresas de electricidade. Eu sei que, há meses, foi redigido e aprovado pelo Sindicato do Pessoal dos Escritórios de Lisboa um contrato. Aguarda-se, desde então, que o mesmo seja aprovado ou emendado, se estiver mal, pelo Grémio das Empresas de Electricidade. Mas para quando a sua efectivação?

«Solicito a V. a inserção desta carta, com a qual se pretende chamar a esclarecida atenção de S. Ex.º o sr. ministro das Corporações, pois de outra forma desconfio bem que o caso se arrastará indefinidamente».

DÉCIO DE FREITAS

foi indicado

para arbitrar um jogo do campeonato nacional de futebol grego

A Federação de Futebol grega solicitou á sua congénere portuguesa a indicação de um árbitro para dirigir o encontro do campeonato nacional daquele país, a disputar no próximo domingo, entre o Olympiades e o Ténicos.

A Federação Portuguesa indicou o nome do dr. Décio de Freitas.

CONFERÊNCIA

sobre os problemas de Moçambique

Na sede do Centro de Cultura Popular, a S. Pedro de Alcantara, o deputado por Moçambique, dr. José Manuel Videira Pires profere esta noite, pelas 21 e 30, uma conferência sobre os problemas actuais daquela provincia ultramarina. Focará os aspectos relacionados com o povoamento e o ensino, referindo-se, ainda, á posição do Ultramar português na actual conjuntura política internacional.

O VOO DAS AVES

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, 15 — O sr. António Coelho Lourenço, mais conhecido por António Luzia, residente no sítio denominado «Monte da Ribeira» — passadeiras de Santana —, desta freguesia, há cerca de três semanas, andava lavrando ao pé da sua residência. Consigo andava o seu filho Vitor Vargas Coelho, de 6 anos, que, armando na lavoura duas ratoeiras que levava, apanhou uma pequena avezinha, conhecida nesta região por patinha, tendo, numa das pernas, uma anilha de metal branco, com as seguintes indicações: «Museum Paris 74581».



A marca dum campeão...

HANOMAG APRESENTA AGORA O SEU NOVO E PODEROSO CAMIÃO «MARKANT» PARA CARGA ATÉ 4000 KGS. COM CAIXA DE 4,12x2,10 METROS. CABINA AVANÇADA DE VISIBILIDADE ILIMITADA PARA 3 PESSOAS E CAIXA DE VELOCIDADES TOTALMENTE SINCRONIZADAS



HANOMAG

Representante: IMPÉRIO DA BEIRA, LDA. — Av. Guerra Junqueiro, 24C — LISBOA



**Defenda a sua saúde,
combatendo o excesso
de peso com**

*** * ***
minVitine

O excesso de peso é prejudicial à saúde, visto que sobrecarrega inutilmente o organismo.

O novo alimento MINVITINE permite que se liberte rapidamente do excesso de peso.

Sem sensação de fome
Sem perda de energia

O princípio da cura de emagrecimento MINVITINE consiste na substituição das refeições normais por refeições MINVITINE.

Cada refeição MINVITINE fornece apenas ao organismo 225 calorias. Como esta quantidade não chega, o organismo vê-se pois obrigado a ir buscar as calorias de que necessita às suas próprias reservas, ou seja às gorduras que as pessoas fortes têm em excesso. A MINVITINE actua, pois, por simples redução calórica, mas, em contrapartida, fornece ao organismo todas as vitaminas, sais minerais e albuminóides de que ele necessita.

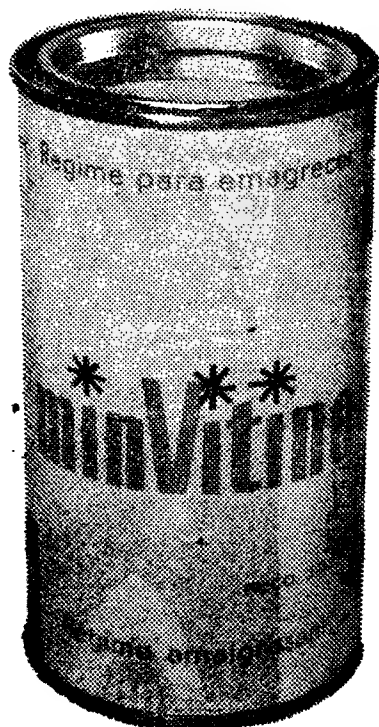
A MINVITINE tem um grande poder saciante, evitando assim toda e qualquer sensação de fome. A energia não diminui, antes pelo contrário, aumenta à medida que o organismo vai perdendo peso.

A perda de peso atinge cerca de 250 g por dia, no caso de **regime estrito**: substituição das refeições normais por 4 refeições MINVITINE de 225 calorias, cada uma.

O regime moderado (substituição diária de 1 ou 2 refeições normais por 2 refeições MINVITINE) provoca uma perda de peso suave de cerca de 1 quilo por semana.

O regime ocasional permite manter o seu peso.

Pode confiar na MINVITINE. A MINVITINE é um alimento dietético WANDER, o fabricante da mundialmente conhecida OVOMALTINE.



3 aromas
de paladar muito agradável:
Café, Chocolate, Neutro.

A venda em latas de 225 grs. dando para 4 refeições a Esc. 32\$50
e em caixas de 8 carteiras para 8 refeições individuais a Esc. 60\$00

Pode confiar na minVitine. A **minVitine** é um alimento dietético WANDER fabricante da mundialmente conhecida **OVOMALTINE**

DESPORTOS

Os melhores portugueses

ATLETISMO na época de 1961

—Balanço de lançamento do peso

A disciplina que hoje vamos analisar — lançamento do peso — foi uma das mais progressivas da temporada que findou. Na verdade, cinco atletas lançaram a «bola de ferro» a mais de 13 metros, o que em relação a 1960 representa um passo firme e decisivo. O impulso vem revelar que os métodos de treino foram revolucionários e que, sobretudo, deram resultado. Por outro lado, quatro atletas da lista dos melhores de 1960, desapareceram, dando lugar a outros mais realistas, mais positivos, pois conseguiram melhorar as marcas registadas em cerca de 1 metro!

O primeiro lugar da tabela dos melhores de 1961 é ocupado por um atleta persistente e desde que chamou a si o «record» nacional tem vindo a melhorar sucessivamente a sua marca ao ponto de a colocar já dentro de um plano internacional — 15,31 m. Trata-se de José Galvão, do Benfica, que atingiu, agora, a sua grande «forma». Com 30 anos, 1,735 m de altura e 99,5 kg de peso, pode dizer-se que tem, na verdade, o verdadeiro «físico de lançador». Ingressou no Benfica em 1950, seu clube de sempre, conseguiu já 18 internacionalizações (Espanha, 7; França, 9; Jogos Lusobrasileiros e Jogos Ibero-Americanos).

Se houvesse lógica no Totobola...

Considerando o «quase» que condiciona a lógica, aplicada ao desporto e, principalmente, nos jogos em que há uma bola, o leitor poderá, através dos elementos que a seguir adivinamos, vaticinar os resultados que compreendem o 21.º concurso do Totobola, marcado para domingo próximo:

Belenenses-Académica — Ambos com 16 pontos. A valorização psicológica dos «azuis» é um facto a ponderar e, porventura, decisivo. Animam a conceder-se-lhes o favoritismo.

Sp. Covilhã-Benfica — Dificuldades para os «encarnados». Os locais actuarão, pensando em fugir da zona perigosa. O que dará a personalidade do Benfica, a sua melhor técnica, contra o entusiasmo dos serranos?

Olhavense-Lusitano — Não parece viável acontecer a primeira derrota dos algarvios em sua «casa». No presente campeonato. Mas já empataram lá cinco vezes em oito jogos. Qualquer das equipas necessita de pontos.

Leixões-Atlético — Tranquilidade dos alcantarenses; inquietação dos matosinhenses. O comportamento da defesa do Atlético é uma incógnita.

Beira-Mar-V. Guimarães — Os 8 pontos dos azeiteiros sugerem agressividade e obstinação. Os viamarenenses têm 13 pontos, mas como visitantes parecem em desvantagem.

Vila Real-Sanjoanense — O ambiente e o frio do Marão favorecem os vila-realenses, embora sejam 11 pontos contra 17, estes, claro, na posse dos sanjoanenses.

Montijo-V. Setúbal — Sinal de rivalidade regional. Os sadinos têm nove pontos de vantagem e em 16 jogos venceram 13, empataram 2 e perderam 1. Além disso, estão com menos dois pontos do que o 1.º classificado, o Barreirense.

Mirandela-Gil Vicente — Mais experiência do Gil Vicente, que tem mais um ponto. Mas os visitados valem muito no seu campo.

Panasqueira-Lamego — O apego dos locais deve sobrepor-se à melhor estrutura dos locais.

Alcobaça-U. Coimbra — O 6.º contra o 1.º, separados por seis pontos. Mas dificuldades para os visitantes.

U. Tomar-D. Olivais — A impulsividade dos tomarenenses é factor de tomo. Os olivalenses valem pouco no campo alheio.

Vilafrankense-Estrela — Velhos conhecidos. O ambiente estimulará os locais.

F. Benfica-Casa Pia — Despiques nivelados. Os dois pontos a favor dos casapienses não serão argumento decisivo.

canos). Foi ainda seleccionado duas vezes, pela Associação de Lisboa.

Desde que se iniciou a sua carreira tem sido brilhante ao ponto de o progresso de José Galvão cifrar-se em cerca de meio metro por ano! Vejamos quais foram as principais marcas do campeão: 1952 — 10,96 m; 1953 — 13,59 m; 1959 — 14,31 m; 1960 — 14,95 m; 1961 — 15,31 metros.

Em segundo lugar aparece-nos o sportinguista Pedro de Almeida, um dos atletas mais completos, futuro campeão nacional do decatlo, excelente especialista, no salto em comprimento («recordmann») e barreirista. A sua assiduidade aos treinos, método e vontade firme de progredir guindaram-no, sem sombra de dúvida, àquele lugar com a marca de 13,69 m.

No terceiro posto surge-nos mais outro homem do Sporting — João Afonso, que foi o melhor no lançamento do disco. Jovem com qualidades natas para esta dura especialidade, será, quando quiser o segundo nesta disciplina. Dotado fisicamente, pode destronar Pedro de Almeida. A sua marca, assim, faz prever: 13,37 metros.

No conjunto global, manteve-se, portanto, uma melhoria a atestar que houve por parte dos atletas um interesse extraordinário. Aprecie-mos, porém, o que fizeram os três primeiros de 1960 em relação ao de 1961.

1960 — LANÇAMENTO DO PESO
1.º José Galvão (Bf.) 14,95 m
2.º Pedro Almeida (Sp.) 13,59 m
3.º Xara Brasil (Sp.) 13,39 m
1961 — LANÇAMENTO DO PESO
1.º José Galvão (Bf.) 15,31 m
2.º Pedro Almeida (Sp.) 13,69 m
3.º João Afonso (Sp.) 13,37 m

Depois destes houve outros que chamaram a atenção. São eles: Xara Brasil (Sp.), 13,29 m; Octávio Vicente (D. L. M.), 13,13 m; José Branquinho (S. L. M.), 12,92 m; Manuel Goulão (Bf.), 12,70 m; António Mendes (Sp.), 12,30 m; Heródio Costa (F. C. P.), 12,28 m; e Eduardo Albuquerque (Bf.), 12,01 metros.

A média geral que em 1960 era de 12,749 m passou, agora, em 1961 para 13,100 m. Temos, portanto, uma diferença de 0,351 metros, o que na verdade dos números significa acentuada melhoria.

Apreciação, porém, o procedimento dos três primeiros classificados através da tabela portuguesa. verificamos mais sensivelmente o progresso obtido dado que limitamos a apreciação aos da vanguarda.

1960 847,000
1961 853,666

HIPISMO

A Sociedade Hípica Portuguesa leva a efeito no sábado e no domingo, as primeiras jornadas de «poules» de treino, em cujo programa estão incluídas provas de obstáculos para cavaleiros juniores e seniores, corridas de trote atrelado e de galope, pela ordem seguinte:

Dia 17, de tarde: 1 — Prova de obstáculos para cavaleiros juniores que tenham já tomado parte em provas oficiais; 2 — corrida de trote atrelado, 2000 metros. 3 — Cavalos e éguas considerados de 2.ª categoria. Inscrição aberta a cavalos e éguas de 3.ª categoria alinhando no «handicap» 0; 3 — prova de obstáculos para cavaleiros seniores. Inscrição reservada a cavalos com «handicap»; 4 — corrida de galope, 1200 metros. Cavalos e éguas nascidos em Portugal com uma percentagem de sangue inglês que não exceda 50 por cento.

Dia 18, de manhã: Provas de Ensino. De tarde: 1 — prova de obstáculos para: Cavaleiros juniores que não tenham ainda tomado parte em provas oficiais, ou montem cavalos que não tenham ainda entrado em provas oficiais e amazonas iniciadas em 1962; 2 — corrida de trote atrelado. Cavalos e éguas de 1.ª categoria. Inscrição aberta a cavalos e éguas de primeira e terceira categorias alinhando no «handicap» 0; 3 — prova de obstáculos para cavaleiros seniores. Inscrição reservada a cavalos sem «handicap»; 4 — corrida de galope — cavalos e éguas sem sangue inglês nascidos em Portugal.

As inscrições para estas provas encerram-se hoje às 19 horas.



JOSE GALVAO

A F. P. F. CASTIGA

A Comissão Executiva da direcção da Federação Portuguesa de Futebol, na sua reunião de ontem decidiu aplicar os seguintes castigos:

Advertência — Germano, do Boavista e Vasco, do Caldas S. C., por faltas leves.

Repreensão por escrito — Hernani, do F. C. Porto, por discutir uma decisão do árbitro; António Filipe Martins Encarnação Simões, do S. L. Olivais e Aníbal Neto Barros, do Mirense, por desacordo com as decisões do árbitro; Jacinto do Carmo Bartolo, do C. D. da Cova da Piedade, por faltas leves e pequenas incorrecções, depois de advertido; Felisbela Figueiredo e António F. Rem Luís, ambos do C. D. Norte e Soure, por desacordo com uma decisão do fiscal de linha.

Suspensão por um jogo — Luís António Carneiro, do Leça Futebol Clube; Joaquim Fernando Amador Oliveira, do Vilafranquense, por ameaças de agressão a um adversário; Amaro da Silva, do Mirense, por desacordo com as decisões do árbitro, no que é reincidente; Jaime da Silva Mendonça, de «Os Leões», por desacordo com uma decisão do árbitro, agravada por ser «capitão» da equipa e António Gomes Ferreira, de «Os Leões», por discutir as decisões do árbitro, no que é reincidente.

Suspensão por dois jogos — Abílio Fernandes Brioso, do Sport Vila Real por injúrias à equipa de arbitragem; Ilídio dos Santos Camarinho, por ter dado ouvidos a amigos de ocasião, que o levaram a desconfiar dos conselhos do seu orientador.

Tunney contra Marciano o combate impossível seria algo parecido com um incêndio

MIAMI, 15 — Gene Tunney, como verdadeiro pugilista, e Rocky Marciano, como socador, foram os maiores campeões mundiais dos «pesados» depois de Jack Dempsey e um combate entre Dempsey e Marciano teria sido «o maior prelúdio de todos os tempos do boxe» — afirma o empresário Al Weill.

«Se fosse possível unir-se o poder daqueles dois grandes socadores — comenta Weill, entusiasmado — assistir-se-ia a algo parecido com um incêndio, onde a morte andaria à mistura».

Weill foi o empresário que levou Rocky Marciano à conquista do título mundial da sua categoria, depois de o ter orientado em 49 combates contados por vitórias.

O empresário, que hoje conta 68 anos, não se limitou a Marciano na sua longa carreira de preparador de campeões. Efectivamente, pela sua mão, também Joey Archibald conseguiu o título dos «meios-leves», Lou Ambers o dos «leves» e Marty Servo o dos «meios-médios».

De todos os seus pupilos, Weill considera Ambers o melhor de todos, não só pelas suas qualidades de pugilista, mas também pelos seus sólidos princípios morais.

Em relação a Marciano, depois de ter levado o atleta à conquista do «ceptro» mundial, Weill registou desentendimentos com o campeão e, embora continue a falar-se, o empresário considera que Rocky lhe fez algumas ofensas

Vitórias do Sporting e do Cascais do torneio «Índia Portuguesa»

Prosseguiu, ontem, com os encontros da terceira jornada, o torneio federativo de hóquei em patins «Índia Portuguesa».

Os resultados verificados foram os seguintes:

Benfica, 11-Mundet, 1

Cascais, 2-Belenenses, 1

Sintra, 0-C. A. C. O., 0

Sporting, 5-Paço d'Arcos, 1

As duas partidas de maior interesse foram as realizadas entre os cascalenses e os belenenses e os sportinguistas e os homens de Paço de Arcos.

A primeira destas foi, com efeito, de grande interesse espectacular, principalmente no segundo meio tempo em que os «azuis» obrigaram

os antagonistas a cuidar atentamente da defesa.

Ao intervalo, o «cinco» da Costa do Sol venceu por 1-0, e na segunda parte, contra a corrente do jogo, chegou a 2-0. Os homens da Cruz de Cristo reagiram, prontamente, como que a quererem pôr o fiel da balança da justiça, no seu devido lugar, e, na realidade, obtiveram um tento. Depois, sentindo as forças diminuírem-lhes, os belenenses afrouxaram de velocidade e o final do jogo foi assinalado com este seu novo desaire pela margem mínima.

Os «verde-brancos», ao invés do que sucedera na jornada anterior, lograram ser mais expeditos pondo em xeque a ainda titubeante equipa de Virgílio.

O Benfica, com a sua superabundância de jogadores de bom conteúdo técnico e contra um Mundet, em busca da melhor forma, não teve dificuldade em vencer pela margem elucidativa de dez tentos.

O desafio entre sintrenses e campo-ouriqueiros foi monótono, sem grandes problemas táticos. Reparamos, entretanto, na acção do médio sintrense, que se nos afigurou estar longe de possuir os conhecimentos para lugar de tamanha responsabilidade em equipa de tão grandes tradições.

As classificações actuais, são as seguintes:

SÉRIE A	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	3	2	—	—	17-2	4
Sporting	3	2	—	1	11-4	4
Paço d'Arcos	2	1	—	1	8-7	2
Lisgás	2	1	—	1	3-7	2
Mundet	3	—	—	3	4-23	0

SÉRIE B	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Cascais	2	2	—	—	9-1	4
C. U. F.	2	2	—	—	7-3	4
C. A. C. O.	3	1	1	1	2-8	3
Sintra	2	—	1	1	1-3	1
Belenenses	3	—	—	3	4-9	0

Prova difícil opinião geral

Momentos antes da hora marcada para a partida dos corredores da Volta a Portugal, em automóvel, interrogámos alguns dos participantes (automobilistas e dirigentes) sobre aquela competição, recebendo em resposta o seguinte:

— José Baptista dos Santos, vencedor da Volta de 1961:

— Procurarei repetir a proeza, mas não seria sincero se não admitisse considerar isso como muito difícil, dado o valor de todos os meus adversários e ainda ao critério que presidiu ao delineamento da competição, que a torna uma prova dura por excepção. Mas, enfim, parto confiante.

Manuel Martins Teixeira, o único concorrente do Porto:

— Sou «caloiro» da Volta. Espero, contudo, chegar a Lisboa, no domingo. Desconheço o motivo por que não entraram mais automobilistas do Norte. O favorito para mim é Luís Fernandes.

António Leitão de Oliveira, director da prova:

— Entendo que não se pode atribuir favoritismo a este ou àquele. É uma prova com cerca de quatro mil quilómetros a fazer em quatro escassos dias, intercalados com dez provas de classificação todas de carregar no acelerador... Enfim, é uma corrida, na qual quem dormir perde com certeza, até porque há muitos «controles».

HOJE, À NOITE

BADMINTON — Torneio do Lisboa Ginásio Clube, na Escola Nuno Gonçalves, às 21 horas.

BASQUETEBO — Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Lisboa Ginásio-Combateres, em S. Gens, às 22 horas.

CICLISMO — Volta à Andaluzia (5.ª etapa, entre Córdova e Sevilha) com a participação da equipa do Benfica.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato de basquetebol: Banco Lisboa & Açores-Banco Pinto & Sotto Mayor e Porto de Lisboa-Fábrica de Chocolates Regina, no campo do Porto de Lisboa, às 18 e 45 e às 19 e 45 — Campeonato de ténis de mesa: H. Vaultier-Ford Lusitana, Companhia Carris-Federação Nacional de Trigo e Bairro da Encarnação-Pinto de Magalhães, nas salas dos primeiros, às 21 e 15; e Regina-B. Pinto & Sotto Mayor e Oficinas de S. José-B. P., respectivamente na F. N. A. T.-A e B, às 21 e 15 horas.

MOBÍLIAS
MÓVEIS AVULSOS
PREÇO DE FÁBRICA
RUA PALMIRA, 64-A-B

BENFICA
17 e 18 na COVILHA
Preço de 100\$00 a 200\$00
Informações
CAPRISTANO & FERREIRA
Av. 5 de Outubro, 51-C
Tel. 43580

Linha de CASCAIS

CLUBE NAVAL DE CASCAIS

Amanhã, às 22 horas, na sede do Clube Naval de Cascais, efectua-se a assembleia geral ordinária para eleição de corpos gerentes.

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21: «O Apartamento» (17 anos).
PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «Uma vida» (17 anos).
ESTORIL — Casino — A's 17 e 21 e 30: «O carrasco da floresta» (6 e 17 anos).
CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «O triunfo de Miguel Strogoff» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto da Silva, 81 (Tel. 012048).
CAXIAS — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 042839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 042039).
OIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 0430058).
PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel. 017054).
ESTORIL — Suíça — Cruzeiro (Tel. 060087).
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 080078).

AS PRIMEIRAS CULTURAS HIDROPÔNICAS

(Continuação da página central)

lhador é muito maior do que no método normal, o que permite, por outro lado, dar-lhe um melhor salário, mais compensador. Há também a levar em linha de conta a economia de tempo, tanto no que se refere aos trabalhos de vigilância e assistência, como ao período de desenvolvimento da planta.

— Este faz-se, então, em ritmo mais acelerado?

— Sim. As plantas têm sempre a quantidade de água ótima para as suas necessidades de absorção. Na agricultura clássica, há períodos de humidade excessiva e outros de seca, durante os quais para-lisa o crescimento da planta, o que não sucede na hidroponia. Assim, por este sistema, as plantas completam o seu ciclo vegetativo em menos tempo. Também a planta fica mais preservada de doenças, principalmente das que lhe provêm da terra, ou através dos insectos não alados. Contra as outras doenças fúngicas, igualmente, mais a defender-se, pois a planta hidroponica, sempre em vegetação vigorosa, combate-a em melhores condições.

— E quanto a inconvenientes?

O sr. eng. José d'Orey aponta apenas o da carestia da instalação inicial, que pode, no entanto, ser muito diminuída na escolha dos materiais, inclusivamente a argila amassada (adobe), que é, depois, impermeabilizada. Mas dada a durabilidade do cimento, aconselha-se o uso dos tanques nesse material. Mas muitos outros meios podem ser utilizados, tais como pisos asfal-

dos, estradas fora de serventia, terragos, etc.

Culturas em S. Vicente e na Ilha do Sal

No sentido de subordinar a plano das culturas hidropônicas aos problemas sociais que pode originar, estudou-se, em Cabo Verde, a maneira de se contribuir para melhorar as condições de vida da população e aplicar toda a mão-de-obra (que é superabundante ali). Para isso, estabelecer-se-ão instalações caseiras que se agrupariam, para a produção e venda, em associações corporativas que colocariam os produtos.

— Quais os pontos mais indicados para essas culturas?

— S. Vicente e Sal. Uma e outra poderão vir a ser centros importantes de abastecimento de frescos à navegação marítima e aérea. Dada a pobreza das terras e condições ingratas do tempo, conseguir-se-ia transformá-las em terras ricas. Numa primeira fase, ensinar-se-ia a usar o sistema hidroponico; depois, comparar-se-iam os resultados e, por fim, pôr-se-ia em prática um plano que abrangesse todos esses territórios.

— Mas o problema da água em Cabo Verde, como seria resolvido?

— Por diversas formas. Ou se destila a água do mar, ou obter-se-á água do ar, por condensação. Este processo parece o mais viável. Utilizando os ventos alísios, obtém-se a energia eléctrica necessária a fazer funcionar os desumidificadores. Conseguir-se-ia a água necessária para as culturas hidropônicas, tendo em vista o gasto mínimo nesse sistema.

O sr. eng. José d'Orey fala ainda nas grandes possibilidades de se resolver, com este plano, o problema do excedente de mão-de-obra cavoverdiana, facilitando-se pequenas instalações, das quais se tirariam grandes rendimentos. Aponta também as facilidades de colocação dos produtos alimentares na América do Sul e Europa, em face da situação geográfica de Cabo Verde. Por outro lado, seria possível criar ali géneros hortícolas que não resistem

às condições duras da terra e do clima.

— A verdade é que já conseguimos ali, por hidroponia, culturas magníficas de feijão, milho, couve, tomate, pepino, espinafre, rabanete, nabica, morangueiros e beterrabas. Aumentando a escala de cultura, haverá alimentos hortícolas não só para a própria população como para abastecer barcos e aviões, e, mais tarde, incrementar a sua exportação.

Alguns números convincentes

Os Estados Unidos, desenvolvidos os sistemas hidropônicos, adoptaram-nos no Exército, que, em 1952, conseguiu produzir 4000 toneladas de produtos frescos, nas suas várias bases militares no Pacífico e no Atlântico. Na África do Sul aproveitam-se as escórias das minas para a cultura hidroponica e na Cidade do Cabo produzem-se alguns milhares de toneladas de hortaliças por esse processo. O Japão resolveu igualmente o problema de abastecimento aos grandes centros populacionais recorrendo à hidroponia. Em Inglaterra e na França, está também muito desenvolvida. Aqui, os floricultores adoptaram o sistema por ser mais económico e proporcionar flores mais perfeitas e maiores. É notável a cultura hidroponica de cravos em França, que rende algumas dezenas de milhões de francos por ano.

O sr. eng. José d'Orey aponta os casos particulares em que se aconselha a hidroponia (densidade populacional, distância dos locais de abastecimento, escassez de água, terras estéreis, preço elevado da agricultura, necessidade de produtos de primeira qualidade, aproveitamento de locais inúteis, mão-de-obra rara, etc.). Cada um destes documentos com os resultados obtidos em Curaçau, Barhein, Bengala, Bombaim, Tóquio, Nova York, etc.

— A experiência de Cabo Verde despertou interesse?

— Muito, tanto em organismos oficiais como nos particulares. Entretanto, que em Lourenço Mar-

ques foi criada uma «indústria» hidroponica, com bons resultados. Penso que alguns departamentos do Estado vão dedicar ao assunto especial atenção. De qualquer forma, deve dizer-se que a hidroponia não está destinada a substituir a agricultura, mas apenas a servir de seu coadjuvante, suprimindo as suas deficiências e impossibilidades.

Diz-nos também pensar ser de grande alcance económico usar o sistema nos viveiros para tabaco, devendo ter interesse em algumas regiões do Sul de Angola.

Dos «jardins suspensos» às «hortas flutuantes»

Depois de apontar alguns condicionaisismos em função de condições locais agrícolas, diz-nos o director do Jardim do Ultramar que há sempre necessidade de fazer o estudo para cada caso particular. A cultura que vai iniciar-se naquele Jardim será de muita vantagem, mesmo até para se poder fazer um estudo comparativo com as de Cabo Verde e tirar as conclusões que determinem a aplicação prática do processo. Acrescenta que a hidroponia demonstrou ser possível também melhorar as condições de determinados grelos, recobridos-os com uma certa camada de areia, onde se passarão, em parte, o fenómeno alimentar da planta e o condicionamento de evaporação e infiltração de água e melhor aproveitamento dos adubos.

E a terminar:

— A hidroponia, no seu sistema inicial, já existia desde longos séculos, em Caxemira, onde os habitantes faziam, e fazem jangadas sobre as quais punham terrico e cultivavam plantas, deslizando, ou estando paradas, nos rios. Tal como são bem conhecidos os «jardins suspensos» da Babilónia, têm sido ignoradas as «hortas flutuantes» de Caxemira.

Os corpos gerentes

do C. I. F.

O Clube Internacional de Futebol, em assembleia geral, elegu os seguintes corpos gerentes para 1962:

Assembleia geral — Eng.º Francisco Nobre Guedes, Aníbal Vieira, Vítor de Oliveira e prof. Antero Sequeira Vaz.

Conselho fiscal — Manuel R. Troia, Julio Assis Esperança e Joaquim Barata.

Direcção — Dr. José Herédia, Francisco Maria Carvalho, Mário Cascais Xavier, António Spínola Barreto, Alvaro José da Costa, Fernando da Cunha Marques e Mário Castelo dos Reis; como suplentes: Carlos Marques Afonso e arquitecto Anselmo Fernandez.

ALGARVE

ESTAÇÃO DE INVERNO
DEFENDA-SE DO FRIO
INSTALE-SE NA

RESIDENCIA
MARIM

Comodidade — Sossego — Asseio
Informações e marcações:

Tel. 385 — Teleg. Residenciamarim
Rua Gonçalo Barreto, 1 — Faro
F A R O



DOMINGOS VICENTE
RIBEIRO

FALECEU

Maria Teresa Duarte Ribeiro, Maria Vitória Ribeiro Serra, António Vicente Ribeiro, Manuel Vicente Ribeiro e Celeste Ribeiro, participam o falecimento do sr. bom marido e irmão e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Rua Azedo Gueco, 64, 1.º, dt.º, para o cemitério da Ajuda.

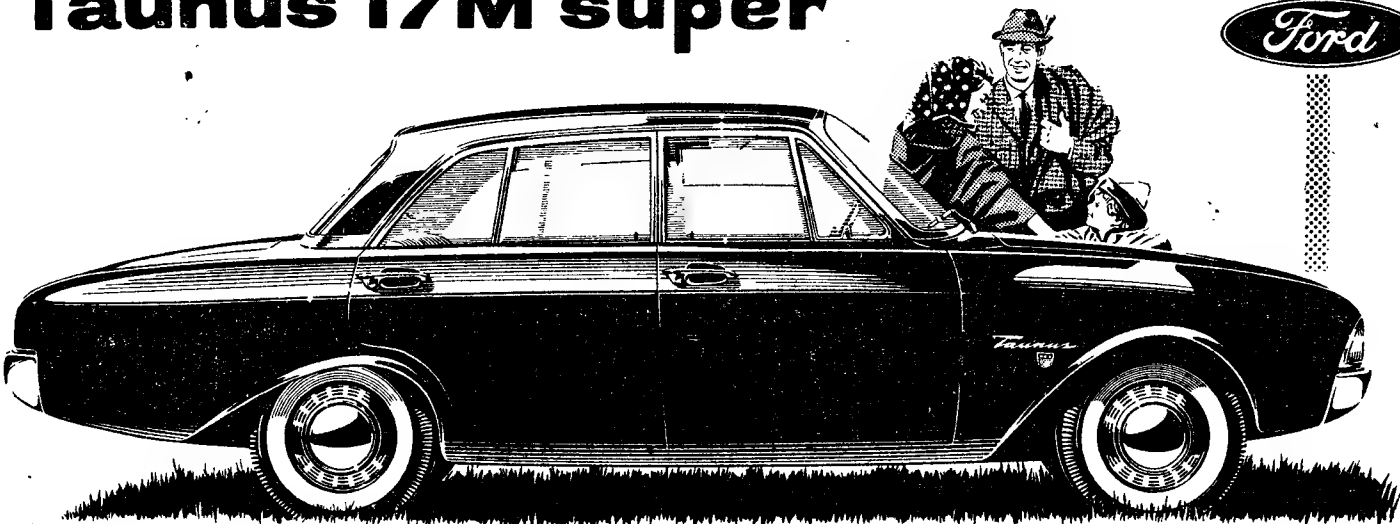
AGÊNCIA BARATA

A bela linha do bom senso!...

Eis a prova evidente de que o aerodinamismo pode conjugar-se com a beleza e elegância de linhas

Vendido a preço muito razoável, o TAUNUS 17 M SUPER é um dos mais belos carros do presente e o que proporciona custos de manutenção indubitavelmente baixos. A sua aceleração lembra a dos carros de sport, tem 4 velocidades todas sincronizadas, percorre 12 Kms com 1 litro de gasolina, não precisa de lubrificação, só muda o óleo do motor cada 7 500 Kms e apenas substitui a valvulina do diferencial uma vez... aos 500 Kms. 6 lugares de livrete nos modelos de 2 ou 4 portas, ou Station Wagon, completam a imagem do TAUNUS 17 M SUPER: "A Bela Linha do Bom Senso...!".

Taunus 17M super



EM EXPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM TODO O PAÍS

EM LISBOA:

LINCURI, LIMITADA
STAND MODERNO

Avenida da República, 32-A

Avenida Fontes Pereira de Melo, 15-A

Boletim do dia

HA 30 ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 15 de Fevereiro de 1932 transcrevemos:

— Entre os jovens artistas que, no ano lectivo findo, concluíram o seu curso no Conservatório dramático, destacam-se Manuela Porto e João Villaret.

A primeira faz parte da companhia do Politeama, o segundo da do Nacional. Estão-lhes reservados uma carreira brilhante, se continuarem a trabalhar com amor, de forma que escapem ao mercantilismo da época.

Villaret, capaz de largos gestos no cômico e no dramático, tem vocação para os papéis de vibração intensa, em que o actor tem de ser, ao mesmo tempo, arrebatado e comedido.

RADIO

EMISSIONA — Programa «A» — 451 m. — 655 kc./s. — A's 17: A casa e o mundo; 17 e 30: Canções; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Crônica etnográfica; 19 e 10: Concerto, pelo sexteto de cegos; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: Melodias italianas; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: A nossa terra; 21: Varanda da Europa — Crônica de Angola; 21 e 40: Intervalo musical; 21 e 45: Teatro das Comédias: «Velho, Caturra e Surdo» de Goldoni; 22 e 15: O acordeonista Maurice Larcange e o seu conjunto; 22 e 30: Música portuguesa; 22 e 45: Jornal sonoro (2.ª emissão); 23: O programa internacional «A Voz do Ocidente Fala-vos de Lisboa 1: Encerramento.

Programa «B» — 397 m. — 755 kc./s. — A's 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Setembro Musical de Montreux de 1961; «Concerto n.º 2, op. 18 em dó menor, de Rachmaninoff, para piano e orquestra; 20 e 40: Árias, pelo baixo Fernando Corena; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Música e poesia, por Judite Navarro, 21 e 50: Recital, pelo pianista António Vitorino de Almeida; 22: Horizonte, semanário de letras e artes; 22 e 50: «A Polaca em si menor, de Liszt; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Intervalo musical, pelo pianista José Azarola e o conjunto de Miguel Alegre; 23 e 20: Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17: Orquestras; 17 e 15: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Motivos portugueses; 18 e 15: Fados e guitarradas; 19: Orquestra; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Solistas; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 22: Hot Club; 22 e 15: Ronda das profissões; 22 e 30: Mensagem do soldado; 22 e 45: Motivos portugueses; 23: Asi es España; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17 e 30: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Cantares alentejanos; 18 e 15: Ritmos de baile; 19 e 15: Imagens por música; 19 e 30: Orquestra; 20: Noticiário; 20 e 10: Mensagem

Recintos de diversões

Maria Amélia Proença, Manuel Calisto, Laurindo Gonçalves, Glória Silva, Joaquim Gerales, Manuel Carlos, Natalino Duarte, Manuel Gil e Artur Ferreira participam na festa de Armando Dias, que se efectua no próximo dia 24, na Sociedade de 3 de Agosto, em Marvila.

— João Simões, António Carlos Coelho, Carlos Meneses e Julto de Almeida promovem, brevemente, na Academia Verdi, uma festa de fados e variedades, cuja receita reverte a favor daquela colectividade.

— O artista Norberto Martinho, que está a actuar no típico Marcia Condessa, leva a efeito, brevemente, a sua festa artística.

— Na Academia Almadense, haverá brevemente, uma festa de homenagem ao cantor António Rodrigues e ao guitarrista Alfredo Silva, na qual participam Fernando Farinha, Jesus Gouveia, Manuel Dias, Ilda Ferreira, José da Cruz e o humorista Domingos Pereira.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

do soldado; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 30: Paisagem intelectual; 22: Programa «jazz»; 22 e 30: Canções; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Orquestra de Kurt Edelhagen; 23 e 45: Noticiário de R. C. P.; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Música escolhida; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O meu programa; 20: França. Horizonte do Mundo; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Programa das nove; 21 e 30: A Amadora em marcha; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 1 e 45: Noticiário; 2: Encerramento.

EMISSIONES ASSOCIADAS — Das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Graça; 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 e 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal; 19 e 45: Concerto pela orquestra de câmara; 20 e 20: Culinaría, programa de Maria de Lourdes Modesto; 20 e 55: «Temas Literários» (encontro com Tomás Ribas); «Montra Falada»; 21 e 15: «Vitória» (actualidades); 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Programa Mabor: «O Gato de Olhos Carmesim» (selecção policial); 22 e 40: «António Pedro conversa sobre Teatro» (transmissão dos Estudos do Porto); 23 e 10: Grupo Expe-

rimental de «Ballet»; realização de H. Peyroteo; 23 e 30: Telejornal e últimas notícias.

MARÉS

PRETA-MAR
Dia 15 — A's 0 e 21 (3,45 m.); 12 e 56 (3,42 m.).
Dia 16 — 1 e 22 (3,61 m.); 13 e 51 (3,55 m.).
Dia 17 — 2 e 10 (3,78 m.); 14 e 33 (3,66 m.).

BAIXA-MAR
Dia 15 — A's 6 e 23 (1,45 m.); 18 e 45 (1,48 m.).
Dia 16 — 7 e 20 (1,31 m.); 19 e 29 (1,34 m.).
Dia 17 — 8 horas (1,18 m.); 20 e 10 (1,21 m.).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS
NACIONAL — A's 21 e 45 — «As 4 vovozes morrem de pé».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «O Príncipe de Homburgo».
ABC — A's 21 e 45 — «Eu sou o espectáculo».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Recompensa».

CIRCO
COLISEU — A's 21 e 30 — Companhia de circo.

CINEMAS
S. LUÍS — «D. Camilo, monsenhor».
ALVALADE — «D. Camilo, monsenhor».

S. JORGE — «O passado não perdoo».

POLITEAMA — «3 vidas errantes».
AVIS — «Romanoff e Julietta».
CAPITÓLIO — «Ivanhoe».
ODEON — «Milagres de Pelusa».
OLIMPIA — «O rapaz e o cavalo».
ROYAL — «A vaca e o prisioneiro».
SALÃO LISBOA — «A noite e a madrugada».
ARCO-IRIS — «Winchester 73».
JARDIM CINEMA — «Sangue do meu sangue».
PROMOTORA — «Konga».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS
MARIA VITÓRIA — A's 20, 45 e 25 — «Bate o pé».
VARIADEDES — A's 21 e 45 — «A linha da sorte».
IMPERIO — A's 18 e 30 — «Credores».

CINEMAS
TIVOLI — «O imprevisto».
IMPERIO — «Boneca de luxo».
MONUMENTAL — «As duas mulheres».
CONDES — «O castigador».
EDEN — «Esplendor na relva».
ROMA — «As suecas».
LYS — «O segredo do cavaleiro D'Eon».
CHIADO TERRASSE — «O espião Sarge».
IDEAL — «Os troca-tintas».
CAMPOIDE — «Imitação da vida».
CINE-MOSCAVIDE — «O mundo dos milagres».
RESTELO — «Topaze».

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10	645\$00	640\$00	645\$00
Cons. 3 % T. 10	710\$00	711\$00	712\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	—	—	850\$00
Centenários 4 % 1940...	—	—	2.000\$00
Oblig. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.014\$00	—
Oblig. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.014\$00	—
Oblig. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.014\$00	—
Externo 1.ª série.....	1.030\$00	1.025\$00	—
Ext. 1.ª série car.....	1.030\$00	1.025\$00	1.035\$00
Externo 2.ª série.....	—	1.000\$00	—
Ext. 2.ª série car.....	—	1.000\$00	—
Externo 3.ª série.....	—	1.300\$00	1.330\$00
Ext. 3.ª série car.....	—	1.320\$00	—
Caut. 3.ª série s/j.....	—	206\$00	220\$00
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	480\$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	103\$00	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	—	—
Gás Elect. 4 %	928\$00	—	—
Gás Elect. 4 1/2 %	960\$00	959\$00	965\$00
Gás Elect. 5 %	—	1.008\$00	1.010\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	80\$00	84\$50
U. E. P. 4 % 1945	—	85\$00	86\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	95\$50	96\$50
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	—	960\$00	964\$00
H. E. da S. E. 3 1/2 %	—	710\$00	—
C. P. 4 1/2	—	—	1.003\$00
Metropolitano	—	960\$00	965\$00
Ações			
Bancos			
Alentejo	—	—	450\$00
Angola	—	1.300\$00	1.600\$00
Espírito Santo	—	—	8.500\$00
Lisboa & Açores	—	1.900\$00	1.960\$00
Portugal	—	2.200\$00	2.300\$00
Ultramarino	—	1.100\$00	1.130\$00
Agricultura	53\$00	52\$00	54\$00
Seguros			
Mundial	—	285\$00	295\$00
Sagres	—	—	1.750\$00
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.250\$00	—
C. Ultramarinas			
Ag. Cassequei	605\$00	600\$00	610\$00
Ag. das Neves	—	170\$00	—
Ag. Col. Colonial	—	—	180\$00
Açúcar de Angola	880\$00	870\$00	890\$00
Boror	—	155\$00	165\$00
Cabinda	—	—	40\$00
Cadã	—	1.000\$00	1.100\$00

C. Ultramarinas	Efect	Compra	Venda
Colonial do Buzi	91\$00	90\$00	92\$00
Ilha do Príncipe	—	—	700\$00
Incomati	—	1.001\$00	1.030\$00
Moçambique	—	45\$00	47\$00
Zambézia	70\$00	70\$00	70\$50
Diamantes	405\$00	403\$00	408\$00
Lobito	345\$00	348\$00	354\$00
C. Diversas			
Cimentos Tejo	—	—	—
Cim. rto Leiria	—	—	—
Crédito Predial	43\$50	43\$00	43\$60
Industrial Aliança	—	310\$00	—
Portugal e Colónias	485\$00	482\$00	488\$00
Nacional Navegação	—	900\$00	950\$00
Colonial Navegação	—	630\$00	640\$00
Port. de Celulose	—	3.100\$00	3.200\$00
Portuguesa de Pesca	—	1.300\$00	1.325\$00
Port. de Tabacos	305\$00	303\$00	306\$00
Ta. do Portugal	—	560\$00	590\$00
Águas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934	—	331\$00	—
Águas Lisboa 1933	—	330\$00	—
Eléct. das Beiras	1.610\$00	1.605\$00	1.615\$00
Gás e Electricidade	295\$00	295\$00	295\$50
H. Alto Alentejo	165\$00	164\$50	165\$50
H. E. Cávado	1.250\$00	1.245\$00	1.255\$00
H. E. Zêzere	1.260\$00	1.255\$00	1.265\$00
Nac. de Electricidade	1.255\$00	1.250\$00	1.260\$00
União Eléctrica Port.	164\$00	163\$00	166\$00
H. E. do Douro	—	1.115\$00	1.125\$00
H. E. Portuguesa	—	—	100\$00
H. E. S. Estrela	—	—	—

PAÍSES	COMPRA	VENDA
Notas:		
África do Sul	38\$25	39\$50
Alemanha	7\$10	7\$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$30	28\$80
Dólares de 5 a 1000	28\$50	29\$00
Argentina	\$33	\$35
Austria	1\$10	1\$15
Bélgica	\$56,5	\$58,5
Brasil	\$07,2	\$08,7
Canadá	27\$00	27\$50
Congo (Leopoldville)	\$14	\$19
Dinamarca	\$410	\$430
Espanha	\$47,3	\$48,3
França (N. Franco)	\$568	\$583
Holanda	\$780	\$805
Inglaterra	\$80\$00	\$81\$50
Itália	\$04,55	\$04,70
Marrocos	\$5\$00	\$5\$30
Noruega	\$3\$92	\$4\$12
Suécia	\$5\$40	\$5\$70
Suécia	\$6\$60	\$6\$70,5
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	283\$00	295\$00
Portugal — Barra	32\$80	33\$80
Portugal — Barra fino	33\$00	34\$00

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE EMPRÉSTIMO COM GARANTIA HIPOTECÁRIA ATRAVÉS DA

COMPANHIA IMOBILIÁRIA AZO PORTUGUESA, S. A. R. L.

Sede: Avenida da Liberdade, 3-2. — LISBOA e Sucursais no PORTO e COIMBRA

J. BURNAY, L. DA TELEF. 321273
RUA DO OURO, 72 Notas estrangeiras
Papéis de crédito

FARMACIAS

TURNO E

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

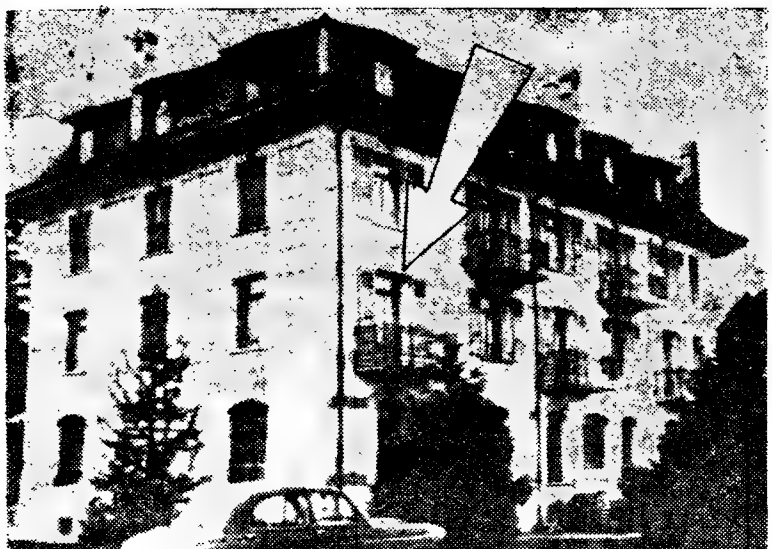
AJUDA — Caramão da Ajuda, Est. da Cruz, 20-C-D (633248).
ALCANTARA — Nogueira, R. da Croche, 2 (631635).
ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632).
ALVALADE — Paris, Est. da Portela, lote 5 (ao Pote de Água) (710131) * Cartaxo, Av. Igreja, 21 (776358).
AMOREIRAS — D. João V, R. D. R. D. João V, 16-C (682772).
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (40471).
AREIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (776070) * Nova Lisboa, R. Guilherme Suggia, 12 (727721) * João XXI, Av. João XXI 16-A (726462).
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 2 (468558).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. de Berne, 24 (763107) * Avenidas, Av. da República, 27 (733688) * Império, Lda. — R. Filipe Folque, 40 (48002) * Ducal, Av. Duque de Loulé, 21 (48946).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R. Angela Pinto, 32 (49756).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — Costa, Pr. da Figueira, 6-B-C (28381) * Barral, R. Aurca, 126 (31535).
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699).
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) * Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (27896) * Vértices, R. da Misericórdia, 133 (24554).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857) * Ourique, R. Freitas Gaiul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab. R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) * Salutar, R. B. n.º 75-A-B. Bairro da Liberdade (683694) * Pátria, Calç. dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balseiros de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
CONDE DE REDONDO — Capuchos, R. Luciano Cordeiro, 2 (52076).
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920) * São Miguel, Pr. Francisco de Moraes, 1 (771469).
ESTEFANIA — Mundial, Largo D. Estefania, 9 (45578).
ESTRELA — Janeiro, Av. Alvares Cabral, 100 (661453).
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (367842) * Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (84351) * St. António, R. Leite de Vasconcelos, 72 (862333).
JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (667460).
LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 20-B (790942).
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc., R. do Quelhas, 1 (661275).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).
PALHAVA — Aguiar, Av. Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A (764629).
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R. 2 n.º 16 (B. St. Engrácia) (728395-720703).
REGO — Engrácia, R. O. n.º 29-D (Bairro Santos) (778953).
ST. AMARO — Sepol, Calç. da Boa Hora, 94-A (631958) * Teles, R. João de Barros, 2 (638249).
DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 63 (381185) * Oriente, R. Lopes, 120 (843381).

A ÚLTIMA VIAGEM do paquete «Strathnaver»

No próximo dia 20, procedente do Oriente, entrará no Tejo, o conhecido paquete «Strathnaver», de 22 000 toneladas, da frota da «P. & O.—Orient Lines».

O facto nada teria de especial se não fosse a particularidade de ser esta a sua última escala pelo nosso porto, em virtude de, depois de 31 anos de serviço, ser abatido ao efectivo logo que complete esta viagem, que terá o seu termo em Inglaterra em 23 do corrente. A primeira visita deste paquete ao nosso porto verificou-se em 27 de Junho de 1933.

Em sua substituição, assim como do «Strathnaver», abatido ao efectivo em Junho de 1961, encontram-se já em serviço os magníficos paquetes de luxo «Oriana» e «Canberra», respectivamente de 42 000 e 45 000 toneladas cada um.



O hotel «La Prairie», em Yverdon, na Suíça, onde estiveram alojados os delegados do «Governo» rebelde argelino, antes da sua partida para local desconhecido, onde decorrem as negociações com o Governo francês. A seta indica o quarto onde se hospedou o chefe da delegação argelina, Krim Belkacem

As negociações secretas entre franceses e argelinos

(Continuação da 1.ª página)

conversações foram hoje notados numa comunicação de um representante do rei Hassan de Marrocos, dizendo que espera que o dirigente rebelde Ben Bella, que se encontra detido, participe nas «próximas negociações oficiais» entre a França e o «Governo provisório» argelino. O mesmo representante acrescentou que Ben Bella e os seus companheiros estão «muito satisfeitos com os actuais progressos das negociações».

Ben Bella foi capturado pelos franceses em Outubro de 1956 quando seguia num avião de Rabat para Tunes a fim de tomar parte numa conferência muçulmana sobre a Argélia. «Caças» franceses ladearam o seu avião e deram ordem ao piloto para aterrar na Argélia, onde os dirigentes rebeldes foram aprisionados.

Se tudo correr de acordo com os planos oficiais, a conferência para a paz realizar-se-á próximo de Paris no fim deste mês. Nessa conferência, seriam elaborados os textos finais sobre assuntos já decididos, e seria anunciado o cessar-fogo na Argélia.

No castelo D'Aunoy, ao sul de Paris, onde Ben Bella se encontra detido, a guarda foi hoje dobrada. Julga-se que esta precaução foi tomada para o caso de a Organização do Exército Secreto tentar qualquer acção contra os chefes rebeldes aprisionados. — (R.).

TRINTA E TRÊS PESSOAS FORAM ONTEM MORTAS NA ARGÉLIA

ARGEL, 15 — Fontes militares francesas revelaram as primeiras horas de hoje nesta cidade que fo-

ram mortas 33 pessoas e outras 86 ficaram feridas em consequência de ataques de extremistas e dos rebeldes e de recontros com a Polícia que ocorreram ontem em toda a Argélia.

Vinte e um dos mortos e 58 feridos eram muçulmanos.

A lista das vítimas inclui nove muçulmanos mortos e oito feridos durante um recontro com a Polícia em Oran.

O número de mortos foi o mais elevado desde o dia 3 do mês passado, quando perderam a vida 33 pessoas.

Hoje, às 12 e 25 (T. M. G.) ouviu-se uma emissão «pirata» em Argel, num comprimento de onde vizinho do usado pelo posto «França V». — (F. P. e R.).

ESBOÇA-SE EM GOA A LUTA PELO PODER ENTRE GRUPOS LOCAIS

NOVA DELI, 15 — Desde que as forças indianas entraram no pequeno território português de Goa, na madrugada do dia 19 de Dezembro, muito tem sido feito para a trazer para a órbita da administração indiana.

Goa tem, ainda, um governador militar, o general Candeth, que deve ali permanecer até ao próximo mês. Mas Goa vai ser directamente

administrada pelo Governo de Nova Deli. Funcionários de carreira têm vindo ocupar os principais postos da administração local. Esta medida provocou algum ressentimento entre os indianos locais que pensavam ocupar os lugares deixados vagos pelos portugueses.

OS GOESES ESPERAM DESFRUTAR DE MAIOR PROSPERIDADE

Muitos goeses esperam vir a desfrutar de prosperidade graças à projectada expansão das minas de ferro e manganésio e ao desenvolvimento do porto de Mormugão, um dos melhores portos naturais da Ásia. Só o Japão estava pronto, o ano passado, a importar 10 milhões de toneladas de minério por ano, por volta de 1970.

Os goeses com mais consciência política estão desejosos de preservar a individualidade do território até ao mais alto grau e este desejo pode provocar algumas perturbações nos círculos indianos.

NEHRU PROMETEU RESPEITAR A PERSONALIDADE PRÓPRIA DE GOA

Nehru já prometeu respeitar a «personalidade» própria de Goa, mas pensa-se que outros dirigentes são favoráveis à incorporação de Goa em qualquer dos grandes estados vizinhos, Maharashtra ou Mysore.

Embora Goa não vá às urnas nas próximas eleições gerais indianas, já há sinais de que alguns grupos que faziam parte do «Movimento de Libertação» estão a lutar pelo Poder. Recentemente foi organizado um comício em Margão onde se pediu o próximo termo do estatuto de administração central e a criação de um estado separado. — (R.).

PEDIRAM UMA ILHA ÀS NAÇÕES UNIDAS PARA ENSAIAREM UM NOVO TIPO DE COMUNIDADE

NOVA YORK, 15. — De um bairro muito elegante da capital britânica (40 South Audley Street, Grosvenor Square) o secretário-geral das Nações Unidas, U Thant recebeu um pedido singular: A outorga de uma ilha, deserta ou habitada, onde uma comunidade que se intitula «Grupo Internacional de uma centena de Adultos e dos seus Filhos» desejaria estabelecer-se para pôr em prática os seus princípios cooperativos e igualitários. Esse projecto de inspiração quase bíblica visa,

contudo, objectivos muito modernos, tais como o estabelecimento de explorações agrícolas e de pescaria e, com os lucros obtidos, a fundação de um estabelecimento de ensino onde, longe das vicissitudes da civilização actual, aos estudantes de todos os países se poderiam iniciar na Agricultura, na Sociologia, nas Belas-Artes, na Filosofia, etc..

A concepção política desta sociedade idílica também é nova, pois tencionava colocar-se sob a tutela das Nações Unidas. — (F. P.).

Receia-se na Grã-Bretanha que a Alemanha Ocidental se sinta tentada a entabular conversações directas com a U. R. S. S.

LONDRES, 15 — O «grande debate» que se está a travar na Alemanha Ocidental acerca da oportunidade de conversações directas entre Bonn e Moscovo é acompanhado com a maior atenção em Londres.

Embora alguns jornais, que pouco simpatizam com a Alemanha, agitem o espectro de Rapallo, os círculos dirigentes britânicos manifestam a maior confiança na lealdade do Governo de Adenauer. O ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, «lord» Home, recebeu ontem o embaixador da Alemanha Ocidental, Hasso von Eitzdorf, que lhe disse que o Governo alemão tencionava responder ao memorando que o Governo russo entregou em 27 de Dezembro passado a Hans Kroll, embaixador de Bonn em Moscovo. Aliás, Londres já aceitara a ideia de que esse memorando, tido há um mês como infeliz tentativa para separar a Alemanha dos seus

aliados, pedia uma resposta a que o Governo da Alemanha Ocidental, por ter relações diplomáticas com Moscovo, não poderia furtar-se. No entanto, não há dúvida, que os dirigentes ingleses não se sentiriam satisfeitos se essa resposta fosse uma tentativa para dar início a um diálogo directo entre Bonn e Moscovo. Discretamente, mas com firmeza, Londres lembra que o problema de Berlim é da competência das três grandes potências ocidentais, e acrescenta que não haveria vantagem em que a Alemanha Ocidental participasse directamente nas sondagens que a esse respeito se estão a fazer em Moscovo. É necessário levar a bom termo estas sondagens, primeiro que tudo. É certo que estas diligências ainda não deram nenhum resultado concreto. Mas, ao menos, deram às potências ocidentais a oportunidade de lembrar a Moscovo que qualquer acção unilateral em Berlim seria perigosa. — (F. P.).

CHEGOU A BERLIM-OESTE O MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS HOLANDES

BERLIM, 15 — A Aviação ocidental continuou hoje a utilizar os três «corredores aéreos» de Berlim abaixo dos 2286 metros de altitude, espaço que os russos, pela quinta vez em oito dias, tentaram reservar para os seus aviões militares.

Ontem foi visto um numero extraordinário de caças «MIG» no corredor Hanover-Berlim, tendo um deles picado sobre o avião em que seguia para Berlim o embaixador britânico na Alemanha Ocidental.

Hoje de manhã, chegou a Berlim-Oeste o ministro dos Negócios Estrangeiros holandês, Joseph M. H. Luns, que permanecerá na antiga capital alemã até sábado. — (A. N. I., F. P. e R.).

BANDIDOS apossaram-se de 9 mil contos em joias

CANNES, 15 — Levantaram-se barragens em todas as estradas da Côte d'Azur, para tentar capturar seis bandidos armados de pistolas-metralhadoras que se apossaram ontem à noite, em Cannes, de joias no valor de nove mil contos.

O roubo de que foi alvo uma joalharia, desenrolou-se com extrema rapidez. O guarda do estabelecimento foi agredido, dois homens entraram na loja e, de armas em punho, imobilizaram o gerente e dois empregados, ao mesmo tempo que dois cúmplices «limpavam» as joias expostas na montra e no balcão. — (F. P.).

CAFÉ RESTAURANTE EXPRESSO TERMINUS

Rua Primeiro Dezembro, 67-69
Telefone 329495

Amanhã: Sexta-feira
Lampreia à Moda do Minho
Bacalhau à Terminus
Arroz de Frango à Portuguesa
Frango Grelhado no Espeto
com Piri Piri

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

- O duque de Edimburgo permaneceu ontem de pé, num automóvel aberto, debaixo de chuva, para receber as aclamações de 200 000 pessoas que se aglomeravam nas ruas estreitas de Bogotá, após a sua chegada de avião de Caracas, para uma visita de três dias à Colômbia.
- Tschombé pronunciou perante a Assembleia katanguesa, reunida para ratificar o acordo de Kitona, um violento discurso contra o Departamento de Estado e contra os capitalistas americanos. «São eles» — afirmou — «os verdadeiros culpados no Congo e não as Nações Unidas. Não descansarão enquanto não esmagarem a Katanga e enquanto não eliminarem o nosso cobre da concorrência mundial».
- Na Turquia, outro membro do Governo de Menderes, Arif Demirel, foi detido ontem, acusado de utilizar mal a autoridade de que estava investido quando fazia parte do Gabinete, no regime deposto.
- Urho Kekkonen foi reeleito presidente da República da Finlândia, por novo mandato de seis anos. Votaram a seu favor 199 dos 300 grandes eleitores.
- O adido militar adjunto norte-americano em Leopoldville, tenente-coronel Stogner, foi mortalmente ferido a tiro na sua própria casa, a noite passada. Funcionários da Embaixada americana revelaram que o tenente-coronel foi morto através da janela do seu quarto de cama, por volta das 21 horas, quando estava na cama a ler.
- Durante a realização de exercícios de descida em massa, ontem efectuados perto de East Orange (E. U. A.), morreram cinco soldados pára-quedistas e sete ficaram feridos.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco a moderado de Norte, o céu estava limpo por acção de uma massa de ar frio transportada na circulação do anticiclone dos Açores, centrado a norte deste Arquipélago.

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS: Portalegre, 5°; Coimbra, 7°; Lisboa, 8°; Faro, 9°; Funchal, 15°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 9,9; na água do mar, 13,8.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 13,1; mínima, 6,8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 12,5; mínima, 8,4.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Continuação do tempo frio, com céu geralmente limpo e vento moderado, por vezes forte do Norte.



ABSOLUTAMENTE CERTO!!!

CONTINUAM OS SALDOS NA «MEIA» HORA

LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO 1 (AO CHIADO)

BEBA ÁGUA
das Caldas de Monchique
De mesa e gasificada

Vida literária e artístico

15-FEVEREIRO-1962
NÚMERO 186

Suplemento semanal do «Diário de Lisboa»

PORTINARI

O homem que foi sepultado há dias, no Rio de Janeiro, com honras nacionais, era filho de pobres emigrantes italianos, nasceu numa fazenda de café, nos arredores dum lugarejo que tomou por nome o do engenheiro polaco que levava até lá a linha férrea, orgulhava-se de nunca ter deixado de ser um camponês e tudo o que fez foi desenhar e pintar, desde os sete ou oito anos de idade até ao dia em que uma doença provocada pelos próprios materiais com que trabalhava o vitimou. Há anos que os médicos lhe haviam proibido o manejo das tintas. Mas que fazer quando não se pode distinguir entre pintar e respirar?

Todos lemos nos jornais que o presidente João Goulart declarou: «Portinari soube exprimir os sofrimentos e a esperança do nosso povo». E o actual presidente do Conselho daquele país: «Portinari colocou o seu génio ao serviço da emancipação do Brasil». Quer isto dizer que se cumpriu a profecia feita por Manuel Bandeira, quando, há vinte e dois anos, lhe chamou «exemplo admirável para todos os artistas, grande pintor, que é hoje um motivo de orgulho para os seus amigos e um dia o será para todo o brasileiro». Profecia que, na mesma altura, outro poeta, Carlos Drummond de Andrade, corroborava de si para consigo: «Como esquecer, Candido, tua casa de Laranjeiras? E aquelas horas em que eu, calado e gauche, sentia em mim, sem confessá-lo, o orgulho de ser do teu tempo, da tua companhia?» Quem conheceu Candido Portinari com alguma intimidade e acompanhou a evolução da sua obra caudalosa, a que não faltam aspectos exemplares, sabe bem quanto este triunfo é justo e quanto aquele motivo de orgulho se estende hoje a todos os que, brasileiros ou não, amam o homem e a beleza e acreditam que esta pode ser, nas mãos de certos homens, uma arma de amor e de esperança.

A aventura começou — já ele então fazia o seu boneco, durante o trabalho do pai e dos outros trabalhadores da fazenda Santa Rosa — quando um artesão apareceu em Brodowsky para restaurar o interior da igreja da terra e, tomando como ajudante aquele garoto de nove anos que o espreitava maravilhado, o encarregou de pintar no azul das paredes o ouro das estrelas. Decerto essas estrelas se confundiam, na imaginação do futuro muralista, com as estrelas reais

Por
MÁRIO DIONÍSIO



Uma das ilustrações que Portinari pintou especialmente para «A Selva», de Ferreira de Castro

que, nas noites calmas do planalto, misteriosamente picavam o céu profundo, e com as histórias que, ao serão, o pai lhe contava e aos irmãos, de países longínquos em que tinham família, de cidades enormes, de grandes homens... Mas decerto se misturavam também com os pés disformes e as mãos quadradas dos camponeses, negros, brancos, mestiços, que formavam o seu mundo, com os seus lábios grossos e esses imensos olhos tristes, alagados de fadiga e de sonho, que em centenas de telas e murais o menino de Brodowsky havia de revelar mais tar-

(Continua na página central)

(Continua na 19.ª página)

RARIDADE DA BIBLIOGRAFIA QUINHENTISTA

É um raro livro quinhentista este gótico de 145 por 95 mm. Vai ser vendido no leilão de Amado de Oliveira que principia no dia 19 do corrente.

O título reza: *Liuro / chamado Sti- / mulo de amor / diuino. Tira / do do que / fez Sam / Bôaué / tura. / Em Latim.*

Este título está dentro de uma portada gravada, muito ornamental, tendo ao alto, no canto esquerdo o escudo de armas de Portugal, e no canto direito a esfera armilar. Os princípios de cada capítulo têm igualmente as capitais gravadas em madeira.

O volumezinho conta, além da folha do frontispício, mais CXL folhas numeradas só pela frente e mais três de índices.

No verso do frontispício pode ler-se:

«Foi visto este livro por mestre



Frontispício do «Livro chamado do Amor Divino»

Anató Resende pregador do Reverendíssimo e muito excelente príncipe Don Anrique Cardial Infante de Portugal inquisidor geral em es-

(Continua na 19.ª página)

LONDRES

—GRANDE CENTRO DE CULTURA MUSICAL

N A maior parte das capitais europeias, e, até, em quase todos os países do Mundo, quase não se realizam espectáculos musicais ou concertos públicos de qualquer espécie durante os meses de Verão, especialmente Julho e Agosto. Só em Londres é que o maior recinto de concertos da cidade, com uma lotação de cerca de 10 000 espectadores, se enche de um público entusiasta, noite após noite, do princípio ao fim da semana (excepto aos domingos), desde meados de Julho a meados de Setembro. Isto é ainda mais espantoso se dissermos que grande parte dos ouvintes não conse-

(Continua na página central)

BALANÇO
DA
TEMPORADA
DE 1961
por
ROLLO MYERS



Elizabeth Lutyens

NOTAS DE UM
ROMANCISTA

DO OUTRO LADO DA MESA

POR
FERNANDO
NAMORA

D O outro lado da mesa, um agente da Polícia Judiciária. Correcto mas frio, e no seu rosto e mais ainda em toda a atmosfera intimidadora um vago odor de censura. Tema: o curandeirismo. Réu: aquele homem apático, bronco, que chega a verar-nos com a sua tão evidente inconsciência. A gente, ao menos, queria-o ladino, para justificar a mesa, os papéis, os agentes e a máquina de escrever onde se fixa, como um ferrete, o que cada um tem a dizer em face da lei. O meu papel: o de um médico a quem os azares da clínica levaram a cruzar-se com os delitos do espécime da credulidade popular ali presente.

De um e de outro lado da mesa, falou-se, pois, de curandeiros — começando por um jogo tenso, de ensaio e esquiava, bola cá, bola lá, sem carregar a fundo, antes de a partida acontecer. Depois, o diálogo saltou os muros do convencional, o teclado da máquina de escrever emudeceu. (Os meus cumprimentos ao representante da lei: era lucido, humano e hábil. E logo vi quanto se esforçava por chegar à raiz dos problemas. Mas uma raiz que ele

nunca poderia atingir; que a justiça, sem achegas, não poderá atingir. Porquê? E deste porquê que tentaremos aproximar-nos).

Nem sei quantas páginas tenho escrito sobre curandeiros; quantas horas envenenadas ou interrogativas esse drama dos enfermos e da medicina (ah, reparem, da medicina!) até hoje me custou. Pois quem faz clínica entre o povo e nele se mistura, é varado, quase diariamente, por este problema. Cheguei mesmo a empurrar um curandeiro para as grades de um presídio — conquanto o defendesse uma legião de adoradores e nesse processo, claro, todo o odioso tenha desabado sobre mim. Não bem sobre mim: sobre a medicina, actividade legal, que tem convencionalmente a força, o prestígio e o código por detrás de si. E o povo empunha sempre a bandeira do perseguido, do mais frágil; — a vítima é o herói. Sou, consequentemente — deixem-me usar o termo —, um experimentado nestas andanças.

É o curandeirismo uma erva daninha que cresce ao lado da boa seara e medra à sua custa? É uma praga que embaraça, inutiliza, corrói a nobre e escla-recida missão do médico? É o curandeirismo responsável por muitos casos clínicos trágicos? Evidentemente. É o curandeirismo, espelho de ignorância e outras vezes de debilidade económica, um reles sugador do povo? É um logro e um crime que a medicina, por todas as razões e mais uma, pretende combater? Sem dúvida. Pois quem lhe conhece melhor os malefícios?

Mas então... porque surge, às vezes, o curandeiro digamos aceite pelo médico? Sim: aquele agente da lei, perseverante e sagaz, tem ali as provas. Um, dois, vários médicos sabiam da existência do curandeiro. Aparentemente, toleravam-no. Aparentemente, serviam-se dele, admitiam a sua «colaboração» — estimulavam-no. Céus, como perceber este contrasenso? Chegamos assim à medula do problema.

O curandeirismo grassa entre nós, como na maioria dos países: é uma ilegalidade reconhecida como tal, pesa sobre ela o cutelo da justiça. Pode medir-se o seu relevo por um anedotário jocoso e farto, por uma crónica azeda que a denuncia nas gazetas e nas conversas de soalheiro de quem não lhe aceita o engodo. A sua existência é conhecida de toda a gente: do homem da rua, da autoridade administrativa, da Ordem dos Médicos, do legislador, do agente que está do outro lado da mesa, do juiz que espera os elementos do inquérito. De longe ou de perto, cada um de nós já lhe sentiu a tentação e lhe averiguou a peçonha. Mas quem toma a iniciativa de aplicar a lei, de apoiar o agente, de prevenir a tentação, de desmascarar a

OS BANDOLEIROS DA PRADARIA

por WHIT HARRISON



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

16

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — O xerife Clay Webb casa com a encantadora Mary e resolve reformar-se. Após a cerimónia, os dois vão partir para o seu rancho, quando lhe anunciaram a chegada, á cidade, de Patton, um criminoso que fora libertado. Este mata Mary e fere Clay. O ex-xerife, ainda convalescente, vai á procura de Patton e chega a uma pequena cidade, onde descobre a pista do assassino. Aceita o lugar de xerife nessa terra e propõe-se acabar com os bandoleiros, que a infestavam, entre os quais desconfia estar o homem que procura.

CAPÍTULO IV

Clay encostou-se á parede e abanou a cabeça para sacudir o entorpecimento. Através de uma névoa avermelhada, viu Mal Terrell, de punhos cerrados, á espera.

Clay mergulhou sobre o adversário. Por momentos, socaram-se violentamente.

Culbinder gritou-lhes que parassem com aquilo, mas nem sequer o ouviram.

O punho de Mal apanhou Clay ao lado da cabeça. Voltou a ser arremessado contra a parede. De novo avançou.

— Idiota! — disse Mal Terrell ofegante. — Não tem miolos para saber quando está vencido?

A resposta de Clay foi atirar um soco ao rosto de Mal. Mas era seis anos mais novo e Clay ainda se ressentia do ferimento que quase o mandara desta para melhor. De cada vez que os punhos o atingiam no estômago, Clay sentia-se trespassado por espadas aquecidas ao rubro. Mas continuava a socar, avançando sempre. Um soco que recebeu na cara atirou-o pela terceira vez á parede.

— Fique aí — gritou Mal. Mas Clay avançava já. Sentia o sabor salgado do sangue que lhe escorria da boca e sabia que tinha a cara em misero

17

estado. Depois, lembrou-se que Mal Terrell devia conhecer o paradeiro de Les Patton e desferiu um murro com quanta força tinha.

O outro dobrou-se em dois e foi-se abaixo. Quase sem poder respirar, Clay manteve-se de pernas afastadas, á espera. Todo o lado do corpo lhe ardia como se estivesse em fogo.

Mal ergueu-se nos joelhos. Depois, com as costas da mão, limpou o sangue da boca.

— Chega, Webb — murmurou. — É uma estupidez estarmos a matar-nos um ao outro. Se você não tem miolos para saber quando está vencido, eu tenho.

Clay contemplou-o, por momentos, e depois curvou-se para apanhar o chapéu.

Lenora tirou um lenço da bolsa e disse: — Deixe-me tratar-lhe desse pobre rosto.

Mas Clay abanou a cabeça e saiu. Ainda ouviu a risada sardónica de Mal.

— Eu não devia consentir que me tocassem, mas deixarei. Não posso andar por aí com a cara feita num trambolho.

— Por mim, pode — respondeu Lenora saindo do quarto. Chorava enquanto descia as escadas.

Clay caminhou só até á primeira mesa do «Sallô Martel».

Claire Martel estava sentada junto ao piano, na companhia de um rancheiro. Sem uma palavra, levantou-se, fez um sinal ao criado com a cabeça e aproximou-se de Clay.

— Então, meu rapaz? Que aconteceu? Apanhou algum coice de uma mula?

— Uma coisa parecida com isso — disse Clay entre dentes. Mal se podia mexer. Claire banhoulhe o rosto com aguardente e sorriu ao ver que o homem nem soltava um gemido.

— A continuar assim, você ainda acaba enterado — disse.

— É um aviso? — perguntou Clay, por entre os lábios tumefactos.

O olhar da mulher emitiu um brilho de cólera, mas depois abanou a cabeça.

— Não. Esta noite, você não conseguirá irritar-

19

A rapariga mordeu os lábios e olhou por cima do ombro.

— Naturalmente que sim... Meu pai precisava de si... e de qualquer maneira, eu não queria que lhe acontecesse mal.

— Você acha que Mal Terrell está ao corrente das actividades da quadrilha?

A jovem corou levemente á menção do nome do jovem «yankee».

— Julgo-o contra nós — murmurou. — Mas também o julgo honesto.

— Talvez ele tenha ideias muito suas a respeito de honestidade.

Lenora suspirou e não respondeu.

Clay observava-a atentamente e só quando Lenora soltou uma exclamação abafada, teve a noção do perigo. Mas era tarde demais.

— Mãos ao ar! — ordenou a voz de Mal. — Bem alto, «mister» Webb. Quero fazer-lhe algumas perguntas.

Mal fez avançar o cavalo, tirou o revólver do coldre de Clay e atirou-o para uns arbustos.

— A modos que lhe saíram as cartas mais altas do baralho — disse Clay, com as mãos erguidas.

Mal acenou a cabeça.

— É como diz. Tenho os trunfos todos na mão.

— Esticou o queixo na direcção de Lenora. — Afasta-te dele. Se o tipo se armar em esperto, terei que disparar, e de forma alguma pretendo que uma bala perdida possa atingir a mãe dos meus futuros filhos.

Lenora torceu as rédeas da montada e afastou-se de Clay.

— No que me diz respeito, «mister» Terrell, o senhor vai morrer solteiro.

— Não sei. Esta guerra não vai durar toda a vida.

— Talvez não. Mas eu é que nunca esquecerei... o que vocês, os «yankees» fizeram do meu lar.

— Escuta, Lenora, eu já lhes disse isto uma porção de vezes. Nada tive a ver com o assalto de que vocês foram vítimas. Fui enviado para aqui com o encargo de comprar gado, e não de

20

o roubar. Isto é território neutro. Tanto se me dá que acredite ou não. Mas, se me quiserem vender a carne, isso sim, interessa-me.

— Não queremos, nunca quisemos e nunca veremos a querer.

— Se o senhor nada tem a ver com esses bandoleiros — perguntou Clay — quais são os objectivos dessas suas excursões secretas?

— Quem faz as perguntas sou eu.

— Sim, enquanto estiver de arma em punho.

— Escute, Webb. Você teve a sua oportunidade de prosseguir viagem. Não escondo que tenho uma certa admiração por si. Considero-o um homem honrado. Mas alguém está a causar-me uma série de transtornos. Os rebeldes dizem que são simpatizantes dos «yankees», mas eu tenho outra opinião. Acho que são os próprios rebeldes...

— Celerado imundo... — murmurou Lenora entre dentes.

— Esse tal Patton que você procura — continuou Mal. — Como vou saber que fala verdade? Talvez ele ande a trabalhar para si. Esta gente acreditou na sua história. Eu, não. Muito bem. Que prefere: sair do território com vida, ou que eu acabe consigo?

— Você não vai matar ninguém, Mal Terrell — preveniu Lenora. — Deixe cair o revólver.

Clay e Mal voltaram-se para a rapariga e viram-na empunhando um pequeno revólver firmemente apontado ao coração de Mal.

— Eu disparo, Mal, juro-lhe que o faço!

Mal olhou-a e tornou a guardar o revólver. Torceu as rédeas e lançou-se a todo o galope.

— Atire-lhe! — gritou Clay para a rapariga.

Lenora fez pontaria, mas não conseguiu apertar o gatilho. Não tardou que Mal estivesse fora do alcance do tiro. Por fim, desapareceu por trás de um matagal.

— Ele sabe onde é o esconderijo dos bandidos — disse Clay, com raiva, enquanto desmontava e começava á procura do seu revólver. — Poderíamos tê-lo obrigado a confessar.

(Continua)

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

98, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades em Lisboa e arredores, todas as quantias, juro da lei, com facilidades que permitem a realização imediata das escrituras.

JOSÉ SANTOS, LDA.

CASA FUNDADA EM 1929

RUA DOS CORREIROS, 101, 1.

Telefs.: 327616, 30787, 362662

Na BATALHA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFE' MOUTINHO.

TEM CARRO? TEM PRÉDIO?

ENTÃO TEM DINHEIRO!

Visite a

ORCOSI

R. 1.º Dez.º 45, 3.º — T. 367444

A FIRMA QUE RESOLVE OS SEUS PROBLEMAS FINANCEIROS NAS MELHORES CONDIÇÕES, RAPIDEZ E SIGILO

S/AUTOMÓVEIS

Dinheiro empresta-se e o carro circula na mesma.

A CONTINENTAL

Praça da Alegria, 44-2.

Telefs. 321607 e 367347

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

SANTARÉM

Excursão

da C. P. em colaboração com a E. G. T. no próximo domingo

Visita á cidade, passeio aos arredores, visita a uma grande adega com uma prova de vinhos, almoço regional durante o qual serão exibidas danças folclóricas ribatejanas e o característico fandango.

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) no comboio rápido ás 8-30
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia) ás 18-55

Preço — 125\$00

Compre o seu bilhete nas estações de Lisboa, na E. G. T. (Rua do Arsenal, 124) ou nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.

EL TANDARIM

O MAIS FAMOSO PUDIM
OFERECE AGORA

ALÉM DE OUTROS MAGNIFICOS BRINDES LINDAS TAÇAS

EM DURAMINA CONTRA A ENTREGA DE 20 EMBALAGENS E DAS SENHAS DO SEU REPRESENTANTE EM PORTUGAL:

ARNOLD V. DIAS

Avenida Almirante Reis, n.º 73, 1.º, Esq. LISBOA

SÓ SÃO VÁLIDAS AS EMBALAGENS QUE TRAGAM AS SENHAS NUMERADAS

PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos nervosos, inapetência e astenias da idade senil, etc.

Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2.142 — LISBOA

A ARTE E A EDUCAÇÃO DA SENSIBILIDADE

por FLAUSINO TORRES

Na II Reunião dos Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais, que se realizou, há tempos, no Museu de Arte Antiga, foram tratados alguns assuntos de capital importância. Entre eles o das visitas aos museus pela juventude das escolas, sobretudo secundárias, como processo de educação artística.

Da leitura dos jornais ficou a impressão de que nos liceus não se organizam visitas de estudo, e que são os professores ou as autoridades liceais os responsáveis por tal.

Os factos apontados na II Reunião não podem deixar dúvidas: da cultura dos jovens do ensino secundário anda absolutamente afastado tudo o que possa chamar-se arte; mesmo naqueles estabelecimentos de ensino em que há ainda um pouco de preocupação com este assunto, é isto em tão baixa escala, que de nada pode valer. Qual a influência que podem exercer três ou quatro visitas por ano (e é esta a melhor das hipóteses) a um ou outro monumento, a um ou outro museu? Suponhamos uma visita à Sé de Lisboa para conhecer certos aspectos do medieval, outra aos Jerónimos para o conhecimento da revolução artística portuguesa do século XVI, seguida de outra a Mafra para um rápido contacto com o que de mais grandioso ficou do século XVIII, e outra, finalmente, a um grande edifício construído em nossos dias. Suponhamos, ainda, que, para complemento, se faziam duas ou três visitas a certos museus da capital. E, para que a hipótese seja o mais favorável possível, as visitas seriam dirigidas por pessoas com a preparação adequada. Que modificações se podem esperar de sete visitas de estudo, na vida mental dos jovens, a não ser num ou noutro caso excepcional, dado o facto de a duzina e meia de horas de presença artística se perder nos milhares de horas que constituem um ano?

Aliás, isto das visitas de estudo é mais difícil do que parece à primeira vista. Imagine-se que os oitenta estabelecimentos de ensino, convidados para a exposição de obras da Fundação Gulbenkian, respondiam gentilmente com a presença de uma pequena delegação de cinquenta alunos cada, os cinquenta alunos mais interessados. Para que as visitas fossem proveitosas, seria preciso dividir os quatro mil estudantes por trezentos grupos. Quem os receberia, e acompanharia? E quem estudaria juntamente com eles? O problema das visitas aos museus e monumentos não é, pois, tão fácil de resolver como parece a quem, pela reportagem dos jornais, ficou convencido de que as deficiências estão apenas do lado dos professores. Nem aos professores, aliás, pode ser atribuída qualquer parcela de culpa: primeiro, porque não lhes foi ministrada preparação para explicadores de problemas artísticos; segundo, porque nem sempre têm obrigação, como se vê pela falta de visitas, de o fazer. E que a finalidade suprema do ensino continua sendo efectivamente o exame, e a verdade é que para se responder a uma pergunta acerca de Nuno Gonçalves, não é preciso ver, e muito menos estudar, a sua obra. Por outro lado, nem os museus nem os monumentos parecem estar preparados, em instalações e pessoal, para atender as avalanches de estudiosos que acalmaria a indignação dos ilustres interventores na II Reunião. Finalmente, os estudantes do ensino médio não teriam apenas museus a visitar; a seguirmos esta ordem de ideias pedagógicas. O que complicaria imensissimamente mais o assunto.

Aliás, a educação artística da infância e da juventude não pode solucionar-se nem com visitas aos museus nem com a criação de uma cadeira de história de arte, a acrescentar a tantas outras. A educação artística não é apenas uma questão de aumento de conhecimentos que se podem adquirir com a observação desta ou daquela estátua, deste ou daquele quadro. A educação artística, da juventude é um caso particular da educação da sensibilidade.

Não basta contactar — admitindo que isso era possível com mais uma cadeira, a de história da arte

— com a pintura, com a escultura, duas ou três horas por semana, para criar a compreensão pela obra de arte e a adesão a ela que a estética denomina hoje de valores artísticos. Como não basta ler umas coisas de um manual de física para fazer físicos ou para dar sequer uma noção da estrutura da matéria; como não bastam cinco horas semanais de francês, anos a seguir, para abrir o conhecimento da língua, quanto mais amar a França; como não basta ter lido e assimilado as chamadas provas da existência de Deus para o amar. Uma coisa são os conhecimentos indispensáveis para que um homem possa ser considerado culto: e é preciso estudar o assunto no que respeita à arte; é realmente lamentável como se comenta um Picasso a maior parte das vezes; como é lamentável o que se diz quase sempre acerca de música ou de cinema. Mas outra coisa é a educação da sensibilidade artística: a pleguice, a lamechise, o amor pelo fado, o gosto pelo bonito e pelo abençoado e fenómenos idênticos, começarão a passar um mau bocão no dia em que se comece a exercer influência neste sector da personalidade.

O que é preciso, realmente, é olhar a sério para a sensibilidade, e não sómente para os conhecimentos a adquirir. É que criar uma nova sensibilidade é modificar a personalidade; e a aquisição de conhecimentos, sejam de que natureza forem, se não for bem digerida, pode não passar de simples acumulação. Encher a cabeça é diferente de fazer uma boa cabeça, como dizia o Montaigne. Mas para estabelecer um programa deste género, os técnicos de problemas artísticos ou mesmo artistas não chegam. Requer-se a colaboração de psicólogos e pedagogos. E os psicólogos sabem que não basta ver para assimilar — é preciso fazer. Não é sómente através dos olhos que se modificam as estruturas psicológicas: a mão é a grande colaboradora do cérebro.

NOTAS DE UM ROMANCISTA

(Continuação da 17.ª página)

fraude? Por outro lado, não há curandeirismo sem credulidade que o adubem; e se credulidade é primarismo, angústia sem apóio, superstição, pobreza, — quem toma as rédeas desta complexa profusão? Se curandeirismo é, outras vezes, dificuldade em recorrer à assistência médica e farmacêutica, isolamento, boçalidade, excesso de tarefas que dividem o médico a ponto de torná-lo inacessível, — quem assegura a toda a população um serviço de saúde, que tem de ser ao mesmo tempo pedagogia, sem espaços em branco onde o curandeiro possa lançar a ancora? Respondamos com todas as letras, corajosamente: ninguém.

Eis, pois, o médico sózinho perante a crua daninha. Eis, pois, o problema. Médico e curandeiro — frente a frente. Em redor, o enfermo, a família, o povo. Suponhamos que o médico age, ariscando-se a uma devassa que feche o curandeiro nas malhas do código. O médico apresenta-se-nos, então, com a noção de quem acusa, de quem teme competidores, de quem, não seguro do seu mérito para vencer o rival, se serve cobardemente do esbirro. E como também o esbirro exige que o convençam, lá vai o médico humilhar-se junto deste, junto daquele, dos que, na véspera, foram vítimas do curandeiro, testemunhas que de repente se esdondem ou perdem a memória ou torcem a verdade em benefício de quem os lesou. Todo o preço do assalto à cidadela do curandeiro foi pago pelo médico: é ele o delator e o vencido. A clientela não lhe perdoará a iniciativa e muito menos o fracasso. O curandeiro subirá mais uns degraus na estima popular. Por isso me dizia, há um ror de anos, um médico sábio: perseguir e criar mártires e os mártires ficam sempre de pé. Mais assisado será, na aparência, ignorar e, ignorando, persuadir. E esse mé-

POEIRA DAS LETRAS

* Constitui um acontecimento de grande projecção na vida editorial portuguesa a anunciada publicação, pelas Realizações Artis, em colaboração com a casa editora italiana Valentino Bompiani, do célebre «Dizionario Biografico Universale di Autori», cujo aparecimento nas suas várias edições estrangeiras foi saudado pela crítica responsável como a obra do nosso século.

* Na colecção «Dois Mundos», de Livros do Brasil, em tradução de João Palma-Ferreira, foi agora lançado o livro «Henderson, o Rei da Chuva», de Saul Bellow, romancista norte-americano unanimemente considerado o melhor discípulo de Hemingway. Saul Bellow, já distinguido com o «Prémio Pulitzer», é uma das revelações mais sensacionais da presente temporada. A sua obra tem merecido franco aplauso de autores de tanta responsabilidade como Robert Penn Warren e Lionel Trilling.

* Narrador de transparente subtilidade, observador de uma argucia implacável, psicólogo de rara finura, Mário Soldati, o autor de «Passado Mortal» e de «O Verdadeiro Silvestre», é uma das maiores revelações da literatura italiana do pós-guerra. O leitor habitual de Os Livros das Três Abelhas, editados por Publicações Europa-América, vai ter ocasião de apreciar em breve um novo

livro seu: «A Mesa do Comendador».

* Um dos próximos lançamentos da colecção «Livros do Brasil» será «A Madona de Cedro», do romancista brasileiro Antônio Callado. Na mesma colecção foram, ainda recentemente, publicadas duas obras altamente representativas da literatura brasileira: «O Arquipelago», de Erico Veríssimo, cujo 2.º e ultimo tomo encerrará «O Tempo e o Ventos», e «O Ateneu», de Raul Pompéia, com um estudo de Mário de Andrade.

* «O Homem que vinha do Passado», romance de ficção científica, cujo autor, Theodor Sturgeon, é comparado a Orwel e a Huxley, sairá brevemente na colecção «Argonautas». A seguir, a mesma colecção apresentará mais um livro de Fredric Brown: «O Espaço Será Pequeno».

* São de André Langevin, director de Trabalhos de Electricidade Aplicada da Escola Superior de Física e Química Industriais de Paris, as seguintes palavras: «Fazer rodar os botões do receptor de Televisão sem procurar conhecer nas suas linhas gerais o princípio de funcionamento desse aparelho, é privar-se de uma grande alegria: a de compreender». Foi precisamente para permitir ao homem comum essa alegria que Langevin escreveu um excelente livrinho de

divulgação, que será incluído na colecção «Sabers».

* Após o interessante volume intitulado «Como se estrutura o Organismo», do prof. Wolfgang Bargmann, a colecção «Enciclopédia LBL» incluirá uma importante obra de Werner Heisenberg: «A Imagem da Natureza na Física Moderna». Nesta obra, Werner Heisenberg ocupa-se de questões do maior interesse e actualidade, entre as quais se encontram o problema da causalidade e do determinismo.

* O romance «Levantate e Caminha», de Hervé Bazin, é um livro exemplarmente humano. Constança Orglaize, a personagem central, é uma figura inesquecível. Rapariga já paralisada por um acidente, autêntico farrapo humano, encontra precisamente na sua miséria física as forças para lutar, para justificar e engrandecer uma existência aparentemente inútil, ajudando os outros a realizarem-se. A versão portuguesa desta obra extraordinária do autor de «De Vórbora na Mão» constituirá um dos próximos volumes da colecção «Século XX».

* O primeiro romance de Henry Miller que é publicado em Portugal, será lançado durante o mês corrente na colecção «Miniatura», de Livros do Brasil, e intitula-se «Um dia no Paraíso».

RARIDADE DA BIBLIOGRAFIA QUINHENTISTA

(Continuação da 17.ª página)

tes regnos; per seu mandado: e aprovado per Sua Alteza: para se poder imprimir.»

No colofon se diz que o volume foi impresso em a mui nobre e sempre leal cidade de Lixboa. En casa de Germão Galharde, impressor, del Rei nosso senhor. Acabou-se aos XXV dias de Janeiro do MDL.

Na nota com que Arnaldo Henriques de Oliveira acompanha o verbete da rara obra diz-se que o exemplar foi vendido por Manuel dos Santos, depois de por ele descrito na «Bibliografia Geral» com o n.º 8004. Acrescenta que isso o leva a crer ser o unico exemplar conhecido.

Engana-se o nosso amigo. Falam do livro Anselmo e Proença que dizem haver cinco exemplares da obra na Biblioteca Nacional, tendo um deles sido comprado no leilão Azevedo-Samodães por 400 escudos. Dizem existir ainda o volume na Academia das Ciências e na biblioteca de James Lyell, em Oxford. Existe ainda na biblioteca de Vila Viçosa, falando dele D. Manuel II em «Livros Antigos Portugueses» onde nos diz existir também na biblioteca Palha, agora em Harvard. Além do exemplar que vai ser leilado conhecem-se poitove exemplares.

O exemplar está muito bonito com uma bela encadernação moderna de carneira gravada a seco. É de facto uma bela e rara espécie bibliográfica.

RAUL REGO

TRÊS prémios literários no valor de trezentas mil pesetas cada acabam de ser instituídos pela «Fundação March». Estes prémios denominados: «Madrid», «Catalunha» e «Galiza» são para galardão os escritores que nas suas obras tenham enaltecido qualquer aspecto da vida de Madrid, Catalunha e Galiza.

dico a quem a experiência fizera acutelado, ia por detrás do curandeiro, fingindo aceitar-lhe a parassitagem, fingindo e remediando, fingindo e educando. Isso basta? Claro que não basta. Mas sempre será mais prudente do que furar, a má cara, molinhos de vento.

Olhemos agora outra paisagem. Ceros, charnecas, uma geografia adusta onde, num mar de quilómetros, há apenas um médico, — um sujeito, com vossa licença, de carne e osso, que não pode estar simultaneamente aqui e ali, que não pode, no mesmo saco, enfiar o seu capuz de médico, de enfermeiro, de assistente social e mestre-escola. Saibam que cada doente grave, separado de muitos outros doentes graves por horas de caminho, não espera do João Semana apenas uma receita: espera a vigilância de quase todas as horas, a injeção, o berrão ou a palavra insinuante, o termómetro, o clister, o conselho minucioso para o modo de ingerir o medicamento, de alterar a posologia no momento oportuno,

Os próximos livros de Marques Gastão

Marques Gastão, que ainda recentemente publicou «Figuras do Meu Tempo», que está quase esgotado, tem já no prelo um estudo sobre «A Europa na Política e na Arte», que deve aparecer dentro de dois meses.

Ainda este ano, possivelmente em Outubro, aparecerá também «Nas Rotas Históricas do Mundo», livro de reportagens sobre os povos Inca, Asteca, Guanche, Viking e também sobre as viagens que fez a Israel e a Itália. Marques Gastão está também a escrever, para ser publicado em 1963, o seu novo romance «Maria da Luz sem Olhos», obra literária que continua, de certo modo, a trilogia concluída com «O Dia já nasceu noite» e continuada, igualmente, com «Suykim», «Oiro Propício», obras já esgotadas.

— mil e um nadas do a b c da vida que o doente rude desconhece e que a lei ignora que ele desconhece. Pois, senhores, que é o médico entre o povo? Quase tudo. Tem de ser, sob pena de para nada lhe servir a ciência, quase tudo. As vezes, o consultório médico é uma aula de missionários. Uma pastilha é isto que vocemecê aqui vê. Parte-se ao meio. Sim, com uma faca. Engole-se. Não, engole-se com água. As pastilhas engolem-se com água. Três vezes ao dia. As comidas. Agora repita. Não, santinho, não é assim. E repete-se, e repete-se. E repete-se para, instantes depois, tudo sair trocado. Pode-se deixar um pobre destes à mercê das suas tão escassas possibilidades de compreensão? Honestamente, teremos de concordar que não se pode. Alguém, pois, terá de averiguar se a mezinha foi bem aplicada, se surtiu efeito, se provocou efeitos secundários ou imprevisíveis; alguém, mais expedito ou mais prático, que dê a injeção, que aplique o antiflogístico, que sonda a temperatura, que faça a colheita de sangue ou a recolha de urina para a análise, que faça cumprir os preceitos terapêuticos, que vá à lareira vigiar a dieta — que sei eu? Alguém em quem o médico, dentro dos limites do bom-senso, possa confiar um pouco mais do que no doente ou nos seus familiares, — visto que, insistimos, é humana e profissionalmente impossível que o João Semana acompanhe dia a dia, hora a hora, os enfermos de uma área extensa. Quem o deveria substituir nesse papel de enfermeiro, dietetista, dona de casa, de pai para toda a colher? Um enfermeiro, pois, uma visitadora social, — uma pessoa tecnicamente preparada. Digo mal: vários enfermeiros, várias visitadoras. Onde estão eles? Quem lhes paga?

Voltemos ao médico. Ele chega ao seu burgo, à sua área, e, em breve, surge-lhe um tipo patético que lhe apresenta uns doen-

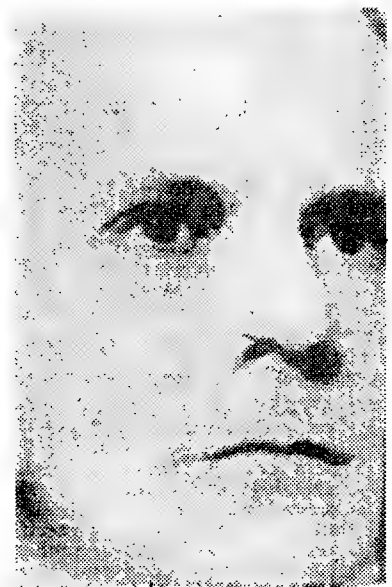
tes, que depois lhe dará umas «informações» sobre uns certos doentes e por vezes resolve desbarbamente problemas como um transporte urgente, um utensílio, etc., que de outro modo provocariam situações melindrosas. De caminho, oferece ou vai infiltrando os seus préstimos de prático: dá injeções, sabe ler um termómetro, alivia o campo de um dente cariado. O médico logo se apercebe do resto: por detrás dessa humilde colaboração, tão singelamente oferecida, há um negócio montado. Como dispensar, porém, em dadas circunstâncias, que esse tipo aplique a injeção que ele, médico, receitou, que vigie o tratamento que ele, médico, prescreveu, que o ponha ao corrente das surpresas da evolução da doença? E assim caímos numa espécie de tolerância que o homem que está do outro lado da mesa interpreta como conivência e como incitamento à ilegalidade. Compreenderá ele que, na mesma situação, não teria outro recurso? Que essa tolerância é o menor dos males e que, ainda, a falta de policiamento preventivo e de eficazes condições de assistência, significa o unico modo de trazer menos folgadas as rédeas do curandeirismo? Esses práticos arrimam-se, às vezes, a serviços oficiais ou oficiosos de assistência; não possuem títulos para a tarefa, mas como obter verbas para importar os autênticos? E, passo a passo, acabam por usufruir da legalidade dos factos consumados. Agrada isto ao médico? Estejam certos que não. Tolerar o médico que, com o seu conhecimento, ou anuência, esses «colaboradores» ultrapassem o risco que lhes é traçado, que, até, lhe surripiem umas fatias do seu ganho-pão? Repito a negativa. Mas que forças, que poder tem o médico para modificar este panorama? Tantos, ou menos, que o homem que está do outro lado da mesa.

FERNANDO NAMORA

JOEL SERRÃO

Ensaísta, crítico e historiador da sociedade e da cultura, Joel Serrão é um dos mais altos e prestigiosos valores da nossa literatura de ideias. Continuando, como alguns mais da sua estirpe intelectual, a linha renovadora da mentalidade portuguesa que vem de Heráclito, a geração de 70 e desta até António Sérgio, o autor de «Temas da Cultura Portuguesa» é hoje um dos expoentes mais representativos da longa faina de modernização e dignificação da cultura e da atitude cívica e pedagógica que ela implica no nosso País. A reedição, revista, do seu magistral estudo sobre Cesário Verde veio recentemente assinalar a sequência laboriosa da actividade intelectual de Joel Serrão. Sobre esse livro e o que ele significa na sua obra — que este lhe dirigimos, para este inquérito, a primeira pergunta: — Por que apresenta com insatisfação expressa esta nova edição do seu estudo crítico de Cesário?

Sem qualquer sombra de as-...



Joel Serrão

verdade mesma comporte, dir-lhe-ei que, efectivamente, considero «incompleto, provisório, imperfeito», como lá declaro, o meu Cesário Verde, agora reeditado. Perguntará, e com alguma razão: nesse caso, por que o reeditou? Olhe: porque me pediram e porque, não obstante, o prezo. Não tanto por ele mesmo, mas por aquilo que sonhei, um dia, fazer, e se for reduzindo, reduzindo, até ficar tal como está: uma amostra. Com efeito, o meu plano inicial, para o qual carreei materiais, incluía análises da vivência do social, da utensilagem mental de Cesário e dos seus contemporâneos, da originalidade temática e da estesia cesária, orientadas de modo idêntico ao que levei a cabo no estudo Campo e Cidade na poesia de Cesário Verde. E, além do mais, trabalhei bastante numa edição crítica do Livro de Cesário Verde, que continua inédita, e é, afinal, condição sine qua non de uma visão objectiva (ou tendendo para lá) de tal poesia. Todavia, a edição crítica

SERÁ no Cinema Mac Mahon, em Paris, que se realiza uma semana de cine espanhol. Falta acordar a data. O Mac Mahon é um cinema de arte e ensaio que funciona em colaboração com a revista «Cahiers du Cinema».

esbarrou, até agora, com dificuldades editoriais conjugadas com o problema dos direitos de autor devidos aos herdeiros do poeta. Quanto ao livro de exegese crítica, imaginará as dimensões para que iria... É a verdade é que, nessa hipótese, tornar-se-ia quase impossível publicá-lo, por falta de editor que se abalancasse a tão temerosa aventura. De tudo isto deriva, como compreenderá, esse ressaibo de amargura com que me refiro ao meu livro. — amostra de uma análise que os estímulos recebidos dos leitores parecem insinuar deveria levar-se ao seu termo.

— Entretanto, ocupa-se em outros trabalhos?

— Em primeiro lugar, pago a continha calada de 20 horas lectivas semanais que, de resto, me proporcionam muito prazer. Conviver diariamente com os meus jovens alunos é uma primeira forma de realização que, não raras vezes, se reveste de fundo significado humano. Não estou, pois, desiludido com a profissão que escolhi. Penso só, de vez em quando, que seria bom, ou seria melhor, estar obrigado a menos aulas... Enfim! As minhas tardes reparto-as, irmanamente, pelo Dicionário de História de Portugal, que vai no seu 7.º fascículo, e pela efectivação de trabalhos de carácter mais pessoal. Estou convencido de que o Dicionário, devido sobretudo à qualidade e ao número dos colaboradores portugueses e estrangeiros reunidos, a quem deixo prestar publico testemunho de admiração, virá a ser obra útil. Essa esperança me alenta nos momentos de natural cansaço.

Quanto aos trabalhos só meus, para os quais reservo, como é natural, um afecto muito especial, ando, vai já para alguns anos, às voltas com um longo tema otocentista: a vivência do tédio em Portugal na 2.ª metade do século passado e 1.º quartel do actual. Encontro-me ainda bem longe do fim imaginado. Quando é que lá chegarei? E chegarei? Esse receio tem-me levado a pensar em concluir esse esforço ainda este ano ou no princípio do próximo. Afinal, isso dependerá do rendimento das próximas férias lectivas...

— Mas tem outros projectos para mais longo futuro, certamente...

— Quem os não tem? Posso dizer-lhe que gostaria, uma vez concluído, ou em vias disso, o Dicionário de História de Portugal, de concentrar-me numa investigação sistemática de certos aspectos da história do nosso século XIX. Na verdade, tudo quanto tenho realizado, nos últimos anos, converge para aí, — esse mar sem fundo. O Cesário Verde, o Sampaio Bruno, O Segredo da Aurora, os Temas Otocentistas, essa investigação em curso sobre o tédio português são sondagens, aqui e ali, na história do século passado. Ora, se julgo bem, importa-nos muito conhecê-lo para, de algum modo, nos conhecermos um pouco melhor — nas nossas virtualidades e nas nossas limitações. Com efeito, de modo algum concebo a investigação histórica como entretenimento ou fuga ao presente. Penso, claro está, que ela deve orientar-se pela busca da objectividade possível, sem a qual não há pesquisa científica digna desse nome. Mas afigura-se-me também que tal objectividade, no campo da história, só se entrevê, ou só se entremostra, na medida em que o investigador finque bem os pés no seu presente, e, compartilhando a ansiedade e a esperança dos seus semelhantes, possa dizer: aqui estou! Aqui estou pensando em vós!

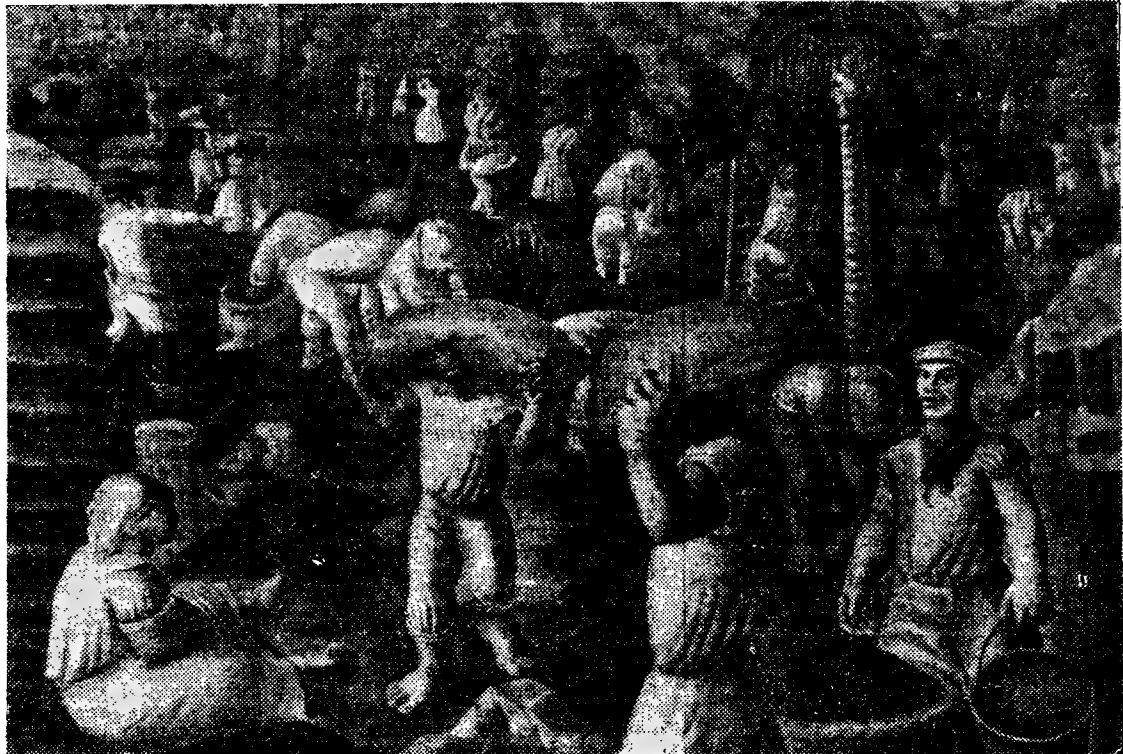
PORTINARI

(Continuação da 17.ª página)

de ás multidões das cidades do Brasil e de todo o Mundo. Desde então e até ao fim, não conheceria Portinari mais do que esse apelo irrecusável em que se fundiam o sortilégio das cores e o sofrimento humano. Por eles se escapou para o Rio para aprender as regras da arte e se sujeitou a ser moço duma pensão de terceira classe, levando jantares a casa dos fregueses e dormindo num quarto de banho. Por eles, em luta com a miséria e com a obsessão de criar, ficou uma vez, já depois da primeira viagem à Europa e de casado, sem lençóis em casa porque fez dos que tinha as telas que não podia adquirir. Por eles, pouco a pouco, conquistou prémios, encomendas, viajou, foi professor e alcançou a glória sempre maior e sempre resistiu às incompreensões, aos despeitos, às mil dificuldades a que nenhum grande algumas vezes se furtará. Desse apelo teve ele um canto trágico e deslumbrante, cujo motivo central seria o camponês. Oigo ainda a sua voz, aqui na mesma sala onde escrevo estas linhas: «Na minha obra só há camponeses. Mesmo quando faço outra coisa sai sempre camponês. Mesmo uma paisagem, a mais imaginária, é sempre camponês». Se exceptuarmos a época dos retratos italianizantes de figuras gradas do mundo social e de artistas famosos, que são uma excepção na sua obra imensa, e exceptuarmos também a zona de ternura familiar que se abre nos retratos de Maria e de João Candido, «esse menino terrível» («Você não vê esse menino, Maria?»), nos quais sempre os pincéis se lhe animavam de um requinte particular de encantamento e risonha surpresa, na obra de Portinari, efectivamente, «só há camponeses». Desde o Café, que o tornou célebre em 1935, aos grandes murais Guerra e Paz do átrio do edifício da O. N. U. ou aos desenhos de Israel, directa ou indirectamente, o camponês, esse «camponês na

pinta, desde o enternecimento das meninas tristes do morro, com as suas flores modestas e o seu bau de lata azul ou as cenas (quão melancólicas) das festas de S. João ao arrebatamento goyesco, perigosamente a um passo (mas só a um passo) da caricatura, das trágicas caminhadas dos Retirantes, que fogem da seca e vêem os filhos morrer-lhes nos braços pelo caminho; das ásperas massas brancas, tocadas de cinza e de avelã, de que saem Lavadeiras, O Filho Morto, Entero na Rede, á nota surrealizante da série dos Espantalhos; dos desenhos surpreendentes dos Meninos de Brodowsky, feitos em grandes cartões directamente a pincel, às decorações do Rádio Tupi; das Mulheres Chorando aos vastos murais do Ministério da Educação e da Biblioteca do Congresso, de Washington, á Primeira Missa no Brasil, ao Suplício do Tiradentes. E tudo isto, que é profundamente brasileiro (tão brasileiro como as Vidas Secas de Graciliano ou a Gabriela de Jorge Amado) é também inegavelmente universal, na sua dor e na beleza que a supera, na miséria de que emana e na energia criadora que a transfigura e a transforma em riqueza comum.

Para Portinari, a pintura era primeiro que tudo e efectivamente uma linguagem, não no sentido que agora se dá muitas vezes a esta palavra, de realidade específica que de si mesma nasce e em si mesma se conclui, mas no de meio de comunicação entre o artista e grandes massas de publico. E por isso, talvez, a sua obra não entusiasma os que só vêem na pintura uma constante reinvenção de processos, de achados. E' Picasso, dirão uns. E' Goya, dirão outros. E' Masaccio, é Tanguy... E há nele, com efeito, tudo isso ou alguma coisa de tudo isso, além de outras vozes e climas que teria no sangue, se nos lembrarmos de que o pai era florentino e a mãe veneziana. Ele próprio explicava: «Picasso fulmina-me». E juntava: «Eu tinha de fazer o Ul-



«Café» (1935), óleo de Portinari, que se encontra no Museu do Rio

sua acção», como dizia Van Gogh, «que nem os Gregos, nem o Renascimento, nem os antigos Holandeses fizeram», é o tema maior. E á compreensão do camponês nos vários aspectos da situação concreta do seu país, a esse pintor camponês, na expressão ainda de Van Gogh, «como se se fosse um deles», deveu Portinari o ter fugido a certo folclorismo (que não deixou de enlevar um Diego Rivera), ou a certo pendor filosofante (que tanto marcou um Orozco), e o ter criado, como não hesitou em escrever Otto Maria Carpeaux, «o estilo brasileiro da pintura». Contava o artista: «Quando fiz os frescos do Ministério da Educação, quisera que eu fizesse a História do Brasil. Experiência. Mas tive de desistir. Não dava nada. Disse-lhes então: Não pode ser, não sei nada. Tenho que pintar é os meus camponeses. Se quiserem, bem. Foi então que, obedecendo embora a um critério histórico, fiz a série do Ouro, Fumo, Gado, etc.»

Pintando o camponês brasileiro é o Brasil inteiro, que Portinari

timo Baluarte», tela onde a influência de Guernica é patente. «Tinha de fazê-lo e esperar o que acontecesse. Ou me afundaria ou conseguiria dar o salto». E acrescentava com a mesma simplicidade: «Foi o que aconteceu, dei o salto».

Não procuremos nele a descoberta de processos novos, a obsessão da originalidade, mas a adaptação constante de todos os processos, velhos e novos, intimamente assimilados e reelaborados, á sua invencível necessidade de falar e de ser ouvido. A sua opinião era com certeza a de Amédée Ozenfant, «o pai do austero cubismo», como a si mesmo se chamava, que em 1935 dizia aos seus amigos cubistas e pós-cubistas: «Já construímos o piano: agora é preciso tocar». Portinari não construiu pianos: tocava. Cantava e contava uma história apaixonante, que é a história do homem destes dias, a nossa própria história. E o que nele importa não é o ter tido influências mais ou menos visíveis, involuntária ou voluntariamente procuradas e exploradas, mas o ter realizado, apesar dessas influências,



«Suplício do Tiradentes», de Portinari

através delas, medindo-se com elas, contra elas, afinal, uma obra rigorosamente inconfundível.

No grande artista agora desaparecido, que tenazmente teceu no seio do pesadelo, com a lama e a baba do próprio pesadelo, o sonho da madrugada inevitável, encontraram os jovens esta lição preciosa e tão oportuna: Se não é com boas intenções que se faz boa pintura, não são elas que impedem de fazê-la excelente. MARIO DIONÍSIO

EXPOSIÇÃO de Arte Moderna Universal

A Fundação Calouste Gulbenkian prepara activamente uma grande Exposição de Arte Moderna Universal a realizar em Londres, no próximo ano.

Essa exposição, que abrangirá umas centenas, senão milhares de obras de pintura e escultura, deve efectuar-se no grande museu que é a Tate Gallery, adaptada para o efeito.

MÚ

(Continuação)

que arranja a que pagará a música clássica pouquíssima para se me para andara outro. No quinto tem o «Promenade» menade Colma abrevia que, desde sessenta anos, Henry Wood to tão desta londrina. Ntro anos, e patrocinado agora consisti Neles colab todas as pa ano actuar cinco orque ros e quinze os concerto mente radi por um mil noites.

Os progr samente o mas, nos u introduzido de obras compositores avançados, Webern; o co que norm certos—os são confess se mostra a posto a esc guarda, es contempor mo, por e Pierre Boul «srs» Henry os composi derna» há t embora o s dicar certas terminado segundas-fer as; Beeth fosse — ex noite de B anos — abá gramas ma flectem a v lioz, Mahle berg. Houv tes e entus com o «Edi da Stravins Colin Davis rada, e se oportunidade escutar um «Cantata A Em 2 de A regou uma obras. «Sin memoração Para os B. B. C. em quatro obra

Edição definitiva e completa das obras de AQUILINO RIBEIRO MÓNICA o livro mais contestado... e estremecido pelo autor Edição vulgar 40\$00 Edição especial com dez ilustrações de Guilherme Casquilho 115\$00 Livraria Bertrand



do Tiradentes», de Portinari

se com elas, a obra rigoro-
la, agora desaparece-teceu no
a lama e a
lelo, o sonho
rel, encontra-
o preciosa e
é com boas
boa pintura,
em de fazê-la
DIONÍSIO



terna
versal

uste Gul-
ivamente
osição de
iversal a
s, no pró-
ue abran-
as, senão
e pintura
fectuar-se
e é a Ta-
a para o

● Ils ont fait la Ré-
publique», é o tí-
tulo de uma nova
coleção lançada
pela casa editora
Presses Universi-
taires de France.
Com os volumes a
publicar pretende-
se dar a conhecer
a vida e a obra dos
políticos que con-
tribuíram mais de-
cisivamente, na pri-
meira metade do
século XIX e na
segunda do actual,
para dar conteúdo
perdurável ao siste-
ma republicano. O
primeiro volume da
série é um «Jean
Jaurès» apresenta-
do pelo antigo pre-
sidente da Repu-
blica francesa Vin-
cent Auriol. Vão
seguir-se um «Cle-
menceau» por Gas-
ton Monnerville,
«Aristides Briand»
por Pierre Cot e
«Léon Gambetta»
por Maurice Faure.
● Dois romances
recentes são
apontados na Im-
prensa literária de
diversos países co-
mo testemunhos re-
levantes das trans-
formações profun-
das que estão a
operar-se na alma
do povo japonês:
«Sol poente», de

RELANCES DO MUNDO LITERÁRIO

Osamu Dazai, e «O
pavilhão de ouro»,
de Yukio Mishima.
Ao mesmo tempo
que se desagrafa a
ética social e cívica
que mantinha a
coesão de todas as
classes da sociedade
japonesa, afloram
nesse povo aspira-
ções mal definidas,
mas que se dilata-
m e propagam,
sobretudo na juven-
tude, por insatisfa-
ção geral.
● A grande publi-
cação norte-ame-
ricana de crítica
literária «The Ke-
nyon Review» con-
sagrou recentemente
um longo estu-
do aos sonetos de
Shakespeare e ou-
tro ao romancista
Nathanael West.
Um dos mais qua-
lificados orientado-
res da revista é
Robert Penn War-
ren, autor do ro-
mance «O cavalei-
ro da noite», que
foi há tempo tra-
duzido e editado
em Portugal.

● Onze grandes
editores alemães
e suíços associa-
ram-se para a pu-
blicação conjunta
de uma vastíssima
série de «livros de
bolsa» abrangendo
escritores de todas
as épocas. Consti-
tuíram, assim, uma
nova editora com
poderosos meios de
irradiação. Um dos
planos de grande
projectação da edito-
ra é o lançamento
das obras de Goe-
the em 45 volumes,
edição esta que se
baseará na edição
comemorativa da
Editora Artemis.
Vinte especialistas
de estudos goethea-
nos encarregaram-
se dos comentários.
A partir de
Outubro começa-
ram a sair dois vo-
lumes por mês.
«Admiro a sua co-
ragem de editor de
lançar o Goethe da
Editora Artemis»
nesta forma. A sua
tentativa ousada
constitui um mérito
excepcional», es-
creveu o professor
Karl Jaspers, refe-
rindo-se a este pla-
no da editora.

● Foi reeditado no
Brasil, dando lu-
gar a renovadas e
longas referências
de críticos e en-
saístas, o romance
de Dinah Silveira
de Queiroz «Marga-
rida La Rocque». Num
comentário suges-
tivo do «Jornal de
Letras» es-
creve Consuelo dos
Reis e Melo que a
maior originalidade
da obra «consiste
em narrar uma
neurose desde a
gênese até à com-
pleta alienação
mental, da autora.
A personagem si-

tua-se num tempo
em que a autocom-
preensão era im-
possível, decorren-
do a acção naquele
clima goetheano da
«Noite de Walpur-
gis». Consegue
além disso, um ar-
caísmo de lingua-
gem mais sintático
do que léxico, mais
de estruturação das
frases do que de
palavras».

● Gert Buchheit
publicou ultima-
mente um livro so-
bre «Hitler, chefe
militar», que tem
despertado grande
sensação. O ho-
mem que personi-
ficou as responsa-
bílidades do maior
cataclismo da his-
tória moderna apa-
rece ali analisado
implacável e nítido,
como visionário
vaído e nulo, in-
capaz de reagir
com inteligência às
circunstâncias, fan-
tasista megalôma-
no, joguete de for-
ças que fizeram de-
le um instrumento
fatal e que nunca
soubes dominar nem
comandar. A obra
baseia-se em do-
cumentação incon-
testável. É a voz
da história que já
se faz ouvir.

● Truman Capote,
que é apontado
nas letras norte-
americanas como
o homem da tran-
sição entre a «lost
generation» dos
anos trinta e a ge-
ração dos «beatniks»,
fez há pouco
trinta e oito anos
de idade. Os escri-
tores mais novos,
nos Estados Uni-
dos, já o conside-
ram um velho. E
apontam como tes-
temunho o seu ul-

timo livro, que foi
agora publicado em
França sob o tí-
tulo «Petit déjeuner
chez Tiffany» e
que tem como
maior defeito, se-
gundo esses jovens
críticos, o de ser
bem escrito.

● O Prémio Ge-
rard de Nerval,
um dos mais im-
portantes e presti-
giosos da França,
foi atribuído à poe-
tisa Eliette Boulen
pelo volume de ver-
sos «Jusqu'à la
joie». A obra foi
editada em Rouen
e é considerada
uma revelação no-
tável na linha da
poesia francesa mo-
derna.

● De Ivo Andric, o
escritor jugoslavo
que o Prémio No-
bel de 1961 consa-
grou, foi agora re-
velada em França
mais uma obra que
poucos leitores fora
do seu país conhe-
ciam: «A crónica
de Travnik». A edi-
ção, integrada na
série «Feux Croi-
sés», é apresentada
por Claude Aveli-
ne.

● Por ocasião das
representações
que vão efectuar-se
no Teatro Grego de
Siracusa, na Sicília,
de 23 de Maio a 10
de Junho próximos,
o Instituto Nacio-
nal Italiano do Dra-
ma Antigo atribuirá
um prémio de
300 000 liras ao me-
lhor artigo que for
publicado nos jor-
nais ou outras pu-
blicações de qual-
quer países sobre
as tragédias de Eu-
rípedes. Os interes-
sados podem diri-
gir-se ao referido
Instituto, n.º 29,
Corso Matteotti, Si-
racusa (Itália) en-
viando seis exem-
plares das publica-
ções em que os ar-
tigos forem divulga-
dos.

ESCAPARATE

De 6 a 13 de Fevereiro de 1962

Autores portugueses

Título — «Mónica»
Autor — Aquilino Ribeiro
Editora — Livraria Bertrand
Número de páginas — 321
Preço — 40\$00

Título — «Pavlova»
Autor — Tomás Ribas
Editora — Editorial Aster
Coleção — Grandes Biografias
Número de páginas — 240
Preço — 50\$00

Título — «A Memória de Gago
Coutinho»
Autor — Preto de homenagem e
gratidão de Amélia Silva
Editora — Autora
Número de páginas — 68
Preço — 20\$00

Título — «Capas Negras nos Açores»
Autor — M. Alves Pardinhas
Editora — Orfeon Académico de
Coimbra
Número de páginas — 124
Preço — 25\$00

Título — «Para uma Psicologia
na Primeira Pessoa»
Autor — Manuel Breda Simões
Editora — Sociedade de Expan-
são Cultural
Coleção — Ensaístas Portu-
gueses
Número de páginas — 73
Preço — 20\$00

Título — «A Menina de Caracas»
Autor — Serafim Rodrigues
Editora — Livraria Progredior
Coleção — Humorística
Número de páginas — 173
Preço — 12\$50

Autores estrangeiros

Título — «A Pequena Dorrit»
Autor — Charles Dickens
Tradutor — Mário Domingues
Editora — Romano Torres
Coleção — Obras Escolhidas de
Autores Escolhidos
Número de páginas — 475
Preço — 30\$00

Nota: O 2.º volume tem 448 pá-
ginas e custa 30\$00.

Título — «Henderson, o Rei da
Chuva»
Autor — Saul Bellow
Tradutor — João Palma Ferreira
Editora — Livros do Brasil
Coleção — Dois Mundos
Número de páginas — 309
Preço — 40\$00

Título — «A Vida Quotidiana no
Tempo da Revolução Francesa»
Autor — Jean Robiquet
Tradutor — Augusto da Costa
Dias
Editora — Livros do Brasil
Coleção — Vida Quotidiana
Número de páginas — 262
Preço — 40\$00

Título — «O Homem que Vinha
do Passado»
Autor — Theodore Sturgeon
Tradutor — Mário Henrique Le-
iria
Editora — Livros do Brasil
Coleção — Argonauta
Número de páginas — 152
Preço — 12\$50

REEDIÇÃO DE «ESTEIROS» A OBRA QUE REVELOU O TALENTO DE PEREIRA GOMES



Contra-capa e capa da nova edição de «Esteiros»

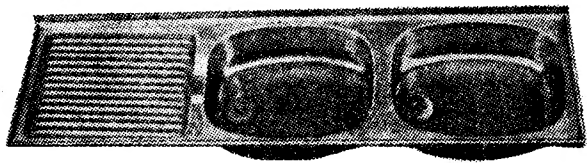
A editorial Publicações Euro-
pa-América tomou a feliz inicia-
tiva de lançar uma nova edição
de «Esteiros», o notável romance
que celebrou logo, quando da
sua aparição, o nome do seu au-
tor, Soeiro Pereira Gomes. Este
livro de profundo sentido huma-
no, já traduzido em alemão, che-
coslovaco, eslovaco, francês, ita-
liano, polaco e russo, reaparece
agora, numa 4.ª edição, de esme-
rado cuidado gráfico e com uma
capa sugestiva de Sebastião Ro-
drigues.

De Soeiro Pereira Gomes, que

conquistou um lugar de relevo
na vanguarda do neo-realismo
português, vai ser também in-
cluída na Coleção «Os Livros das
Três Abelhas», uma reedição de
«Engrenagem», romance publica-
do póstumamente em 1949. Nas
belas páginas deste livro, que Pe-
reira Gomes, conforme anotação
sua no original manuscrito, ainda
esperava corrigir um dia, encon-
trará o leitor a presença incon-
fundível de um autor que a mor-
te arrebatou em plena carreira
ascensional.

ARGONAUTA
O HOMEM QUE
VINHA DO PASSADO
Um romance alucinante,
onde o imprevisível ocupa
um lugar de relevo, e cujo
autor:
**THEODORE
STURGEON**
é uma revelação
sensacional
edição de LIVROS BRASIL

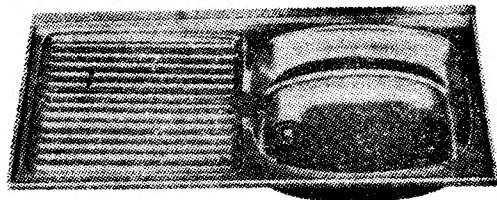
LAVA-LOUÇAS EM AÇO INOXIDÁVEL



Modernize os lares de Portugal, usando nas suas cozinhas Lava-Louças em AÇO INOXIDÁVEL. Concepção e execução da



FABRICA PORTUGAL



elegantes e higiénicas - duração ilimitada - revestidos de isolante especial - fornecidas com cifo de segurança - não partem a louça

• 8 MODELOS STANDARD - OUTROS MODELOS FORA DE SÉRIE
• MODELOS ESPECIAIS PARA GRANDES INSTALAÇÕES
• IGUAIS AOS MELHORES ESTRANGEIROS

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE E NOS SEUS SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA

PRAÇA DOS RESTAURADORES - RUA FERRO DO CAIS

COLOCAÇÃO DE CAPITAIS

A EMPRESA PREDIAL NORTENHA, entidade autorizada oficialmente nos termos do Decreto-Lei n.º 43.767, de 30/6/1961 e membro da «Fédération Internationale des Administrateurs de Biens Consués Immobiliers» - «FIABCI», chama a especial atenção de todas as pessoas interessadas em *eficientes aplicações de capital*, para o facto de estar apta a colocar quaisquer quantias, com juros garantidos e compensadores, prestando, gratuitamente, toda a assistência aos interessados. Consultem-nos no v.º próprio interesse, pois uma boa aplicação dos v.º capitais está na competência e zelo de uma entidade idónea e devidamente autorizada.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA COLHAM REFERÊNCIAS

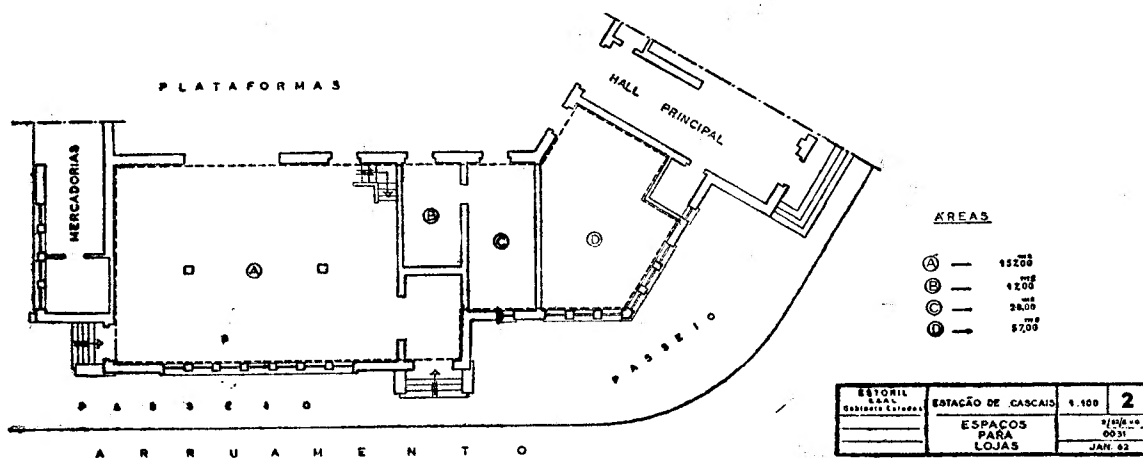
LISBOA: PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.
Tel. 362228 e 366812

PORTO: PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.
Tel. 26706 e 30181

Sociedade «ESTORIL»

CAMINHO DE FERRO DO CAIS DO SODRÉ A CASCAIS

Concurso para a exploração de lojas na Estação de Cascais CONDIÇÕES



- Até às 16 horas do dia 15 de Março de 1962 aceitam-se propostas para a exploração, por 5 anos, com opção nos seguintes, de lojas a construir nas áreas A, B, C e D indicadas na planta;
- Cada concorrente depositará 1 000\$00 que só não serão restituídos ao adjudicatário que desistir;
- As propostas serão feitas em carta fechada escrevendo-se no sobrescrito:
 - Proposta para a exploração de loja (s) na estação de Cascais e delas deverão constar:
 - A marcação da área que se pretende ocupar e que será feita na planta;
 - O preço oferecido;
 - A indicação da natureza do estabelecimento e dos artigos que nele vão ser vendidos;
 - A modalidade de construção escolhida de acordo com o n.º 4.
- A construção das lojas poderá ser:
 - De conta do adjudicatário, sendo a área escolhida entregue tal como se encontra actualmente;
 - De conta da Sociedade «ESTORIL».
- Os projectos de construção e decoração terão de ser previamente aprovados por ambas as partes;
- Durante o prazo do concurso, das 9.30 horas às 12.30 e das 14.30 às 18.30 horas estará patente nos Serviços Centrais a planta do local onde poderão ser construídas as lojas;
- A Sociedade reserva-se o direito de rejeitar as propostas se assim o entender;
- A adjudicação será feita por contrato cuja minuta se encontra anexa à planta.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1962

O ENGENHEIRO DIRECTOR

a) A. Bual



MÓVEIS

GÊNERO ANTIGO

EM TODOS OS ESTILOS
MÓBIAS, PAPELEIRAS, MESAS,
CÔMODAS, ARMÁRIOS, ROUPEI-
ROS, ESTOFOS E DECORAÇÕES

PREÇOS ACESSÍVEIS

DECORADORA DAS AVENIDAS, LDA.

Tel. 775781 - AV. 5 DE OUTUBRO, 102, R/C. - LISBOA
RUA DE SANTA MARTA, 64-A - Tel. 722570

BAIRRO DE ALVALADE PRÉDIO NA RUA GUILHERME FARIA, 13 LEILÃO JUDICIAL

DIA 21, PELAS 15 HORAS

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 6.ª Vara Cível de Lisboa, nuns autos de acção especial para divisão de coisa comum que correm termos pela 1.ª Secção será posto em praça no próprio local o prédio acima referido que se compõe de r/c., 1.º e 2.º andares, direito e esquerdo, com 4 divisões assoalhadas cada lado e o rendimento anual de Esc.: 38.880\$00.

Chamamos a atenção dos nossos Ex.ªs Clientes para o facto de se tratar dum prédio optimamente localizado e onde as rendas são de 535\$00 e 550\$00.

A LEILOEIRA, LDA.

AV. 5 DE OUTUBRO, 23, 1.º

TELEF. 45934



João Fortunato de Sousa Fonseca

MISSA DO 30.º DIA

Julia Henriques de Oliveira e Silva da Fonseca, Maria da Conceição Fonseca Pinto, José Perdigão Pinto, Augusto Brito mulher e filhos e mais família participam que será rezada missa pelo eterno descanso de seu muito querido marido, pai, sogro, tio e parente, amanhã, dia 16, na igreja dos Mártires, às 12.30, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a esse piedoso acto.



João Fortunato de Sousa Fonseca

MISSA DO 30.º DIA

Os sócios de Editorial Enciclopédia, Lda, participam que amanhã, dia 16, se realiza às 12.30 horas, na Igreja dos Mártires, missa de sufrágio por alma do seu saudoso e querido amigo e consócio João Fortunato de Sousa Fonseca.

PEQUENO MAGAZINE

ESPECIAL
PARA A

LEITORA

Vestígios das frieiras

As manchas arroxeadas que as frieiras deixam na pele, quando secam, desaparecem se esfregar as mãos, à noite, com sumo de limão e, na manhã seguinte, com uma mistura de cinco partes de essência de alecrim e uma parte de vinho puro.



A CRIANÇA

E A ARTE

«Entre os 5 e os 7 anos estamos em plena forma. Depois, prolongamo-nos».

PABLO PICASSO

«É preciso encarar toda a vida com os olhos de criança, e a perda dessa possibilidade tira-nos a de exprimir de modo original, isto é, pessoal».

HENRI MATISSE

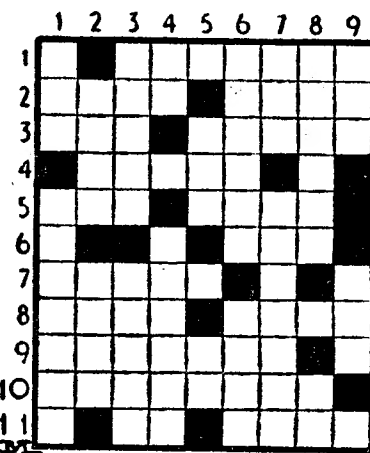
«Os desenhos de crianças são o instinto «criador» no estado puro, porque existem antes de qualquer possibilidade de verificação ou crítica».

FERNAND LÉGER

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIOS)

Problema n.º 2583



HORIZONTAIS: 1 — Sufoca. 2 — Grande rio da África, afluente do Mediterrâneo. Abala. 3 — Reze. Acreditava. 4 — Guarnecer de ameias. 5 — Grande. Folha. 6 — Maior. 7 — Descobrir. 8 — Cidade da Hungria, à beira do rio do mesmo nome. Bagatela. 9 — Apontar. 10 — Areentas. 11 — Pedra de moínho. Campeões.

VERTICAIS: 1 — Agrupo. Tomar para si. 2 — Enraivecer. Pender. 3 — Germanica. Conjunto das mulheres de um muçulmano. 4 — Porco. Doutor israelita. 5 — Óxido de cálcio. Rio da Guiné Portuguesa. 6 — Vedam. Antiga cidade da Grécia, no Parnaso, consagrada a Dionísio (Baco). 7 — Ice. Cordas da guitarra imediatas aos bordões. 8 — Roubar. A si. 9 — Dama de companhia. Segue.

Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 2582

HORIZONTAIS: 1 — Mil. Cão. 2 — Raras. 3 — Em. Dor. Mi. 4 — DURO. Amar. 5 — Adi. E. Eta. 6 — Andrada. 7 — Segui. 8 — Ré. Ios. As. 9 — MMCX. Tira. 10 — Laura. 11 — Soar. Osso.

VERTICAIS: 1 — Leda. Ermos.

ALMOCE E JANTE NO

arco-iris

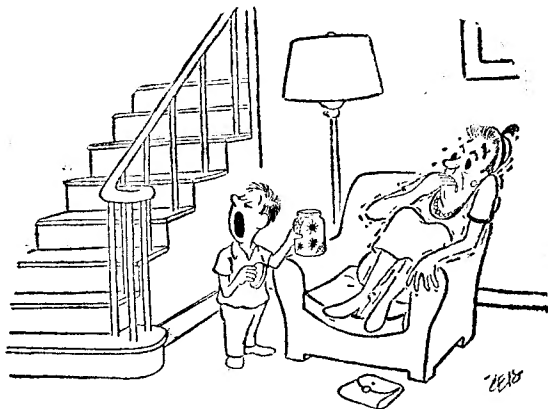
da PRAÇA DO AREEIRO, 8
e terá encontrado, finalmente, o Seu
Restaurante

Saiba que...

* Para passar as gravatas e prolongar por mais tempo o seu aspecto de novas, desmanche-as, passe-as do avesso com um pano húmido e torne a armá-las. É conveniente, antes de as passar a ferro, assinalar os vincos com um alfinete.

* Se adicionar algumas cascas de limão na água do banho, este terá maiores efeitos tónicos e refrescantes.

* O cheiro do peixe ou ovos desaparecerá da louça se a lavar em água que contenha uma pedra de carbonato de sódio.



— Estou aqui, mãe, cá em baixo, a entreter a D. Henriqueta...

Toneladas de poeira na região do Ruhr

Seriam necessários 70 000 vagões de mercadoria para transportar o milhão e meio de toneladas de poeiras que caem todos os anos na região do Ruhr. A situação é deveras grave nas cidades de Dortmund, Duisburg e Oberhausen, onde mensalmente tombam 40 a 50 gramas de poeira por metro quadrado — quase o dobro da que cai em toda a restante região do Ruhr. Em certas épocas do ano, a luminosidade do dia é reduzida a metade pelas poeiras em suspensão.

Não é, porém, sómente a atmosfera que assim se mostra contaminada. Há também a considerar o caso da água. 16,6 milhões de metros cúbicos de água suja é dirigida quotidianamente para os rios e ribeiros pelas mais diversas empresas. Vinte mil toneladas de sais industriais descem o Reno por dia, e 250 000 litros de óleo poluem anualmente as águas subterrâneas.

Curiosidades

— Qual foi o movimento da «Air-France» em 1961?

— Passageiros transportados:

3 595 000.

Quilómetros percorridos:

101 624 000.

Correio:

28 600 000 toneladas.

Carga:

133 000 000 toneladas.

O VERÃO INGLÊS

deixa de ser curto e frio...

«O Verão inglês está a tornar-se mais longo e mais quente» — eis a opinião de alguns conceituados meteorologistas britânicos, recentemente reunidos em Cambridge para um estudo mundial de temperaturas.

CRISE DE ESPECTADORES

Na Alemanha Ocidental, o número dos frequentadores de cinemas diminuiu novamente no primeiro semestre de 1961. Em 48 cidades alemãs, com mais de 100 000 habitantes, caiu a frequência dos cinemas de 12,1 por cento.

ANDARES EM LISBOA

Vende-se a «IRIS»: — na Enc. do Restelo, Lote 832, c/ 9 div. soalh., 3 c. de banho e vista de mar (800 c.); no Lote 841, c/ 4 div. soalh. e 2 c. de banho (400 c.); na Trav. Torre de Belém, 1, c/ 6 div. soalh. (500 c.); Calç. B. Rocha Cabral (Rato), c/ 7 div. s. e 4 c. de banho (1.080 c.); R. Visc. Seabra 10, c/ 5 div. s. (650 c.); Andares c/ 3 div. soalh., nas Ruas: — Fialho d'Almeida 38 (290 c.); Vict. Hugo 2 (300 c.); São Filipe Nery 39, (330 c.) e Sr. do Monte 30, (300 c.) e c/ 4 div. s. (400 c.) Tel. 30703.

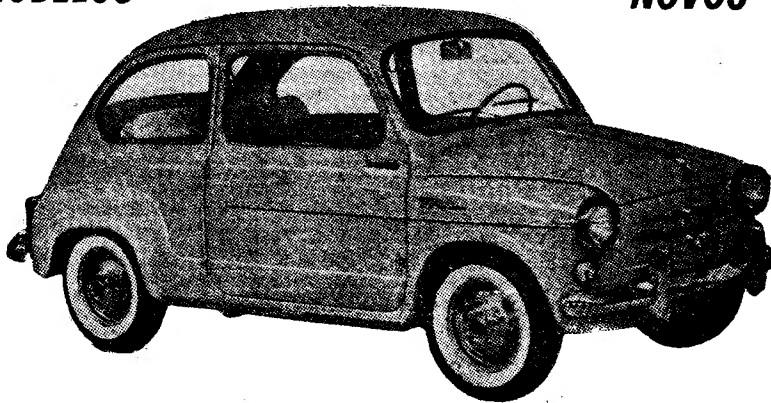
ABARTH

REPUTADA MARCA ITALIANA

APRESENTA

NOVOS MODELOS

NOVOS PREÇOS



EM EXPOSIÇÃO

Stand Nová

Av. Guerra Junqueiro, 9-A

LISBOA

AGENTES GERAIS

VITAUTO

LISBOA

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica
do dr. I. M. LEVITT

112



LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«O Manto»

por Agustina Bessa Luís

A obra de Agustina Bessa Luís foi, nos últimos doze ou quinze anos, a mais forte revelação de personalidade literária feminina na ficção romanesca em Portugal. Essa personalidade surgiu logo definida nos seus traços fundamentais: intelectualismo, visionarismo, veemência dramática intimista, fluência impetuosa da forma, enigmático nos caracteres e nas implicações dos actos — e envolvendo tudo isso uma obscuridade de estilo e de intenção que parecia sugerir a perspectiva de múltiplos caminhos possíveis. A riqueza interior e literária da escritora não deixaram dúvidas a ninguém desde os seus primeiros passos divulgados. E o que se aguardou, em qualquer dos caminhos antevistíveis, foi uma marcha criadora ascensional. Ora, para ser realmente ascensional, o que importaria acima de tudo é que fosse uma marcha de clarificação. Até ao presente não aconteceu assim. Agustina Bessa Luís, desde «Os Super-Homens» e «A Sibila» publicou mais quatro romances, uma peça de teatro e um livro de viagens. E em tudo isso não se depara ainda a via desejável da clarificação, capaz de revelar em plena luz de expressão e compreensão humanas os tesouros profundos deste temperamento forte de escritora.

Haverá quem argumente — e talvez o creia ainda a própria autora — que a obscuridade visionária é o cunho definitivo de alguns grandes renovadores literários, que assim foram um Kafka ou um Joyce e que outros lhes seguem pelo mundo vasto da literatura as pisadas enigmáticas mas fecundas. Talvez seja assim — mas talvez haja, também, um largo espectro de ilusão nesse juízo justificativo: o que faz a grandeza perdurável dos Kafka e dos Joyce não é o sudário das suas obscuridades mas o que eles próprios foram capazes de clarificar ou o tempo por eles clarificou nas suas obras. Com a extraordinária fluência dos seus dons



Agustina Bessa Luís

de prosadora, de analista dos caracteres, de narradora visionária de ambientes, de inventora ou reconstrutora de personagens, Agustina Bessa Luís poderia ser uma grande romancista. E não o é ainda nem se sabe se o virá a ser — porque cede à onda do seu tumulto criador e não conquista a claridade da composição romanesca nem a verdade vivente das suas figuras intelectuais.

Neste romance «O Manto», agora publicado, é esse o testemunho que mais avulta. É quase no final do livro que se depara a implícita confissão: «Todo aquele que possui a memória do amor é, com certeza, um contador de histórias. Eis o que faz falta, o que é preciso ir buscar nos poeirentos largos, nas matas onde as acácias se cobriram de ouro, nas cozinhas escuras de cintilantes chaminés. E o contador de histórias — peço perdão — não é um romancista. Lembra-se, não constrói; deixa-se arrastar pela memória do amor e surpreender pelos episódios, tão vivos no seu coração, que não pode menos que sublinhá-los conforme a sua própria surpresa».

A transcrição é longa mas é um precioso depoimento. Mas é em face dele, justamente, que se pergunta porque não há de Agustina Bessa Luís fazer da sua arte de

memorialista romantizante e intelectualizante do amor, da sua arte de surpresa, de participação e de coexistência uma grande arte de romancista. Só lhe falta, para isso, o voluntário esforço da claridade, da racionalidade psicológica e existencial, da longa paciência da construção e da condensação.

As páginas de «O Manto» estão carregadas de multiformes tesouros literários. Uma surpreendente e perturbadora poesia, que em tudo toma os seus pretextos — na paisagem urbana e rústica, nas congeleminações intimistas, nos encontros dos seres que buscam ou anseiam a comunhão plena — envolve em sinuoso véu todo o fio de uma história evanescente. Um estilo quente, torrencial, divagante e, apesar disso, sem retórica alguma, amoldado aos mais vastos ou aos mais limitados enquadramentos da observação e da evocação. Mas no impeto de criação há um constante oscilar de desequilíbrios — e os temas, alusões, imagens, palavras carregadas de sentido ou de enigmáticas, rodopiam num estranho jogo de mistérios. O romance é uma desordem cintilante. E há nele trechos poderosos, como os de certas visões citadinas do Porto ou a descrição do colectivo banho lustral de S. Bartolomeu do Mar que não mais se apagam da imaginação impressionada. Mas quem são, como seres humanos autênticos, Filipe, Purinha, Lourença, Angelo — galeria de personagens que nunca se estruturam nem definem num comportamento e cujos diálogos, quase sempre, se diluem em mistério? Um romanticismo moderno mas invertebrado domina irresistivelmente a arte romanesca da escritora. E é talvez por pressentir os seus malogros que neste romance de Agustina Bessa Luís aflora uma tenue, velada irritação ante a vida que decorre e caminha, que não se deixa confinar nos esquemas precariamente individualistas e lhe aponta outros rumos de escritora. Um rumo, sobretudo, que ela mesma entrevê ao invocar em certo passo a gente «que não romantiza a dor, que a vive».

Há uma legenda de Agustina que importa assinalar ainda: «Edifique, mos o presente, que o futuro nos destruirá». A sua arte de escritora se poderá aplicar, talvez, uma paráfrase expectante: que ela edifique o futuro de uma obra mais humanamente válida para que o presente não seja destruído sem remédio. (Coleção Autores Portugueses, Livraria Bertrand, Lisboa).

«O pecado de João Agonia — Irmã Natividade»

por Bernardo Santareno

Com estas duas peças teatrais de intensa expressão trágica, agora reunidas num só volume, está Bernardo Santareno na plena linha da sua dramaturgia vibrante e original e pessoal. Arte ao mesmo tempo realista e fortemente simbólica, sem o mínimo expediente expressionista e voltada à apreensão directa das grandes contradições da natureza humana representadas em caracteres e nos conflitos em que se defrontam, o teatro deste escritor tem entre os seus méritos maiores o de nada dever a ainelas sugestões ou influências. A unidade de estilo e de essência que o caracteriza — salvo em breves desvios da peça «Os anjos e o sangue» — está perfeitamente expressa em «O pecado de João Agonia». É esta, sem dúvida, uma das mais poderosas criações de Bernardo Santareno, quer para leitura, quer para a presumível representação cénica.

A história condensa-se num só



Bernardo Santareno

caso humano, á volta do qual gravitam até ao exasperado desfecho todas as circunstâncias teatrais que na peça se desenrolam: a anomalia sexual de um homem, gerado de uma raça varonil e implacável que o sacrifica ao orgulho da sua reputação. O ambiente, como em «O crime da Aldeia Velha», é o de um qualquer lugarejo serrano e primitivo. As paixões desencadeadas são simples, a linguagem em que se exprimem é natural e viva, sem precisar de ceder a um ilusório populismo grosseiro. E a acção, no processo dramático bem definido de Bernardo Santareno, evolui com justeza de uma breve preparação ambiental para um crescendo de veemência trágica até rematar no paroxismo dos grandes desesperos ante o irremediável. Em tudo isso há força, vibração, intensidade empolgante. A raiz neo-realista do autor, conjugada com a intuição dos valores emotivos no teatro, através das suas mais violentas expressões, continua a alimentar a arte teatral inconfundível que já lhe conferiu lugar definitivo na nossa literatura do género.

«Irmã Natividade» é a versão original num só acto da peça que foi posteriormente desenvolvida em três actos e um epílogo e publicada em 1957 sob o título «A Excomungada». A brevidade e a concisi-

são desse primeiro contexto não lhe fazem perder nada da sua fundamental substância expressiva. Talvez a valorizem. Um caso de erotismo feminino transferido para a «divina loucura» mística é dado na peça com crueza e intensidade flagrantes.

Em ambas as peças, como nas demais, as grandes forças positivas do teatro de Bernardo Santareno estão expressivamente representadas. E estão, também, as suas limitações: o empirismo, a exaltação demasiada, a carência de ironia, os simplismos temperamentais determinados por uma só peça psicológica absorvente, na generalidade de raiz erótica. Num prefácio de penetrante justeza, em que nem vale a pena apontar alguns breves motivos de discordância, Denis Jacinto assinala que, apesar de serem gente do povo a maior parte dos heróis deste teatro, não é ele ainda «um teatro do povo». Os problemas específicos e verdadeiramente sociais do povo português não estão presentes na dramaturgia de Santareno — e é pena que as suas singulares qualidades não se encaminhem nesse rumo. O individualismo deformador e o psicologismo mais ou menos psicanalítico são os maiores riscos de esgotamento que envolvem a sua temática teatral. Mas há ainda no autor uma relativa juventude que admite a expectativa de muitas revelações. (Edição do autor, distribuidores Divulgação, Porto).

Registo

Na continuidade de uma experiência poética muito original, mas nunca bastante explícita para se reconhecerem os seus mais profundos «ressorts», publicou Salette Tavares o livro de poemas «Concerto em mi maior para clarinete e bateria». A alusão musical do título tem plena justificação no conteúdo da poesia que apresenta. Tal como as notas de música são sinais de uma harmonia intrínseca que só na correlação delas se estrutura, são as palavras, para Salette Tavares, os signos combinados de um ritmo interior que

só desvenda as suas cadências transitórias e não os motivos que o determinam. A tentativa de um atenuado concretismo está quase sempre presente nos versos deste livro, em que há cintilações estranhas, mistérios, alusões impenetráveis — e muitos instantes de verdadeira e comunicante poesia, nos seus mais naturais instantes.

Joaquim António Nunes publicou «Jornais, homens e factos de Portimão», estudo modeladamente ordenado e bem escrito da história da imprensa na sua cidade algarvia, de há um século para cá. Na investigação das origens e actividades dos jornais evocados insere o autor interessantes anotações sobre os que neles colaboraram. Assim desenha uma galeria de figuras que são, ao mesmo tempo, o testemunho da sucessão de épocas, mentalidades, maneiras de viver, reconstruindo uma «petite histoire» provincial de valiosas sugestões. Como monografia desataviada e simples, reflectindo um espírito seriamente cultivado, este estudo de Joaquim António Nunes merece especial louvor e constitui exemplo estimulador para trabalhos do género. A edição é apresentada pela Casa do Algarve na sua colecção de «Estudos Algarvios».

«A sombra caiu sobre o lar que tu deixaste» é uma narrativa romanesca, no róseo estilo sentimental e familiar de certas colecções muito conhecidas, que Beatriz M. de Almeida Pinto escreveu e publicou em Coimbra. A obra não tem como justificação senão o recreio pessoal da autora, convivendo em imaginativa fantasia com as suas personagens.

O interesse actual pelo teatro em alguns sectores literários, sobretudo juvenis, explica uma tentativa curiosa mas indecisa nos seus resultados como «Eu e o meu chapéu», de Adolfo Bugalho, publicada pela Editorial Império. O diálogo da peça tem vivacidade mas escassa substância significativa. E as personagens, desenhadas com certa «allure» moderna, não conseguem dizer o que o autor intentou significar com elas, como símbolos de possíveis situações humanas complexas. É possível que Adolfo Bugalho consiga melhores efeitos teatrais com desígnios mais simples e mais confinados à realidade social observada.

Na Colecção Dois Mundos editou a organização Livros do Brasil o notável romance de Roger Vailland «Fim de semana» — obra de análise dos problemas e fracassos de uma geração que não conseguiu adaptar-se às realidades do seu tempo e do seu lugar. Nela se representa uma das expressões mais vivas e originais do romance francês contemporâneo. Na Colecção Miniatúra da mesma editorial foi, também, publicado o romance «Bartolomeu», de Louis Bayle, um dos mais jovens mas já reputado escritor francês da actualidade. O romance constitui ousada experiência de análise psicológico-social com muitos motivos de interesse. Assinalam-se, ainda, como edições recentes de Livros do Brasil, as novelas policiais «Mobilizado para a morte», de Jay Flinn, e «O homem poderoso», de Mickey Spillane.

Portugália Editora acaba de lançar, em cuidada tradução do italiano por José António Machado, uma das obras de maior êxito na literatura de ficção contemporânea: o romance «A Ciocara», de Alberto Moravia. A angústia das consequências da guerra, na sua esteira de profanações e de deslocação irremediável dos sentimentos, está expressa neste livro com uma intensidade que basta para situar Moravia entre os maiores romancistas latinos deste século. Foi, também, editada recentemente pela Portugália, na sua colecção «Olho de Linces», a novela policial «Sinfonia incompleta», de Raymond Carré, apresentada como obra das mais representativas do género.

SEMANA DE MADRID

por MANUEL RIUTORT

OS alunos do terceiro ano da Escola de Belas-Artes, cerca de quarenta, expõem as suas obras nas arcadas da Plaza Mayor. Cinquenta obras, entre: óleos, desenhos e esculturas. Os fundos obtidos com a sua venda destinam-se a custear as despesas de uma festa que pretendem realizar.

AINDA o caso «Teatro Zarzuela-Maestro Lassalle». Frederico Romero, um dos autores de «El Caserio», a obra que teve uma representação, sem público, devido à proibição da Sociedade de Autores, pede a esta Sociedade uma indemnização de setenta e cinco mil pesetas. Alega que «não se pensou em pedir a sua opinião».

ESTÁ para breve a inauguração de mais uma galeria de arte. Fica na Calle de Alcalá e, ao que parece, já tem nome: Francisco Bayen.

NOS Teatros «Español» e «María Guerrero», a título de experiência, vai passar a dar-se unicamente uma sessão por dia. Aos sábados, domingos e dias feriados haverá duas ses-

sões, uma pela tarde e outra à noite. Esta medida foi tomada de acordo com o reajuste dos horários dos espectáculos públicos.

ELEUTERIO PANIAGUA ao escrever «Los hombres se matan así» não pretendeu fazer um livro de guerra, mas sim oferecer ao público uma mensagem de paz. Participou na Divisão Azul e como diz na introdução deste livro «mais que escrever, em quis explicar aos homens e às mães — especialmente à minha — aquilo que as guerras me meteram pelos olhos dentro».

O PINTOR Daniel Vasquez Diaz completou a bonita idade de oitenta anos. Já pintou mais de dois mil quadros. Da sua actividade de desenhador destaca aqueles que, durante os anos vinte, apareceram no jornal «La Voz». Foi um apaixonado dos tipos populares como: cocheiros, engraxadores, vendedores do mercado e vendedores de lotaria. O seu traço perfeito fixou com extraordinária graça as expressões de muitas figuras populares ao tempo.

A PEÇA «La Dama del Alba», de Alejandro Casona é a obra anunciada para ser representada proximamente no Teatro de Belas-Artes, tendo Assunción Sancho como primeira figura.

PERGUNTO ao escritor Guillermo de Castro por que se refugia tão frequentemente em Ibiza. Sorri e responde: «Não gosto do ambiente de Madrid nem da sua vida intelectual». Mas porquê, insistimos. «Muito pretenciosismo e todos se enganam...».



MATAI-VOS UNS AOS OUTROS

DE JORGE REIS

UM GRANDE ÊXITO DE UM NOVO ROMANCISTA

DISTRIBUIDORES GERAIS:

LIVROS HORIZONTE, LDA. — Rua das Chagas, 17-1.º, Dt.º